A Descoberta da India

ou o

Reinado de D. Manuel

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS

POR

ARTHUR LOBO D'AVILA

A DESCOBERTA DA INDIA

OU O

REINADO DE D. MANUEL

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

---

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.ª qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONCURSO PARA UM DRAMA
ABERTO PELA COMMISSÃO CENTRAL EXECUTIVA

A DESCOBERTA DA INDIA

OU O

REINADO DE D. MANUEL

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS

POR

ARTHUR LOBO D'AVILA

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1898

MEMORIA JUSTIFICATIVA

DA

EXPOSIÇÃO HISTORICA D'ESTE DRAMA

UM dos mais gloriosos, da historia portugueza, o reinado de D. Manuel, em que foi descoberta a India e fundado o imperio portuguez no Oriente.

Não obstante, alguns historiadores portuguezes, e dos mais lidos pelo povo, são menos justos para com este rei e seus maiores cooperadores na obra do engrandecimento nacional—Vasco da Gama e Affonso de Albuquerque. Não só lhes avolumam o que julgam seus erros, mas, por falta de um attento exame das circumstancias em que se achavam, mostram, a seu respeito, um errado criterio historico.

No desenvolvimento do nosso drama historico, procurámos restabelecer a verdade a tal respeito. Justificando, pois, o criterio da peça e a interpretação n'ella dada a certos factos, differente d'essas opiniões, teremos attingido o nosso fim.

Seguiremos por isso o desenvolvimento da acção do drama.

ACTO PRIMEIRO

Começâmos por estabelecer no 1.º quadro o que nos parece ser a verdade, a respeito dos sentimentos do duque de Beja e da Rainha D. Leonor para com D. João II, e justificar o seu procedimento, não o acompanhando na sua doença e morte, criticado por alguns historiadores, entre elles Oliveira Martins, no tomo I da sua *Historia de Portugal*.

É o que buscâmos fazer no dialogo entre Affonso de Albuquerque, Ruy de Pina, Ayres da Silva e Fernão de Mascarenhas.

D. João II não era homem em quem se confiasse. Usára, por suas mãos, do punhal para matar o duque de Vizeu, mandára empregar o veneno para se desfazer de varios inimigos poderosos, e no patibulo fizera caír a cabeça do duque de Bragança e de muitos fidalgos. D. Leonor era sua esposa, mas era irmã d'aquelle a quem o Rei assassinára; o duque de Beja era seu primo e seu cunhado, mas igualmente irmão da victima.

Logo depois de matar o duque de Vizeu, D. João II, para attenuar a impressão causada pelo seu crime, mandou chamar o duque de Beja, deu-lhe todos os bens e cargos que pertenciam ao irmão, promettendo-lhe ainda que, se seu filho fallecesse, e elle não tivesse outro herdeiro legitimo, d'esse momento para diante seria

considerado seu successor. *(Chronica de D. João II,* por Garcia de Resende, cap. LIV.)

Não obstante, quando mais tarde se deu este caso, por o principe herdeiro, D. Affonso, ter morrido da quéda do cavallo na Ribeira de Santarem, D. João II pretendeu faltar á sua palavra, deixando por herdeiro do throno seu filho bastardo D. Jorge, e só o não fez, porque a côrte de Roma o não quiz legitimar.

Perguntâmos: humanamente, que sentimentos poderiam ser os de D. Leonor e D. Manuel para com D. João II? Só a falta de confiança e a aversão. Era natural.

D. Manuel não se envolveu nas contendas entre o Rei, seu cunhado, e a Rainha, sua irmã, em que aquelle luctava para legar o reino a seu filho bastardo, e esta, para que o herdeiro fosse seu irmão, como D. João II se obrigára, e era a solução mais acceita pelo reino. D. Manuel não solicitou a corôa a seu cunhado, não tinha que lh'a agradecer em vida. D. Leonor, que era uma rainha de superior espirito e entendimento, via em seu marido o assassino do irmão, via, com o seu espirito crente e religioso, na morte desastrosa do filho, o castigo das faltas do pae, mas reconhecia ao mesmo tempo que era grande e patriotica a missão que El-Rei se impuzera, de submetter a nobreza ao poder real; tinha-o até coadjuvado, fazendo-se estimada do povo e das corporações municipaes, promovendo-lhes o seu apoio. Era, pois, natural que desejasse ver seu irmão succeder no throno, porque, tendo grande ascendente sôbre o joven duque de Beja, poderia fazel-o proseguir aquella obra começada pelo marido.

D. João II morre longe da familia, e alguns escriptores, como Oliveira Martins no vol. I da sua *Historia de Portugal,* querem fazer cargo d'isso á Rainha e ao supposto herdeiro, estranhando que o não acompanhassem nos ultimos momentos, como agradecimento do legado.

Em primeiro logar, a verdade é que D. João II só o fez, porque não pôde fazer outra cousa; em segundo, quando mandou chamar D. Manuel a Alvor, este dispunha-se a vir, mas não o fez, por El-Rei ter melhorado, e ser passado o perigo imminente. Foi só depois d'isto que El-Rei fez testamento nomeando-o herdeiro. *(Chronica de D. João II,* por Garcia de Resende, cap. CCXI.)

Portanto, considerando as tendencias naturaes do coração humano, e avaliando os caracteres de D. Manuel e de D. Leonor, segundo as acções que os chronistas lhes attribuem, antes e depois d'esta epocha, o systema por que tinham sido educados, as condições especiaes do seu espirito e sentimentos, toda a vida affirmados como esclarecidos e bons, parece-nos justo o criterio moral e politico, que desenvolvemos a seu respeito no quadro 1.º, quanto ao seu proceder para com o fallecido Rei, e em relação aos seus propositos recolhendo a sua herança politica. D. Leonor chegára, por fim, a ser desattendida em pedidos seus á camara de Lisboa *(Rainhas de Portugal,* por F. Benevides, vol. I, pag. 311 e seguintes), e d'ahi a sua allusão a ser necessario emancipar o poder real, tanto do jugo da nobreza, como do jugo do povo.

A scena d'este quadro: a recepção do Infante D. Jorge, é fielmente reproduzida da descripção feita na *Chronica de D. Manuel,* por Damião de Goes, cap. VII, VIII e IX.

No começo do quadro 2.º referimo-nos ás medidas do começo do reinado de D. Manuel, e mais largamente á questão dos judeus. Em contrario do que geralmente se tem escripto, considerâmos habil, e *o mais humana que era possivel,* no tempo que então se passava, a fórma por que D. Manuel procedeu para com os israelitas. O Rei achava-se no dilemma difficil, de conciliar as suas conveniencias de pretendente á mão da filha dos reis catholicos, que perseguiam os judeus, com a bondade natural do seu coração, e a sua perspicacia, que lhe mos-

trava serem elles um elemento de riqueza para o reino. Apesar das alternativas de concessões e rigores da parte de D. Manuel, o proprio Alexandre Herculano reconhece na sua obra, *Origem e estabelecimento da inquisição em Portugal,* que nunca, como no seu reinado, os judeus tiveram tanta protecção e liberdades em Portugal. E, não obstante, os que chamam a D. Manuel pouco perspicaz e egoista, sem grande esforço reconhecerão que, nos actos de rigor contra os israelitas, elle tinha toda a nação a applaudil-o, mas que, em tantos outros que decretou a seu favor, se via só, luctando contra a opinião publica, e apenas ajudado pelo seu intelligente secretario Antonio Carneiro, e pela bondade e rectidão da sua alma. El-Rei, no começo do seu reinado, deu a liberdade aos judeus, que D. João II recebêra no reino quando as outras nações os expulsaram, mas de quem fizera *escravos!* Depois, é certo que tomou contra elles a medida deshumana, que tantos protestos levanta entre os historiadores rigorosos, de lhes mandar tirar os filhos para os baptisar; mas a verdade é que a deshumanidade foi mais apparente do que real, porque ao mesmo tempo reduziu, de tres a um, o numero dos portos por onde os paes poderiam saír do reino, se optassem por essa solução, mostrando assim querer que a grande maioria ficasse em Portugal, o que conseguiu. O seu fanatismo religioso só se exerceu n'estas medidas de alcance moral, pois ao mesmo tempo protegia-os em seus interesses e pessoas contra o odio tradicional dos christãos, e levou o seu espirito de justiça até conceder-lhes todos os privilegios e regalias que tinham os seus subditos, arrostando com a má vontade da nação para com elles.

Quando, em 1506, o fanatismo dos frades deu logar ao massacre dos christãos novos, D. Manuel estava ausente em Evora, mas d'ali mandou logo dois desembargadores do paço e juizes, com plenos poderes para

castigarem os culpados com o maior rigor; mandou levantar forcas, em que muitos dos compromettidos, religiosos e seculares, foram executados, e tirou todos os privilegios á cidade de Lisboa, que esteve sem elles por muito tempo. (*Chronica de D. Manuel,* por Damião de Goes, parte I, cap. CIII.)

Logo no começo do seu reinado, D. Manuel se occupou successivamente das questões mais importantes para o bem-estar da nação, e confirmou as mercês feitas por D. João II nos seus ultimos dias. Aváro, como foi depois, em dar mercês, respeitou quanto o seu antecessor fizera. (*Chronica* citada, cap. IX, XI, XVI e XXV, parte I.)

Depois, occupando-se da descoberta da India, planeada por D. João II, resolveu-a *por sua imposição,* contra a vontade do conselho e o sentir geral da nação. (*Asia portugueza,* por Faria e Sousa, vol. I, pag. 28; *Histoire générale de Portugal,* por Lequien de la Neuville, tom. II, pag. 20.)

A escolha de Vasco da Gama para capitão mór da armada, dizem uns auctores ter sido resultado de indicações deixadas por D. João II, a respeito de seu pae para tal cargo; outros, como Gaspar Correia (*Lendas da India,* tom. I, parte I, pag. 12), de uma inspiração subita de D. Manuel. Pareceu-nos dever e poder conciliar no drama as duas hypotheses, ambas plausiveis, em rasão das muitas indicações deixadas por D. João II e do espirito altamente crente de D. Manuel. A scena da nomeação de Vasco da Gama segue a descripção feita nas *Lendas da India*, tom. I, parte I, cap. V.

A partida da armada descobridora foi disposta segundo as descripções das *Lendas da India, Asia portugueza, Historia de Portugal* de Pinheiro Chagas, e *Historia de Portugal* de Oliveira Martins.

Nos dialogos do povo traduzimos o reconhecimento natural para com D. Manuel, pelo seu desvelo como

rei em lhe promover justiça e regalias, e para com D. Leonor por suas obras de caridade, sem deixarmos comtudo de mencionar que o espirito popular era contrario á empreza maritima da India.

Damos no final do quadro a nota dominante na apostrophe do ancião do Restello, porque é uma creação de Camões, póde dizer-se, já consagrada historicamente, embora seja filha da phantasia do sublime épico.

O incidente do homem do povo que se dirige a El-Rei D. Manuel, tem por fim dar a nota de quanto o monarcha era accessivel aos mais humildes, e casos identicos são mencionados na *Chronica de D. Manuel,* parte IV, cap. LXXXIV, pag. 596 e 597.

ACTO SEGUNDO

Todo o quadro 1.º é disposto seguindo rigorosamente as descripções da viagem da descoberta, conforme as fazem, Gaspar Correia nas *Lendas da India,* Damião de Goes na *Chronica de D. Manuel,* João de Barros nas suas *Décadas,* Castanheda na *Historia da India,* Faria e Sousa na *Asia portugueza,* e como é tambem mencionado no *Roteiro,* attribuido a Alvaro Velho.

Na edição do *Roteiro* por Alexandre Herculano, o illustre historiador dá como causa provavel de ali se não mencionar a conspiração dos mestres e pilotos, que vem nas *Lendas da India,* e que os *Lusiadas* reproduzem tambem, o facto do proprio narrador ser naturalmente amigo dos compromettidos, e não querer mencionar um facto pouco honroso para os seus companheiros. Por isso damos a Alvaro Velho o papel de conhecedor da conspiração, de que, aliás, se afasta.

(Veja-se a nota de pag. 338, vol. IV da *Historia de Portugal,* de Pinheiro Chagas.)

As palavras que pomos na bôca de Vasco da Gama são, quanto possivel, as mencionadas nas *Lendas da India,* que Herculano e Pinheiro Chagas dizem ser a obra que mais nos mostra o viver íntimo dos descobridores. (Veja-se a obra que acabâmos de citar, a pag. 329.)

Na energia, na fé christã, na confiança em o proprio saber, que procurámos traduzir nas acções e palavras de Vasco da Gama, desejâmos mostrar que elle não era apenas, como dizem alguns escriptores estranhos, e até historiadores portuguezes, um simples executor, valente, mas materialão, de um plano alheio. Ha quem diga que elle é inferior a Colombo *(Historia de Portugal,* por uma sociedade de homens de letras, vol. III, por A. Pimentel, pag. 239), porque não tinha o saber e a fé d'aquelle! Saber, sem querermos affirmar que o tivesse tamanho como o navegador genovez, no geral das sciencias de então, tinha bastante como navegador, e d'isto dá prova o sr. Pinheiro Chagas *(Historia de Portugal,* vol. IV, pag. 348). E seguir, com tamanha fé e força de vontade, um plano que, embora soubesse apreciar, não era propriamente seu, parece-nos que é dar maior documento de fogo sagrado, como descobridor, do que dá aquelle que segue um plano que lhe pertence. Buscámos, por isso, de certo sem o conseguirmos, elevar o vulto do descobridor á grandeza heroica que realmente possuia.

No quadro 2.º, em que representâmos o acampamento nas margens do Rio dos Bons Signaes, em que Vasco da Gama concertou os navios e levantou um padrão, seguimos as mesmas fontes historicas, inclinando-nos de preferencia para a narrativa das *Lendas,* nos pontos em que encontrámos divergencias entre as exposições dos chronistas do tempo. Assim, dizemos

com Gaspar Correia que foi queimada a nau *S. Miguel (Lendas da India,* tom. I, parte I, pag. 28). Esta nau era a que alguns auctores designam com o nome de *Berrio,* que era o do seu antigo dono e armador, a quem a fazenda real a comprou.

A paginas 31 d'este mesmo volume, vem narrada a erecção do padrão, e o facto de Vasco da Gama ter então perdoado aos mestres e pilotos. Fizemos acompanhar esta cerimonia do acto da benção, para dar a nota do espirito religioso que presidia a todos os actos importantes da expedição, como era celebrar-se a missa cada vez que a armada se fazia ao mar, acto este que não poderiamos reproduzir em scena.

No quadro 3.º, o da recepção de Vasco da Gama em Cananor, preferimol-a á de Calecut, que foi o primeiro porto da India a que a expedição chegou, porque esta não teve nem o apparato, nem a sinceridade e elevação politica d'aquella, obra apenas de calculos traiçoeiros do Samorim, que, como diz Pinheiro Chagas (pag. 360, do vol. IV da *Historia de Portugal),* recebeu o capitão mór por fórma que o offendeu, desdenhando dos seus presentes, e fazendo pouco do descobridor e do rei que o enviava.

Em Calecut, Vasco da Gama é obrigado a usar de um estratagema, apresentando-se como capitão de uma armada de cincoenta náus, cuja maioria vinha ainda no mar. Tambem n'essa entrevista se falla mais em trocas de mercadorias do que em allianças politicas. Portanto, uma de duas: ou reproduzindo a recepção de Calecut a haviamos de falsear, na sua verdade historica, ou reproduziriamos quadro muito menos elevado do que o da recepção em Cananor, em que o Gama, com a experiencia do que já passára em Calecut, se apresentou altivamente como enviado de D. Manuel. Compare-se as duas recepções lendo os capitulos seguintes das *Lendas da India:* cap. XVI, XVII e XVIII, tom. I, parte I.

A verdade historica, mostra-nos que o rei de Calecut celebrou a chegada do glorioso descobridor, fazendo-o prender em um barracão infecto *(Lendas da India,* volume citado, pag. 103 e seguintes), pelo contrario, o rei de Cananor mandou construir um pavilhão sobre o mar para o receber, pois que Vasco da Gama pretextava não ter licença de El-Rei de Portugal para ir a terra.

Não tinhamos que hesitar, para conciliarmos a verdade historica com o esplendor da empreza de Vasco da Gama e com o melhor effeito scenico.

No quadro 4.º, o da recepção do descobridor na côrte de D. Manuel, seguimos a descripção feita por Gaspar Correia *(Lendas da India,* tom. 1, parte 1, pag. 141, e seguintes), na fórma por que El-Rei o acolheu e o mandou receber a bordo, e como lhe conferiu o tratamento de *dom.* Nos dialogos, seguimos quanto possivel as palavras que este auctor lhes põe na bôca, e nas scenas entre os cortezãos começâmos a traduzir as rivalidades entre os *novos* e os *velhos* servidores da realeza, que depois se desentranharam nos emmaranhados enredos das intrigas politicas e palacianas, a que D. Manuel muitas vezes prestou ouvidos, cioso da sua auctoridade de rei, á qual parecia receiar fizesse sombra a gloria dos heroes como Vasco da Gama, Duarte Pacheco, Affonso de Albuquerque e D. Francisco de Almeida, que todos soffreram provas da sua ingratidão. Não lhe escondemos os erros, embora, fazendo-lhe justiça, mostremos que acabava sempre, bom e leal como era no fundo, por os reconhecer e arrepender-se, reparando-os como podia. É a justiça que se deve fazer a D. Manuel.

A phrase do fim da recepção de Vasco da Gama, quando El-Rei manda dar aos expedicionarios dez arrateis de cada especiaria: *para as suas mulheres repartirem com suas comadres e amigas,* parecerá talvez descabida em tal acto solemne, mas é *authentica.* (Veja-se a pag. 142 do tomo citado das *Lendas da India.)*

ACTO TERCEIRO

No quadro 1.º procurâmos evidenciar a influencia que sobre o animo de D. Manuel exercia o seu intelligente e patriotico secretario Antonio Carneiro. Buscâmos tambem mostrar a personalidade d'este rei, como julgâmos ter sido na realidade, tendo qualidades e defeitos. Este monarcha tinha recebido uma boa e solida educação, e fôra estudioso e applicado; o seu espirito era profundamente crente e devoto, o seu temperamento physico bastante frio e ponderado. O que o eminente escriptor, Pinheiro Chagas *(Historia de Portugal,* vol. v, cap. VII), desenhando o seu caracter, indica principalmente como egoismo, entendendo que a divisa que lhe pertence como rei é: *après moi le déluge,* parece-nos menos justo.

Poderá considerar-se como egoista insensivel aos successos futuros, o rei que fez um largo testamento, que é um monumento de solicitude e cuidado de chefe da nação e de chefe de familia?

N'elle tudo deixa indicado a seu filho, desde os homens com quem devia governar até ás allianças ajustadas ou projectadas para seus filhos; desde os provimentos dos mais altos cargos do estado, até ás dadivas e gratificações aos seus mais humildes creados! Leia-se este bello documento (vol. II, das *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza,* por D. Antonio Caetano de Sousa, pag. 325 e 348) e ter-se-ha logo a comprehensão de que D. Manuel, apesar dos seus defeitos, foi um grande rei e um exemplar chefe de familia.

Vejâmos outras particularidades da sua vida, pelas quaes se deve apreciar o *homem.*

D. Manuel é o decimo sexto Rei de Portugal, e o *segundo* que não teve concubinas, nem deixou filhos bas-

tardos. Isto, não o temos por um merito filho da sua iniciativa, mas por uma questão de temperamento.

Mas é *um factor* que devemos ter em vista quando se trata de avaliar com justiça o *homem,* no meio de tantas opiniões diversas, que o dizem um *santo* e outras um *máu.* A critica hoje, para ser segura, não póde prescindir d'estas indicações. A moralidade pessoal de D. Manuel, chefe de familia, é um indicio importante para ajuizarmos da moralidade dos seus actos de rei.

Esse rei, a quem a critica superficial accusa acremente, por ter casado com a mulher pedida para seu filho (o que em seu logar explicaremos), emquanto viuvo do segundo matrimonio, fez sempre dormir no seu quarto seus dois filhos, o Principe D. João e o Infante D. Luiz. *(Chronica de D. Manuel,* parte IV, cap. LXXXIV.)

Reconhece-se que havia no seu espirito uma aversão natural para as ligações irregulares, e para a bastardia, sua consequencia, porque logo no começo do seu reinado solicitou e obteve do papa que os commendadores das ordens de Christo e de Aviz podessem casar *(Chronica de D. Manuel,* parte I, cap. XVII), e com sua irmã cooperou no estabelecimento e desenvolvimento da instituição da Misericordia de Lisboa.

A par d'isto, El-Rei D. Manuel era o mais pontual possivel no cumprimento dos deveres do seu cargo. Tinha dias e horas destinadas para todos os seus trabalhos de rei; e como pae, educando cuidadosamente todos os seus filhos, desde que o principe herdeiro completou doze annos que o ensinava *a reinar,* tendo-o ao seu lado no conselho, e fazendo-o conhecer todos os negocios da governação.

Os infantes, mais estudiosos e applicados do que D. João, tiveram igualmente as mais aprimoradas educações, e o Infante D. Luiz foi um distincto cultor das letras.

D. Henrique, depois cardeal-rei, era tambem muito instruido. Aquelles mesmos auctores que mais incensa-

dores foram para com D. João, e menos affeiçoados a D. Manuel, reconhecem n'este os meritos de pae desvelado na educação de seus filhos, e constatam que o principe herdeiro era de todos elles o menos applicado e menos perspicaz. *(Annaes de D. João III,* por fr. Luiz de Sousa, cap. IV; *Chronica de D. João III,* por Francisco de Andrada, cap. III e IV.)

Perguntâmos novamente: um rei que assim procede, póde com justiça ser alcunhado de indifferente ao futuro? Um rei, que deixou tantos monumentos grandiosos, que tanto elevou as artes e sciencias do seu paiz, chamando ao reino os sabios mais notaveis da Europa, obrigando a nobreza a frequentar escolas, festejando no paço os escriptores de engenho, póde, com justiça, ser tido como chefe d'estado para quem era absolutamente indifferente o que succedesse depois da sua morte?

Parece-nos que não!

Basta comparar o indice da *Chronica de D. João II,* a quem chamam o *principe perfeito,* por Garcia de Resende, com o da *Chronica de D. Manuel,* por Damião de Goes, para se ter logo a prova de que este rei se occupou na sua vida, ainda com maior desvelo e constantemente, de questões muito mais importantes para o estado, seguindo, aliás, a missão encetada pelo seu predecessor, de submetter a nobreza.

Mas diz-se: não edificou em bases solidas o futuro da nação *(Historia de Portugal,* de Pinheiro Chagas, tom. V, pag. 121), não aproveitou para isso os grandes meios que teve ao seu alcance! Vejâmos: D. Manuel reinou *vinte e seis annos.*

É um praso grande na existencia de um homem, mas é um momento apenas na vida de uma nação, principalmente quando esse momento faz parte de um seculo extraordinario, como foi o XV–XVI, em que ha um enorme trabalho de elaboração social devido a novas luzes, mas em que nada é ainda definitivo. Em epochas taes não

póde um rei, por mais dedicado, energico e intelligente que seja, deixar *obra acabada.* Já faz muito, se *prose-guir* na sua obra, harmonisando-a com as idéas e a transformação geraes.

Foi justamente o que fez El-Rei D. Manuel. Leiam-se as paginas da *Historia de Portugal,* de Rebello da Silva, em que o grande escriptor trata do seculo XVI, e ver-se-ha que Portugal, sob a influencia intelligente de D. Manuel, caminhou na vanguarda da civilisação. Isto mesmo reconhece Pinheiro Chagas na sua já citada *Historia de Portugal,* pag. 127 a 135, tom. V. Desde a admissão da grande descoberta da imprensa, passando pela importação para o paiz dos mais adiantados processos das artes e industrias, até aos assumptos da ordem social e politica, as instituições de beneficencia e previdencia, as missões estabelecidas na Africa para ensinarem aos selvagens a nossa fé, e assentarem nos corações indigenas o affecto a Portugal, D. Manuel adoptou, em quantos assumptos interessavam ao reino, as idéas e luzes novas da grande epocha que a Europa atravessava.

Subindo ao throno, este monarcha encontrou em meio o plano de D. João II, que, cansado da lucta violenta com a nobreza, o tinha em grande parte parado.

Esse plano tinha dois numeros essenciaes: submetter a nobreza ao poder real, alliviando a corôa dos encargos financeiros que as regalias aristocraticas representavam, tirando-lhe privilegios e rendas, era o primeiro d'esses numeros; o segundo, era dilatar o poder da nação, por meio das descobertas e conquistas de alem-mar.

Estes dois objectivos eram incompativeis, e para os conciliar era precisa muita habilidade.

Teve-a D. Manuel.

O povo, que era o apoio natural da corôa sempre que esta tratava de cercear poderes e rendas dos nobres, recusava á corôa o seu concurso, quando se tra-

tava de emprezas maritimas e guerreiras. Para essas, precisava a corôa do concurso da nobreza. D. João II, que deixou muitos planos e apontamentos de estudos para estas emprezas, não chegou a encetal-as; mas a moderação, que, no final do seu reinado, começou a mostrar no ardor das reivindicações da realeza, são, quanto a nós, um indicio seguro de que ía reconhecendo a necessidade de se congraçar com ella, pois que não seria com *deputados aos estados geraes, e vereadores das camaras,* que elle iria descobrir a India e conquistar o sonhado commercio do imperio do Preste João! Esses, não eram navegadores, nem guerreiros, e diziam abertamente que taes emprezas se não deviam emprehender.

Foi isto o que D. Manuel comprehendeu, esclarecido de certo pelos conselhos da perspicaz e patriotica intelligencia do seu secretario, e verdadeiro ministro, Antonio Carneiro, e aconselhado por sua esclarecida irmã a Rainha viuva, D. Leonor.

Por isso, D. Manuel, logo no principio do seu reinado, começou a congraçar-se a nobreza, confirmando as ultimas mercês feitas por D. João II, chamando ao reino os senhores de Bragança e outros nobres exilados, mas revelando-se intransigente em sustentar o respeito das prerogativas reaes, deixando os cavalleiros aproveitarem-se das riquezas conquistadas no Oriente, mas sendo aváro de mercês que, estabelecidas em rendas e senhorios em Portugal, representavam, a par de valores materiaes, acrescimo de poder e influencia no reino. Todos sabem que a nobreza acabou por ter D. Manuel na conta de mesquinho.

É que D. Manuel, mais habil e fino do que no geral se pensa, dava-lhe festas, dava-lhe a sua guarda roupa, emprestava-lhe os seus cavallos, fazia-a participar da grandeza real, mas por uma fórma em que lhe não acrescentava nem auctoridade nem poder territorial, e na qual o maior esplendor ía sempre, no fim, convergir

para a corôa. Conciliou-se o auxilio da aristocracia, mas não como Affonso V, deixando crear reis dentro do reino.

D'essa largueza em que deixava os cavalleiros, foram consequencia natural a desordem nas attribuições e poderes, e as competencias, as incompatibilidades entre os que tinham cargos militares ou civis nos dominios conquistados. E foi sempre de factos d'esta ordem que resultaram as más vontades e as ingratidões de D. Manuel para com os seus mais notaveis servidores: Affonso de Albuquerque, Vasco da Gama, Duarte Pacheco, D. Francisco de Almeida e outros, que não transigiam com a voracidade e desmando dos capitães e cavalleiros. (Veja-se o que a este respeito escreve Diogo do Couto no seu *Soldado pratico.)*

É da ordem natural das cousas, que tudo n'este mundo tem os seus *prós* e os seus *contras*. Teve-os o systema de D. Manuel. Mas o que se deve apurar, é o saldo definitivo, quando se balanceiam: *vantagens* e *inconvenientes*. O *saldo* da obra de D. Manuel foi, apesar de tudo, *positivo*, em gloria e elevação de poder e de artes, sciencias e riqueza material, como nunca houve no nosso paiz. Foi tal, que apesar dos desastres que se lhe seguiram o paiz não succumbiu, e nós hoje ahi estamos beneficiando d'elle!

Contra esta realidade é que não ha argumentos!

D. Manuel era altamente *cioso* do seu poder real.

Aquelles que mais intimamente o trataram e levaram em muitas cousas para onde queriam, como Antonio Carneiro, o barão de Alvito, D. Francisco de Portugal, depois conde de Vimioso, e outros politicos da côrte, faziam-n'o, deixando-se ficar na sombra, para se ostentar a iniciativa do Rei.

Pelas condições especiaes em que se achavam, os governadores e vice-reis da India, e principalmente os que eram heroes gloriosos, como os que acabâmos de citar, quando se queixavam ao Rei, dos cavalleiros, ou

lhe aconselhavam planos diversos dos approvados no seu conselho, punham-se naturalmente em evidencia, causando necessariamente sombra á auctoridade real. D. Manuel dava então facilmente ouvidos ás intrigas que exploravam estes factos, rompia em actos menos pensados, desconsiderava leaes e gloriosos servidores, mas vinha sempre mais tarde a reacção do seu bom senso e do seu espirito justiceiro, reconhecia os proprios erros e reparava-os.

Em todo o quadro 1.º do acto III, começâmos a desenhar n'estas linhas o caracter do Rei e os acontecimentos do seu reinado, não apresentando *um só facto* a comproval-os, que não seja *rigorosamente historico.*

A peregrinação de D. Manuel ao tumulo de Affonso Henriques, os seus planos de passar á Africa, as intervenções das Rainhas e de Antonio Carneiro, as luctas de competencias entre os conselheiros do Rei e os seus mais illustres servidores de alem-mar, tudo vem mencionado nas obras que temos indicado, e com especialidade na *Chronica de D. Manuel,* cap. XLVII, LIII, LXIV, LXV e LXXI.

No quadro 2.º buscâmos apresentar a attitude do descobridor da India em face d'esses successos, durante o periodo de perto de doze annos em que, segundo todas as probabilidades, se conservou afastado da côrte, de 1505 até 1517, pelo menos.

Temos por um ponto muito serio e melindroso, o fazer o retrato moral de Vasco da Gama, n'essa especie de penumbra historica em que se conserva durante uma grande parte do reinado de D. Manuel, porque nem se tem encontrado bastantes documentos authenticos em que se fundamente um estudo seguro e definitivo, nem, por isso mesmo que o almirante do mar da India voluntariamente se exila da côrte, a sua personalidade apparece ligada na maior evidencia aos successos da historia geral do reino, como no periodo da descoberta.

Ainda assim, as obras a que podemos soccorrer-nos e que maiores luzes dão a tal respeito, são, afóra as *Lendas da India,* a memoria publicada pelo sr. Luciano Cordeiro com o titulo: *De como e quando foi feito conde Vasco da Gama,* o livro do sr. Teixeira de Aragão: *Vasco da Gama e a Vidigueira,* e a obra recente do sr. visconde de Sanches de Baena: *O descobridor do Brazil.*

São importantes estas obras, em especial, quanto a documentos sobre mercês conferidas a Vasco da Gama, a do sr. Luciano Cordeiro. Mas a epocha que então corria era por tal fórma agitada por luctas de competencia disputando o favor do monarcha, devendo a gloria e as graças concedidas ao almirante ser objecto de grandes invejas, que só havendo, a par das referencias á sua attitude em taes successos, grande copia de pormenores documentados sobre factos da sua vida intima, se poderia com inteira segurança, cotejando uns com outros, assentar definitivamente em linhas firmes o desenho do seu caracter. Ora, esses esclarecimentos sobre a sua vida intima não são numerosos, e os que ha, longe de accusarem no descobridor da India certos defeitos que alguns auctores lhe têem querido notar, são essencialmente abonatorios de boas qualidades.

Quer-se ver em D. Vasco da Gama uma desmedida ambição interesseira. Não encontrâmos factos historicamente averiguados que o provem, como se verá da resenha que vamos fazer das mercês que D. Manuel lhe concedeu, mencionando os successos que na sua outorga e cumprimento se deram.

Devemos começar por incluir, como verdadeira mercê, a sua nomeação para capitão mór da armada enviada á descoberta da India, porque havia muitos que a pretendiam. Mas D. Vasco da Gama não era d'esse numero, e, como já dissemos, é plausivel que D. Manuel o escolhesse, não só por seus meritos *(Lendas da In-*

dia, tom. I, parte I, pag. 12), mas por ser filho d'aquelle a quem D. João II tinha notado em seus apontamentos para tal missão — sabendo de certo D. Manuel que Paulo da Gama, seu irmão mais velho, andava homisiado por causa do ferimento que fizera ao juiz de Setubal.

Ora, conforme vemos narrado por Gaspar Correia, no volume citado a pag. 13 e 14, D. Vasco da Gama, sendo escolhido para o encargo destinado a seu pae por D. João II, aproveita o ensejo para obter o perdão de seu irmão mais velho, instando com o Rei para que lhe seja antes dado o commando supremo da armada. D. Manuel é que o não consente.

Durante a viagem da descoberta, a par das altissimas qualidades de navegador destemido, valoroso capitão e habil politico, o descobridor manifesta-se no trato intimo, lhano, affavel, communicativo, sem prejuizo da energia de chefe *(Lendas da India,* tom. I, parte I, pag. 15, 140, 141, e seguintes), estranho a ambições pessoaes, repartindo pelos seus companheiros as dádivas dos reis de Melinde e de Cananor. Quando se refere ás mercês que os trabalhos da descoberta merecem, nunca allude ao que lhe é devido, mas aos seus companheiros. Regressando ao reino, não deixa de os pôr em evidencia ante os olhos de El-Rei, e pelo que respeita á propria recompensa, vê-se que a sua maior aspiração o honra sobremaneira, porque visa principalmente a reconstituir os antigos dominios dos seus antepassados, perdidos não sabemos se por culpas d'estes, se de seus irmãos mais velhos. Paulo da Gama, vimos já que andava homisiado, e n'aquelle tempo uma tal situação tinha consequencias immediatas e funestas na perda de dominios e mercês rendosas.

Chegando de descobrir a India, varias são as mercês com que D. Manuel recompensa Vasco da Gama. Dá-lhe, em primeiro logar, logo no dia immediato á sua chegada,

o titulo de *dom (Lendas da India,* tom. I, parte I, pag. 141), para si e seus descendentes. Outros de seus parentes ficam sem essa distincção nobiliarchica, e d'aqui surgem invejas da parte mesmo de pessoas do seu nome, que lhe combatem a aspiração a reconstituir a casa paterna, como adiante veremos.

Dá-lhe mais El-Rei o cargo de almirante do mar da India, com direitos iguaes e iguaes honras ás do almirante de Portugal, e a prerogativa especial de poder tomar o commando de qualquer armada com destino á India, ainda que já tivesse capitão mór nomeado.

Em setembro de 1499 *(Lendas da India,* tom. I, parte I, pag. 138), chega Vasco da Gama a Lisboa de descobrir a India, e em 24 de dezembro, El-Rei, por *carta de promessa,* faz-lhe *doação e mercê da villa de Sines de juro e herdade, com suas rendas e direitos, tirando o dizimo de Deus do mar e da terra e com sua jurisdicção civil e crime.*

D'esta povoação, em que Vasco da Gama nascêra, fôra alcaide, no tempo de D. João II, e ainda o era no anno de 1479, Estevão da Gama, seu pae. El-Rei assim o recompensa, naturalmente porque o descobridor manifestava o louvavel desejo de reconstituir o dominio paterno.

A villa de Sines pertencia, porém, agora, á ordem de S. Thiago, de que era mestre o Infante D. Jorge, filho bastardo de D. João II, e d'ella era commendador D. Luiz de Noronha. Na obra do sr. Luciano Cordeiro, que já citámos, vem mencionadas todas as circumstancias conhecidas que então se davam relativamente á effectividade d'esta mercê, que, para se ultimar, carecia da *dispensasão* ou auctorisação do papa para a ordem a ceder á corôa, e esta a poder doar, de *facto,* como a podia doar, de *direito.*

É por isso que El-Rei confere a D. Vasco da Gama apenas: *carta de promessa*, que mais tarde seria substi-

tuida por alvará de doação em fórma, e lhe concede mais, em 20 de fevereiro de 1501, uma compensação de 1:000 cruzados de oiro emquanto não lhe for entregue definitivamente a villa. Vê-se, pois, que havia já *dois annos* decorridos sem se ter ultimado a doação em fórma, e o facto de mais tarde, em 1507, ser João da Gama (Gama sem *dom)* e tio do descobridor, quem, na qualidade de védor da ordem de S. Thiago e fidalgo da casa do mestre, se apresenta na chancellaria da ordem, em S. Thiago do Cacem, a fazer registar o alvará fulminante com que D. Manuel mandára saír o descobridor, com sua familia e creados, da villa, sob pena de multa de 500 cruzados, e suspender as obras que ali começára, no praso de trinta dias, é prova evidente, não só da opposição feita á conclusão da promessa de El-Rei, mas que os proprios parentes de D. Vasco da Gama guerreavam a sua legitima aspiração, a que a recompensa do seu glorioso feito fosse constituida no renascimento dos antigos dominios de seus maiores.

Depois de um facto d'esta ordem estar assim historicamente documentado, não nos parece que haja grandes rasões para dizer que a ambição desmarcada e as más qualidades residiam em Vasco da Gama, nem para estranhar a altivez com que depois reagiu por vezes contra a ingratidão de El-Rei, e a ousadia de seus inimigos na côrte.

Naturalmente, essas hostilidades vinham, desde que El-Rei lhe *promettêra* tal mercê em 1499, creando difficuldades ao cumprimento da dispensação do papa. Anteriormente, ainda até 1505, pelo menos, o almirante residíra na côrte, como se conclue da passagem das *Lendas da India* (tom. I, parte II, pag. 525), relativa á nomeação de Tristão da Cunha para capitão mór da armada a partir para a India, por conselho do descobridor a D. Manuel, que muito o consultava sobre os negocios do Oriente.

Em setembro de 1501, regressára Pedro Alvares Cabral da India, e apesar de ter descoberto a então chamada India do Occidente, ou Terras de Santa Cruz, em 1500, logo ao partir do reino, para a India do Oriente, descoberta pelo Gama, é que convergiam todas as attenções, e o facto de lá ter recebido Alvares Cabral aggressões do Samorim, que não castigára devidamente, e o regressar a Lisboa apenas com quatro das treze náus com que partíra, deixando algumas no Oriente sob a capitania de João da Nova, e tendo perdido outras, fez olhar a sua expedição como um desastre e esquecer a descoberta do Brazil.

No volume que temos citado das *Lendas da India,* a pag. 230 e seguintes, diz comtudo Gaspar Correia que El-Rei lhe fez *muy honrado recebimento.* D. Vasco da Gama tomou parte importante n'essa recepção, e, segundo diz o sr. Pinheiro Chagas descrevendo estes successos no seu romance historico *O naufragio de Vicente Sodré,* se houve pessoa que procurasse disfarçar o desastre de Pedro Alvares Cabral, foi o descobridor da India.

É mais uma prova da sua grandeza de alma.

Pelas palavras que Gaspar Correia põe na bôca de El-Rei e na de D. Vasco da Gama n'esta occasião, vê-se que o descobridor, dizendo: *Senhor! o mór trabalho da India será causado de Calecut, mas o poder de Deus e de V. A. amansará tudo,* se não eximia a dar vulto ás difficuldades com que Alvares Cabral se víra a braços, revelando o seu intimo pensamento de tomar o encargo da desforra; e pela sua parte El-Rei, respondendo: *Assim o espero em Nosso Senhor e vossa ajuda,* mostra ter nutrido desde o dia em que Alvares Cabral chegára, e conhecêra as offensas que recebêra do Samorim, a idéa de mandar o almirante á India para as castigar.

Os factos subsequentes não só confirmam esta hypothese, mas provam que ambos andaram correctamente

no modo de a effectuar sem offender os direitos e os melindres do descobridor do Brazil.

Nas *Lendas da India* (tom. 1, parte 1, pag. 266 e seguintes), vem descripta a fórma por que D. Vasco da Gama, conhecendo os desejos do Rei e da Rainha D. Leonor de que elle tomasse o commando da armada que se aprestava para ir castigar o Samorim, invocou os seus privilegios de almirante do mar da India, declarando, porém, não querer com isso desconsiderar Pedro Alvares Cabral, allegando que elle tambem fôra, *e anteriormente,* offendido por aquelle potentado indiano.

Mostrou tambem que só o desejo de desaffrontar Portugal o movia, pondo de parte toda a questão de interesses pertencentes á capitania mór da armada, promptificando-se a indemnisar Cabral de tudo que deixaria de receber por tal motivo. O descobridor do Brazil, que era um servidor leal e modesto do Rei, despido de vaidades, conhecendo o desejo de D. Manuel, concordou sem difficuldade em resignar o commando. Se depois se deram contestações entre os dois navegadores, é mais do que provavel que ellas fossem promovidas e ateadas pelos intrigantes da côrte.

Digâmos as cousas como ellas são: é possivel que, em questões de modestia, Alvares Cabral valesse mais do que D. Vasco da Gama.

Mas para o caso, não se pedia o mais virtuoso: carecia-se do mais apto para bater o rei de Calecut!

A opinião reconhecia, a par d'isso, que o descobridor do Brazil não tivera a energia necessaria para ser superior ás imposições dos seus capitães, que o levaram a não dar batalha á esquadra do Samorim, para não se arriscarem os ricos carregamentos das naus. A opinião publica sabia que Bartholomeu Dias não descobríra talvez a India, porque depois de passar o Cabo não tivera a força necessaria para submetter as suas amedrontadas tripulações seguindo para diante, e que D. Vasco

da Gama a descobríra, porque, em igual collisão, pozera a ferros os pilotos e mestres e lançára ao mar todos os seus instrumentos de navegação, proseguindo para a frente, só com a sua coragem e a sua fé! E mais tarde, se bateu completamente a mais poderosa armada que até ali o Samorim puzera nos mares do Oriente, foi porque soube reprimir os começos de rebellião com que alguns dos seus capitães queriam repetir o que tinham feito com Alvares Cabral, preferindo os carregamentos a tirarem a satisfação das offensas do rei de Calecut.

Reconhecemos que o descobridor da India não teria o coração de uma pomba, mas devemos considerar, em primeiro logar, a verdade do proverbio francez que diz que todos têem: *les défauts de ses qualités.*

As durezas do caracter de D. Vasco da Gama eram em parte o producto dos tempos em que vivia, e eram tambem o contrapeso das grandes qualidades que o fizeram descobrir a India na sua primeira viagem, derrotar o Samorim e tributar Ormuz na segunda, e que o teriam feito pôr em ordem os desmandos da India na terceira, se não morresse um mez depois de ali chegar investido no cargo de vice-rei.

A verdade é tambem que, a par da consideração enorme que D. Manuel lhe tributava, se erguiam os odios e as invejas dos palacianos, e, segundo os melhores indicios, dos seus proprios parentes, não só contrariando as justas aspirações do descobridor da India, mas combatendo a sua influencia nos negocios do reino, assim como a dos illustres servidores do rei no Oriente.

D. Manuel, cioso do seu poder real, era facil em se deixar illaquear por taes corrilhos, desconsiderando successivamente os que mais gloriosamente o tinham servido e a quem primeiro honrára. É a historia de Duarte Pacheco, de D. Francisco de Almeida e de Affonso de Albuquerque.

D. Vasco da Gama, assistindo a esses acontecimentos, aprendeu com taes lições, e, menos ingenuo, e de indole menos pâssiva do que elles, soube conservar-se toda a vida, por assim dizer, precavido contra taes manejos, agradecendo as mercês, mas não se sujeitando ás desconsiderações e reagindo contra ellas.

E ainda bem que o fez! Com isso prestou a D. Manuel, e á historia patria tambem, o relevante serviço de obstar a que n'ella vejâmos, maculando as qualidades do monarcha, e renovada, para com o descobridor da India, a mancha da ingratidão usada para com o heroico fundador do imperio portuguez no Oriente, o glorioso Affonso de Albuquerque.

Embora a figura proeminente de D. Vasco da Gama e o seu caracter nos merecesse um estudo demoradissimo, não podemos reproduzir aqui, por completo, o nosso processo de averiguação. Por isso, resumiremos os factos com elle passados, desde que regressou pela segunda vez da India, até ao fim do reinado de D. Manuel.

Tendo vencido o Samorim e trazendo a El-Rei as páreas de Ormuz, foi recebido por El-Rei com extraordinarias honras, o que naturalmente mais acirrou os odios e invejas dos seus inimigos e dos ambiciosos da côrte.

Até 1505, como já dissemos, ainda encontrâmos provas de que o descobridor era consultado e attendido nos negocios do Oriente, como se vê da passagem das *Lendas da India,* relativa á nomeação de Tristão da Cunha.

Mas d'ahi em diante, é provavel que desgostado se retirasse da côrte, e mais tarde, não podendo conter-se ante as opposições feitas á conclusão da mercê da promettida doação de Sines, e talvez á sua erecção em condado, como é licito suppôr da carta citada no estudo do sr. Luciano Cordeiro, em que pediu a El-Rei para saír do reino, toma a resolução arbitraria de na villa se ir estabelecer como senhor, começando a fazer edificações e a tomar outras medidas affirmativas de posse.

Isto era offensivo da auctoridade real, e por consequencia terreno fertil para ser explorado por seus inimigos, que obtêem de El-Rei a ordem energica com que, em 21 de março de 1507, manda o descobridor saír da villa, com sua familia e creados, e suspender todas as obras, no praso de trinta dias, sob pena de 500 cruzados de multa. O almirante obedece e retira-se para Evora, vivendo depois na casa em que se viam pintados animaes e arvores da India, como refere o sr. Teixeira de Aragão no seu livro.

O que demonstra que a reserva em que ali se conserva é ainda assim temida por seus inimigos, e peza a El-Rei, é o facto de logo no anno seguinte, em 18 de novembro de 1508, lhe fazer mercê da alcaidaria de Villa Franca de Xira, ao passo que da parte d'aquelles se levantam novos embaraços á completa legitimação d'esta graça, como tinham creado á de Sines. Estes factos são eloquentes.

E assim, em alternativas de honras concedidas, de guerras surdas dos favoritos da côrte, de hesitações da parte de D. Manuel, que chegam a tomar o caracter de desconsiderações, correm os tempos até que, em 1518 o descobridor, de certo exasperado com a opposição feita ao seu desejo de ser elevado a conde, que se tornára, pela lucta com seus inimigos, uma questão de capricho, e vendo o exemplo do triste fim de Affonso de Albuquerque, é levado a escrever a El-Rei, queixando se por não ser attendido, e pedindo licença para saír do reino com sua familia e os da sua casa!

D. Manuel responde, dando-lhe um praso para considerar em tão grave assumpto, manifestando ao mesmo tempo o desejo de que o almirante continue no reino a servil-o. D. Vasco da Gama desiste do seu proposito, em parte tambem, de certo, para se não emparceirar com Fernão de Magalhães, que, despeitado, fôra offerecer os seus serviços a Carlos I de Castella, e depois

V da Allemanha, e pouco depois D. Manuel dá-lhe, finalmente, rasgada e completa satisfação, sobrelevando todas as difficuldades mais ou menos legaes, e fazendo-o conde da Vidigueira, como vem minuciosamente referido nas ultimas paginas do livro do sr. Luciano Cordeiro. São os factos que temos indicado, que nos levaram a apresentar em geral no drama, e com especialidade no quadro 2.º do acto III, o descobridor da India com esse caracter de energia, independencia e hombridade que lhe dava a consciencia dos seus grandes meritos, dos seus assignalados serviços, e a lição dos successos da côrte a que ía assistindo.

No quadro 2.º do acto III, em que representâmos a conquista definitiva de Goa por Affonso de Albuquerque, resumimos e synthetisámos as luctas de competencias havidas no Oriente entre o grande capitão e os capitães das náus e cavalleiros, de que nos dão largas e repetidas descripções as *Lendas da India* e os *Commentarios de Affonso de Albuquerque.*

Nos detalhes da entrada do castello e da cidade, cingimo-nos a factos absolutamente historicos, como são as disposições das forças atacantes indicadas por Affonso de Albuquerque, a morte de D. Jeronymo de Lima, as palavras que Antão Nogueira dirige ao governador, e as d'este, no momento da cidade ser entrada.

ACTO QUARTO

No quadro 1.º, agrupâmos pela sua ordem natural os factos que precederam a destituição de Affonso de Albuquerque, do cargo de governador da India.

Essas intrigas lavravam na côrte e na India havia muito tempo, trocando-se activas correspondencias entre os inimigos que Affonso de Albuquerque tinha em Lisboa, e os que no Oriente se lhe oppunham, e dos quaes era chefe Gaspar Pereira, secretario da India, que elle acabou por exonerar, nomeando em seu logar Pero de Alpoim, cavalleiro seu leal amigo. As tres obras que se completam nas informações sobre taes acontecimentos, e da leitura das quaes se póde colher uma idéa precisa sobre esses successos, são as *Lendas da India,* no seu tom. II, parte I, que abraça todo o longo governo de Affonso de Albuquerque, as *Cartas de Affonso de Albuquerque,* publicadas pela academia real das sciencias, e os *Commentarios de Affonso de Albuquerque;* Faria e Sousa, tanto na sua *Asia* como na sua *Europa portugueza,* e em geral os historiadores que temos citado, referem estes acontecimentos, mas só n'aquellas se póde seguil-os passo a passo. Não era possivel fazer d'elles em scena senão uma synthese, como facto importante do reinado de D. Manuel, e dos acontecimentos do Oriente, e para isso escolhemos o periodo agudo, em que as accusações feitas contra Affonso de Albuquerque, de pensar em se fazer acclamar rei de Goa, são levadas aos ouvidos de El-Rei. Damos n'estes acontecimentos ás duas Rainhas, a Antonio Carneiro, a D. Martinho de Castello Branco e a Pero Correia, vedor da Rainha D. Leonor, os papeis de amigos de Affonso de Albuquerque, que lhes vemos attribuidos nos factos *todos historicos,* que expomos; e ao barão de Alvito e ao conde de Vimioso, que no conselho do rei fizeram prevalecer a sua destituição *(Lendas da India,* tom. II, parte I, pag. 462), o de seus contrarios.

O arrependimento de D. Manuel está tambem historicamente averiguado, bem como a reparação que deu ao grande capitão, nomeando-o duque de Goa, senhor do Mar Roxo e vice-rei da India, por toda a

vida, restringindo o governo de Lopo Soares, que devia regressar ao reino logo que acabasse os seus tres annos, ficando então Affonso de Albuquerque tendo, como vice-rei, auctoridade sobre todo o dominio portuguez no Oriente. Estas mercês constavam dos alvarás encerrados em um cofre de que foi portador Affonso Lopes da Costa, capitão da náu que só chegou á India quando Affonso de Albuquerque era ja fallecido. (*Lendas da India,* tom. II, parte II, pag. 484 e 485.)

Constando a morte do heroe no reino, El-Rei deu titulos de nobreza e mercês rendosas ao filho natural que Affonso de Albuquerque lhe recommendára na sua ultima carta, escripta á hora da morte, mudando-lhe o nome de Braz para o de Affonso (*Lendas da India,* tom. II, parte I, pag. 146). Foi este o auctor dos *Commentarios,* que muitos pensam terem sido escriptos pelo proprio heroe.

No quadro 2.º, reproduzimos fielmente a morte de Affonso de Albuquerque, a bordo da náu *Flor da Rosa,* quando regressava de Ormuz a Goa. No dialogo com que abre este quadro, entre Diogo Fernandes de Beja, Lopo Vaz de Sampaio, Pero de Faria e D. João de Lima, cavalleiros sinceramente dedicados ao grande capitão e seus antigos companheiros de armas, procurâmos mostrar como realmente se deram os acontecimentos na ultima passagem do heroe em Ormuz, a respeito dos quaes, em algumas obras, é, com menos justiça, accusado de ter attrahido a uma cilada Rexamed, para o fazer matar. Quem estudar os antecedentes d'este facto, isto é, os successos anteriores passados em Ormuz, e como Affonso de Albuquerque n'elles tinha procedido, reconhecerá facilmente que o espirito traiçoeiro animava, pelo contrario, aquelles de quem Rexamed era instrumento, vindo este com o proposito de, á falsa fé, matar o governador da India. (Vejam-se as *Lendas da India,* tom. II, parte I, cap. XLVIII, XLIX, L,

e o vol. IV dos *Commentarios de Affonso de Albuquerque,* cap. XXX a XLII.)

Finalmente, os ultimos momentos de Affonso de Albuquerque são fielmente reproduzidos dos capitulos já citados d'estas mesmas obras. A referencia aos seus planos, que não chegou a concluir, vem tambem n'elles, e em especial no capitulo LX, do vol. IV, dos *Commentarios,* que reproduz o desenho da cruz vista no céu, conforme foi mandado a El-Rei D. Manuel. A estes factos se refere tambem Pinheiro Chagas nas ultimas paginas do vol. IV, e nas primeiras do V da *Historia de Portugal,* e Oliveira Martins no vol. I, pag. 262, da sua obra tambem assim denominada.

Reproduzimos exactamente, sempre que são compativeis com o dialogo scenico, as phrases historicas proferidas por Affonso de Albuquerque nos seus ultimos momentos. Na ultima carta para El-Rei D. Manuel, fazemol-o dictar o primeiro periodo da que é authentica, e com a qual fecha a publicação já citada, feita pela academia real das sciencias, sob a direcção do illustre escriptor sr. Bulhão Pato. Mas por ser longa de mais, e de um portuguez antiquado, que a maioria do publico não comprehenderia, fizemos seguir áquelle periodo a versão, mais resumida, d'essa carta, como vem publicada nos *Commentarios.*

ACTO QUINTO

No quadro 1.º d'este acto, pretendemos restabelecer o que temos pela verdade historica a respeito do terceiro casamento de El-Rei D. Manuel. É este um dos factos pelos quaes lhe fazem acrimoniosas censuras, dizendo-se que tomou a esposa destinada a seu filho.

No vol. III da *Historia de Portugal,* por uma sociedade de homens de letras, volume que é da responsabilidade do sr. Alberto Pimentel, lê-se a pag. 226:

D. Carlos tinha uma irmã que se chamava Leonor, e era formosissima. Como o principe herdeiro de Portugal fosse chegado á idade nubil, pensou-se em casal-o com esta senhora. D. Alvaro da Costa foi encarregado das negociações, mas *parece* (o griphado é nosso e adiante o explicaremos) que, tendo enviado para Portugal um retrato da bella princeza da casa de Austria, e vendo-o D. Manuel, a tal ponto ficou fascinado, que o encarregou de secretamente negociar para si o casamento que devia ser para o principe herdeiro. A fim de que esta traição vingasse, fez propalar na côrte de Castella que D. João era mentecapto.—É o requinte da infamia.

Custa-nos que um escriptor do talento do sr. Alberto Pimentel, escrevesse isto, que é absolutamente infundado, como vamos demonstrar.

Em primeiro logar, este historiador erra dizendo que D. Alvaro da Costa foi encarregado de negociar o casamento do principe herdeiro, porque esse casamento, conjunctamente com o de Carlos I de Castella, e depois V da Allemanha, com D. Izabel, filha de D. Manuel, andava sendo negociado havia bastante tempo, ainda com o pae e com o avô de Carlos I, sendo o enviado de D. Manuel o licenciado Pero de Gouveia.

Quando Carlos I, tendo morrido seu pae, o rei Filippe I de Castella, e seu avô, Maximiliano, imperador de Austria, herdou aquella corôa, e estava prestes a ser eleito para esta, veiu da Allemanha a Saragoça no anno de 1518, é que D. Manuel lhe enviou como embaixador a cumprimental-o, D. Alvaro da Costa, que ao mesmo tempo levava a missão ostensiva de concluir as negociações dos casamentos pendentes, mas *secretamente* encarregado de expôr a Carlos I a alteração, segundo a qual o futuro esposo de sua irmã seria El-Rei D. Manuel, e não seu filho, como primeiro indicára. (Veja-se a *Chronica de D. Manuel,* parte IV, pag. 508.)

As rasões d'esta alteração já as vamos apresentar. Portanto, D. Manuel tinha já tomado essa resolução quando enviou D. Alvaro da Costa, e a hypothese de se ter apaixonado á vista do tal retrato, cáe pela base.

Mas agora perguntâmos ao illustre historiador: onde, em que fonte historica colheu uma tal versão, que não documenta, e que apenas assevera com um *parece,* como se usa nos boatos indifferentes dos noticiarios? Aonde viu fundamentado que D. Manuel mandasse dizer na côrte de Castella que seu filho era mentecapto? A esta *segunda* pergunta, nós mesmo responderémos: foi n'uma obra sua propria, foi no seu romance: *Conflicto na côrte.*

Ora, quem lê este romance, que trata do projectado casamento de D. Fernando, Infante, filho de D. Manuel, com a filha do conde de Marialva, a mais rica herdeira de Portugal n'aquelles tempos, e conhece a *Historia de Portugal,* de Pinheiro Chagas, vê que o illustre romancista a segue quasi constantemente. Sómente, onde Pinheiro Chagas, seguindo, aliás, tambem o processo inacceitavel de affirmativas historicas sob a formula *parece,* apresenta uma hypothese duvidosa, o sr. Pimentel faz a sua reproducção dando-lhe o tom de facto averiguado. Vamos proval-o:

Escreve Pinheiro Chagas, a pag. 139 do vol. v da sua *Historia de Portugal*:

Vimos como El-Rei D. Manuel tomára para si a noiva que o Principe D. João julgára sua. Não agradou, nem ao Principe portuguez nem á Infanta hespanhola, a mudança, e o embaixador de D. Manuel, que tratava do negocio na côrte do rei Carlos, para diminuir o dissabor da princeza, *parece* (o sublinhado é nosso) que lhe pintou de um modo bem pouco favorecido o successor da corôa portugueza, e que não só lhe revelou todos os defeitos que se notavam no moço Principe, mas que até os exagerou notavelmente. O procedimento não era muito louvavel, e D. João não devia tardar a conhecel-o, porque a Rainha o revelou involunta-

riamente. Entrando na villa do Crato, onde o Principe a veiu receber, e notando n'elle uma certa seriedade e compostura de maneiras, muito differentes do que lhe tinham pintado como um ente desgracioso e ridiculo, não póde conter-se que não se voltasse para D. Brites de Mendonça, que a acompanhava, e não dissesse com espanto: *Este es el bovo?*

Onde Pinheiro Chagas diz: *parece*, o sr. Pimentel affirma. E onde Pinheiro Chagas attribue a iniciativa ao zêlo do embaixador (zêlo que adiante explicaremos) o sr. Pimentel faz a transformação para recado expresso e odioso encommendado por D. Manuel.

Esclarecidos estes preliminares, vamos agora transcrever o que dizem os chronistas quanto ás rasões que levaram El-Rei D. Manuel a casar com a noiva destinada a seu filho, a qual poderia, por tradição, constar-lhe ser formosa, mas que nem o pae nem o filho tinham jámais visto, com a qual nem um nem outro tinham jámais trocado communicações de qualquer especie, não havendo mais do que um casamento começado a negociar diplomaticamente.

Damião de Goes, referindo-se aos projectos de D. Manuel quando enviuvou da Rainha D. Maria, escreve a pag. 500 da parte IV da sua *Chronica:*

N'este tempo andava El-Rei em pensamentos de querer servir a Deus, apartando-se dos negocios do mundo, do que desviado per conselho de pessoas a que d'isso dava conta se resolveu em se querer aposentar no regno do Algarve, e com as rendas d'aquelle regno e do méstrado de Christus, fazer d'ali como fronteiro guerra aos mouros, e ter os logares que tinha em Africa providos de todo o necessario, mas por que andando n'este proposito, veiu a saber, que os privados do Principe D. João seu filho lhe aconselhavam algumas cousas fundadas em lhe ser desobediente, se fez em outra volta, que foi casar-se com a Infanta D. Leonor, irman del-rei D. Carlos de Castella, tendo-a dantes mandado pedir muitas vezes para o mesmo Principe seu filho, o que fez por se assegurar de qualquer torvaçam que lhe elle por máos conselhos quizesse dar, do qual casamento se dirá em seu lugar.

Faria e Sousa escreve a pag. 540 da *Europa portugueza:*

El-rei sintió entrañablemente el ver-se desacompañado de la Reyna Maria, y con la propria especie de tristeza de que D. Alfonso V por la excelente despojáda de su Corona, tuvo el proprio pensamiento de dejar la suya, y retirar-se a vivir en el Algarve, con la poca renta de aquelle troço de Reyno, y del Maestrazgo de Christo, para desde ali como de Frontera hacer guerra a los moros con la espada, y al Cielo con este servicio, y con la Oracion, dexando todo otro cuidado al Principe, que devia estes dias andar mas verde de lo necessario, y sugeto (culpas entonces de la poca edad y despues de las muchas) a algunos validos con poquissimo recato de indecentes platicas, pues su Padre sabendolas, por humillarlos a todos con el castigo de la imprudencia, dió dos malos tragos al Principe, y uno en ambos a los que ya bebian auras vanissimas de valimento por la succession que imaginavan antecipada. Esto fué no solamente deixar no sólo el proposito del retiro, sino elegir para si la propria muger que avia elegido, y solicitado para el Principe. Estremado hechar agua en el hervor! Quedaron todos elados, quando lo supieron, y supieronlo quando les alcançó su ignorancia. Luego lo veremos.

A pag. 583, referindo-se a um d'estes validos do Principe, D. Luiz da Silveira, escreve o mesmo Faria e Sousa:

Aprovechava-se D. Luiz quanto podia de la benevolencia del Principe cogiendole cedulas de promessas de mercês considerables para quando fuese Rey, sin acordar-se, o sin reparar si se acordava de que los Reys Don Dionis, y D. Juan el II, contaron por crimens despues de Reys el coger los Vassallos estas gracias de los Principes en edad que non conocen lo que obran.

Convem esclarecer aqui, que, tanto Damião de Goes, como Manuel de Faria e Sousa, escreveram as suas obras muito depois de El-Rei D. Manuel ter fallecido, não tendo, portanto, o intuito de o incensar ou de lhe attenuar as faltas. Damião de Goes, esse até veiu talvez a morrer nos carceres ou nas fogueiras do Santo Officio, durante o reinado de D. João III, tendo-lhe sido

instaurado um processo secreto, por heresia. O seu fim é obscuro. Quem sabe, porém, se não pagou assim a sua independencia de escriptor?

Os chronistas do reinado de D. João III, esses mesmos que mais pretendem incensal-o, e diminuir seus defeitos, como são fr. Luiz de Sousa e Francisco de Andrada, o que dizem a respeito do ultimo casamento de D. Manuel *(Annaes de D. João III,* por fr. Luiz de Sousa, pag. 15) é isto:

Pollos modos que temos apontados, continuava el-Rey em doutrinar, e instruir o Principe, quando entrou o anno de 1517, e com elle um accidente que foi a causa de grandes e não esperadas novidades. Faleceo a Raynha D. Maria em 7 de Março d'este anno, de doença que lhe ficou do parto trabalhoso do Infante D. Antonio. Repartio esta perda a el-Rey, co-sentimento della que parecia grande, em varios pensamentos. Foy o primeiro todo do Céo. Parecia-lhe que devia mostrar a obrigação que tinha á defunta, com morrer tambem ao mundo, deixando tudo, e recolher-se onde só de sua alma e do serviço de Deos tratasse. D'este passou a outro, assi como os dias iam correndo, que já era um pouco mais da terra: ficar-se com o Reyno do Algarve, e com o méstrado de Christus, cujas rendas havia por bastantes para ter os logares de Africa bem providos, e fazer que andasse a guerra esperta e viva contra os mouros, a que era inclinado. A tão bons intentos, ou fosse culpa dos que trazia junto de sy, a que não estava bem tomar el-Rey estado com que elles perdessem o que tinham de poder e valia no Reyno; ou que fosse algum movimento de carne e sangue, a que todo o homem é sujeito, e a complexão dos Reys muito mais do que a ordinaria dos outros homens, succedeo o que menos lhe armava para a vida, e mais danoso era para o estado do seu Reyno; que foi determinar-se em terceyras vodas.

Este auctor prosegue até ao fim do capitulo, sempre inclinando-se para o lado do Principe, e accusando D. Manuel, citando as rasões que os chronistas do tempo, Goes, Faria e Sousa e Osorio, dão do proceder de El-Rei, questionando-as. Ora, vemos que só falla genericamente no *movimento de carne e sangue a que todo o*

homem é sujeito, mas referencia alguma faz ao tal caso do retrato. Este escriptor, se isso andasse ao menos nas tradições verbaes, com visos de verdade, não deixaria de o estampar na sua *Chronica.*

O outro escriptor, tambem inclinado a D. João III, que era o sol nascente, Francisco de Andrada, do seu conselho e seu chronista mór, escreve no cap. v, do vol. I, da *Chronica do Muyto Alto e Muyto Poderoso Rey d'estes reynos de Portugal, D. João III d'este nome*, a pag. 12:

> ... em pueril edade começou el-rei (D. Manoel) de o habituar aos trabalhos em que lhe havia de succeder, e mettello em todas as cousas, asy nas do governo, fazendo-o assistir comsigo a todos os conselhos, como nos da fazenda e justiça, em todo o tempo e logar em que se tratava d'ellas, e em todos lhe dava a instrucção e doutrina conveniente e necessaria...

Isto mostra, por fórma insuspeita, como D. Manuel comprehendia os seus deveres de rei e de pae, e como eram sinceros os seus desejos de entregar prematuramente a corôa ao filho. Depois, este mesmo chronista, relatando o casamento de D. Manuel, escreve a pag. 13 e 14 do vol. citado o mesmo que já transcrevemos de fr. Luiz de Sousa, mas nem mesmo apresenta como elle a hypothese do *movimento de carne e sangue,* fazendo antes uma exposição dos argumentos politicos com que os partidarios do novo casamento de D. Manuel defendiam este alvitre como util para o reino, e d'aquelles com os que o impugnavam e sustentavam idéas contrarias. São essas as rasões de estado que mencionâmos no drama. Entre as adversas ao casamento de El-Rei, a que se baseia no inconveniente do dote pedido por Carlos I para sua irmã a D. Manuel, que já tinha tantos filhos, não colhe, porque o contrato d'este casamento foi exactamente feito nos termos do contrato do segundo casamento de El-Rei com a filha dos reis catholicos, D. Maria.

Temos exposto, com a maxima imparcialidade, o que a respeito do ultimo consorcio de D. Manuel dizem os escriptores antigos.

Agora remettemos o leitor ás notas de Alexandre Herculano, nos mesmos *Annaes de D. João III,* já citados, e á de Pinheiro Chagas em referencia a estas, a pag. 135 do vol. v da *Historia de Portugal,* que diz: «A esta citação feita por Herculano acrescentaremos outra, que é bastante curiosa, por nos mostrar de que habeis circumloquios se póde servir um chronista cortezão para chamar tolo a um monarcha».

Na sua *Origem e estabelecimento da inquisição em Portugal,* vol. I, liv. III, escreve Alexandre Herculano:

Fallecido D. Manuel em dezembro de 1521, succedeu-lhe D. João, seu filho mais velho, que ainda não contava vinte annos completos. Os chronistas que escreveram debaixo da influencia dos immediatos successores d'este principe, tendo diante dos olhos o latego da censura, pintam-n'o como dotado de alta intelligencia e de qualidades dignas de um rei. Durante a vida de seu pae muitos havia que o conceituavam como intellectualmente imbecil, ou que pelo menos o diziam. O proprio D. Manuel mostrára receios do predominio, que, em tenra idade, exerciam em seu espirito homens indignos. O que é certo, é que, ou por distracção ou por incapacidade, nunca pôde aprender os rudimentos da sciencia nem sequer os da lingua latina.

Ora, este monarcha, era D. João III, e o *chronista cortezão,* como Pinheiro Chagas lhe chama, era Francisco de Andrada!

Vê-se, pois, que a *seriedade e compostura* de maneiras, que o mesmo Pinheiro Chagas diz ter sido notada no Principe pela futura madrasta, nada tinham que ver com as suas qualidades intellectuaes, e que se o embaixador D. Alvaro de Castro,—obedecendo por certo á sua conveniencia de favorito de D. Manuel, de que o Rei não abdicasse,—foi demasiado zeloso, chamando ao Principe mentecapto, o que fez, talvez, foi expressar menos claramente o seu pensamento.

Vamos agora expôr quaes foram as rasões politicas que determinaram D. Manuel a casar pela terceira vez com a irmã de Carlos I de Castella, que tinha pedido para seu filho!

Para que a apreciação do seu acto tenha elementos de segurança, devemos considerar a situação do Rei depois da morte da Rainha D. Maria, a indole e caracter de D. Manuel, como rei e como pae, a sua dedicação ao prestigio da realeza, e as condições da sua politica interna e externa.

A Rainha D. Maria fallece a 7 de março de 1517. D. Manuel retira-se logo de Lisboa para o mosteiro de Penha Longa, e ali, um mez depois da morte de sua esposa, assigna o seu testamento, documento de tal ordem, que se reconhece ter sido longamente meditado. O testamento, escripto por Antonio Carneiro, é de 7 de abril de 1517 (tom. II das *Provas da Historia genealogica da casa real portugueza)*. Quem o lê, reconhece que El-Rei tudo dispõe para immediatamente entregar a corôa a seu filho, porque indica quem ha de governar com elle emquanto fôr menor.

Era, porém, natural que as clausulas que ali estabelece, mandando ao Principe que governe com os seus conselheiros, não satisfizessem e socegassem estes, completamente, quanto ao futuro, por não confiarem no Principe, que já era rodeado por validos que exploravam a sua pouca sagacidade. Era, pois, natural que o seu interesse os levasse a abrirem os olhos a D. Manuel, cego pela sua amisade de pae, que desde os doze annos do Principe o tinha sempre a seu lado educando-o e ensinando-o para reinar. Deram-lhe naturalmente a conhecer a fórma por que o Principe se ía já compromettendo a dar mercês, a viver mais com a nobreza do que com o povo, condemnando abertamente o proceder de seu pae, e proclamando que em sendo rei faria o contrario.

Os historiadores estrangeiros são os que mais francamente se expressam a este respeito. Leia-se a *Historia,* de Ferdinand Dénis, e a *Historia de Portugal,* por Lequien de la Neuville, que no tom. II, sobre o reinado de D. Manuel, a pag. 516 e 517, escreve:

> La plûpart des grands seigneurs, qui de tout temps avaient été jaloux de la familiarité avec laquelle Emmanuel vivoit avec ses peuples le blâmaient de se communiquer trop aisement.
>
> ....
>
> Enfin, il sembloit que les courtisans se rendaient ingenieux a se faire un Roy à leur mode, par les différents avis qu'ils tâchaient de couler insensiblement dans l'esprit et dans le cœur de D. Jean.
>
> ....
>
> Emmanuel, qui de son coté s'apercevait que les grands seigneurs cherchaient à plaire à D. Jean, connut bientost que la flatterie et les mauvais conseils avoient altéré ses bonnes inclinations. Un si grand changement dans la conduite du Prince, en apporta un considérable dans la résolution que le Roy avoit prise. Loin d'abdiquer la couronne, il s'occupa plus que jamais du désir de regner et des moyens de regner longs-temps. Il songea à prendre une nouvelle alliance avec Charles V, Roy de Castille, et fit demander la Princesse Leonore, sa soeur, pour luy, quoi-qu'il eust envoyé en Allemagne, Pierre de Govêa avec caractère d'Ambassadeur Extraordinaire, auprés de l'Empereur Maximilien, pour negocier l'alliance, de la mesme Princesse avec le Prince D. Jean, son fils.

D. Manuel, ao mesmo tempo cioso do poder real e illudido a respeito do filho, de quem esperava muito, tendo acabado por reconhecer que elle ía por mau caminho, quiz dar-lhe uma lição, e não pôde esquivar-se a reconhecer que ainda não estava no caso de reinar.

Mas o seu plano de abdicação fôra conhecido e divulgado, e da mesma fórma as rasões que o forçavam a abandonal-o. Os casamentos da irmã de Carlos I com seu filho, e de sua filha com o rei de Castella, estavam começados a negociar. Naturalmente, o que Carlos I queria, era a alliança por laços de familia com o Rei de Portugal, pois contava com o apoio da fazenda

real portugueza para vencer a sua eleição ao imperio da Allemanha. Não só é duvidoso se elle annuiria a dar agora a irmã ao Principe, que o Rei não julgára ainda capaz de subir ao throno, mas sabe-se que promptamente accedeu á substituição do filho pelo pae, ajustando o seu casamento com a filha de D. Manuel, que assim via a Infanta D. Izabel, rainha de Castella e futura imperatriz de Allemanha. E assim succedeu.

D. Manuel seguiu sempre uma politica externa de resultados praticos. Leia-se a este respeito o *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo,* pelo visconde de Santarem, que faz os maiores elogios a essa politica e á habilidade diplomatica de D. Manuel. O seu plano foi sempre não prender Portugal em allianças que trouxessem encargos permanentes, não se associar a outras nações para emprezas guerreiras, não se envolver nas contendas entre os estados da Europa, fazendo-se considerar e respeitar por todas, para poder applicar as forças e recursos da nação ao desenvolvimento do poderio de alem-mar, e unir-se com ellas apenas, e convocal-as até, para combater o poder dos turcos, que eram a ameaça constante ao nosso commercio e ao nosso poder na Africa e na Asia.

Pinheiro Chagas, apesar das accusações de imprevidencia que faz a D. Manuel, reconhece isto mesmo, escrevendo, a pag. 124 do vol. v da sua *Historia de Portugal:*

> Politica imprevidente foi esta, fecunda, comtudo, em optimos resultados immediatos: no meio da tempestade que revolvia a Europa, soube Portugal manter-se neutro, e pôde-se entregar sem perturbações ás suas expedições e conquistas do Oriente, e ás suas cruzadas de Africa, bem infructiferas e bem escusadas, devemos confessal-o.

Esta ultima observação é uma nova affirmativa do modo de ver do illustre historiador sobre a obra de

D. Manuel, em que acha que não estabeleceu em bases solidas o futuro da nação; e accusando o que chama a sua imprevidencia, pergunta, a pag. 120 do mesmo volume, se não é licito pensar se D. Manuel, com o seu reinado, não preparou *essa fidalguia depravada que o rei hespanhol tão facilmente comprou com as cedulas de Christovão de Moura!*

Se entrarmos n'este caminho de hypotheses, muitas se podem formular, e entre ellas: o que teria Portugal sido sem as descobertas e conquistas de alem-mar? Se não fossem ainda os restos dos tempos de poder e riqueza de D. Manuel, poderia tambem Portugal, em 1640, ter arrojado de si a dominação hespanhola?

O illustre historiador falla da nobreza que entregou o reino a Filippe II de Hespanha? O reinado de D. Manuel produziu, como todas as epochas, heroes e miseraveis. Nem tudo foram traidores que se vendessem a Christovão de Moura, nem tudo foram cobardes que temessem o duque de Alba.

Na nobreza de Portugal d'esses tempos, como em tudo, houve bom e mau.

Mas é supina injustiça lançar a toda a classe nobre o labéu de se ter vendido á Hespanha, quando á nobreza pertenciam D. Filippa de Vilhena e D. Marianna de Lencastre, que por suas mãos armaram seus filhos, quasi creanças, para libertarem a patria. Nobres, e dos primeiros, eram D. Antão Vaz de Almada, o marquez de Ferreira, o conde de Vimioso e tantos outros que fizeram rei o duque de Bragança,—nobre era D. Carlos de Noronha, que intimou a duqueza de Mantua a entrar no seu oratorio e a deixar livre o passo aos libertadores: *se não queria que lhe perdesse o respeito e a fizesse saír pela janella.*

Quem escreve a historia, tem obrigação de dar a Deus o que é de Deus, e a Cesar o que é de Cesar...

D. Manuel podia ser, e foi, previdente até um certo ponto; o que não podia era adivinhar o que succederia meio seculo depois, quando sobre os erros do reinado reaccionario de seu filho se viesse accumular a loucura juvenil e heroica do seu bisneto D. Sebastião, deixando o throno vago pelo desastre de Alcacer Quibir, e oito pretendentes a disputal-o!

Mais rasoavel é perguntar se taes desventuras se não deram antes, por D. João III não seguir os conselhos e a mesma politica de seu pae, desfazendo a sua obra em vez de a continuar?

O que nós sabemos, para avaliar os actos de D. Manuel, como rei e como pae, é que mesmo casando com a mulher destinada a seu filho, o fez por imperiosas rasões de estado, para o corrigir a elle, para o não deixar perder logo o reino, e para fazer sua filha rainha e imperatriz. E a respeito do filho, o que sabemos, é que logo depois da morte de seu pae se ligou por taes relações com a madrasta, que o povo levou a camara de Lisboa a representar-lhe que casasse com ella! Como rei, sabemos o que o seu reinado foi. E sabemos mais, que Carlos I, apesar das difficuldades que elle poz á saída da viuva de D. Manuel do reino, pretendendo que aqui devia deixar a filha que tivera de seu pae, rompeu com todas essas difficuldades, fez com que ella fosse para ao pé de si, e fazendo desconhecer as instancias do povo portuguez para o casamento da irmã com o enteado, preferiu dal-a ao seu antigo inimigo, Francisco I de França.

Parece-nos que não é preciso dizer mais, para que o terceiro casamento de El-Rei D. Manuel seja interpretado com justiça, como nos parece ter feito no drama.

No 2.º quadro, ultimo da peça, no breve resumo historico do reinado de D. Manuel, que pomos na bôca de Antonio Carneiro, reproduzimos em traços geraes o que n'esta memoria temos dito.

Fazemos reapparecer Vasco da Gama, o que nos parece logico, visto que desde 1519 El-Rei dera satisfação ao seu descontentamento, elevando-o a conde da Vidigueira logo que o descobridor da India desistiu do seu proposito de saír do reino, para o que pedíra licença a El-Rei, que lhe fixára um praso para meditar sobre uma tal resolução. (Veja-se a memoria já citada, do sr. Luciano Cordeiro,—*De como foi feito conde Vasco da Gama.)*

Escolhemos para final da peça a recepção do embaixador da republica de Veneza, não só porque esse facto é absolutamente authentico *(Chronica de D. Manuel,* parte IV, cap. LXXXI), mas porque, alem de se passar pouco antes da morte de D. Manuel, é, por assim dizer, a consagração dos resultados que o facto capital do seu reinado, e do drama, a descoberta da India, produzíra para Portugal, fazendo de Lisboa o emporio do commercio do Oriente, que antigamente se fazia por Alexandria. Era a propria senhoria de Veneza que o reconhecia, pedindo ao Rei de Portugal um tratado de commercio para a Lisboa virem os seus navios comprar e carregar as especiarias e fazendas do Oriente.

Nos detalhes da recepção de Alexandre de Pesaro, seguimos o capitulo já citado da *Chronica de D. Manuel.*

Rematâmos a peça com a indicação feita por D. Manuel a seu filho, para mandar á India por vice-rei D. Vasco da Gama, porque esta nomeação foi a primeira que D. João III fez, e sendo ainda seu secretario Antonio Carneiro, é natural que fosse resultado, como muitas outras das primeiras medidas do seu reinado, de indicação deixada por seu pae.

Concluindo, diremos que nos parece fóra de duvida que D. Manuel foi um grande rei. Que se lembrem aquelles que o alcunham de mediocre, que essa gloriosa descoberta da India, de que hoje ainda estamos beneficiando, que a Europa celebra com respeito e admi-

ração, e que D. João II deixou planeada, soube elle resolvel-a impondo a sua vontade ao conselho, e arrostando com a opposição feita pela opinião publica, porque lhe tinha sabido medir o alcance, melhor do que D. João II soube medir o da offerta que lhe fez Colombo!

O *successo* costuma elevar os mediocres a heroes! A D. Manuel, que estava longe de ser mediocre, nem as regalias do successo lhe têem concedido! Os erros, notam-lh'os rigorosamente. Os successos, esses nunca lh'os attribuem á sua intelligencia e dedicação de rei, mas sim ao acaso que os fez darem-se no seu reinado! Os rigorosos chamam-lhe mediocre, e os demais chamam-lhe o *rei venturoso!*

Na humildade da nossa opinião, mas com a sinceridade do nosso estudo do seu reinado, nós pretendemos que elle foi: *um dos maiores reis de Portugal!*

A *Historia de Portugal,* publicada por uma sociedade de homens de letras; é d'aquellas em que D. Manuel e Vasco da Gama são tratados com menos justiça. Já dissemos que o volume respectivo é da responsabilidade do sr. Alberto Pimentel. D'essa sociedade, porém, fez parte o sr. Luciano Cordeiro, e por isso parece-nos insuspeito o seu testemunho, que aqui vamos mencionar, e que tem tambem a auctoridade que lhe dá o ser um investigador incansavel e consciencioso dos assumptos historicos que respeitam á epocha das nossas glorias.

No seu magnifico estudo intitulado *De como e quando foi feito Conde Vasco da Gama,* publicado nos boletins da Sociedade de Geographia, o illustre escriptor principia o seu trabalho por este bello e veridico periodo:

D. Manuel, o intelligentissimo rei tão singularmente afortunado nas descobertas e no governo, tem sido, — e em muitos casos poderá dizer-se que por isso mesmo, — dos mais desastradamente infelizes com os nossos modernos historiadores, sem exceptuar Herculano.

Esta é que é a verdade. Assim o procurâmos demonstrar no desenvolvimento do nosso drama.

Nós, que muito respeitâmos as altas qualidades de historiador de Pinheiro Chagas, e que julgâmos a sua *Historia de Portugal,* que tantas vezes citâmos, uma das melhores e das mais instructivas, reconhecemos que o seu ardente patriotismo, a sua eloquencia natural, a sua grandeza de alma, o arrastam por vezes, insensivelmente, a juizos um tanto radicaes, que elle mesmo, em outros pontos da sua obra, se encarrega de destruir.

Como temos mostrado, o grande escriptor, lança á responsabilidade do reinado de D. Manuel, como suas consequencias funestas, a quéda de Portugal sob o dominio da Hespanha, e não obstante, a pag. 448 do VI vol., contando a entrada triumphante de Filippe II em Lisboa, escreve:

> Sessenta annos depois, essa mesma Lisboa que elle contemplava ufano e desdenhoso, se encarregaria de mostrar ao successor e herdeiro do seu imperio e da sua politica que não morrem as nações que têem, como Portugal, affirmado profundamente a sua existencia no campo das lides do progresso, dando á civilisação o seu cunho, e á historia, por assim dizermos, todo o esplendor de um seculo.

Em que reinado, mais do que no de D. Manuel, se affirma a existencia da nação nas lides do progresso?

Em que reinado, mais do que no seu, se deu á civilisação o cunho da historia, do que n'aquelle em que se descobriu a India?

E todo o esplendor de um seculo não estará n'esse acontecimento?

Responda o leitor.

* * *

Tendo concluido a nossa exposição relativamente á parte historica do drama, pedimos licença para fazermos

4

umas brevissimas declarações quanto á parte dramatica. Sabemos bem que, como n'aquella, haverá defeitos. Não temos a louça pretensão de ter feito uma obra prima. Mas alguns dos defeitos que talvez se notem na parte dramatica, nós mesmos os previmos, mas entendemos dever transigir com elles por considerações de maior importancia. São estas que vamos expôr.

Tratando de celebrar em um drama a descoberta da India como o facto mais glorioso da nossa historia, só tivemos uma preoccupação: reproduzir com a maior fidelidade a grande epocha em que elle se effectuou, á qual imprimiu caracter e feição accentuadissimas, e que por taes rasões é seu indispensavel complemento.—Procurámos, portanto, fazer uma peça com que o publico, se a chegar a ver na scena, sáia do theatro tendo a idéa dos antecedentes e das consequencias d'aquelle grande successo, e com a convicção de quanto se deve ufanar por descender dos homens que planearam e levaram a cabo uma tal empreza.

Para tal fim, entendemos dever pôr em scena unicamente a *historia*, *nua e crua,* sem nos preoccuparmos com as theorias dramaticas, que exigem nas peças o que se chama *unidade de acção*, *enredos, traças, effeitos scenicos calculados,* etc., etc.

Onde a historia não dava por si, naturalmente, esses contingentes de successo, não os pozemos de nossa casa. Para nós, isso seria profanar o assumpto, como seria reduzir o descobrimento da India na sua grandeza épica, o recortal-o do natural quadro historico em que se acha incrustado: o reinado de D. Manuel.

Demais, procedendo assim, fomos de accordo com os principios que professâmos a respeito da litteratura dramatica historica: é nosso parecer que a sua missão é unicamente reproduzir fielmente epochas e acontecimentos historicos, aviventando-os na scena.—Puzemos por isso de parte, e sacrificámos, todas as nossas con-

veniencias de auctor, que teriam, pelo contrario, um outro objectivo: fazer antes uma peça o mais facilmente representavel possivel. Não o fizemos, porém, porque não só estamos convencidos (como o exito do *Regente,* aliás, já demonstrou) que os successos historicos, só por si, são bastante interessantes para captivarem o publico, mais do que quaesquer enredos de phantasia, mas porque só de tal maneira poderemos ter finalmente um verdadeiro theatro historico nacional, que ao mesmo tempo admitta no seu processo de trabalho o bem entendido *realismo.* O realismo, está em apresentar os factos historicos, e os homens que n'elles intervieram, como uns e outros realmente foram.

Se, no genero comico, nós vemos que as peças que têem por objecto a resenha dos successos de todo um anno, fazendo passar ante o espectador quadros successivos, mas diversos, apenas ligados uns aos outros, não por *traças ou enredos,* mas, quando muito, pela presença dos mesmos personagens, são as producções theatraes que mais agradam, e mais prendem a attenção do espectador: porque havemos de decretar em *these* que se não póde fazer o genero dramatico por identico processo, se nos quadros em que se subdivide a epocha, que é o quadro geral do drama, houver acontecimentos historicos por si mesmos bastante dramaticos para dispensarem os enredos inventados pelo auctor, que vão misturar os successos de pura phantasia com historia, dando uma falsa idéa dos acontecimentos ao espectador?

Sabemos que o theatro dramatico não póde deixar de ter uma parte convencional; mas esse convencional, não quer dizer, no drama historico, a deturpação das verdades historicas. Convencional deve ser a idéa do publico sobre o entrecho das producções dramaticas. O que é preciso, é educal-o para que reconheça como generos absolutamente differentes, a comedia-drama de

acção contemporanea, em que a phantasia do auctor póde crear enredos á vontade, e o drama historico, comprehendendo que n'este o *enredo*, a *unidade de acção*, deve estar apenas na successão natural dos acontecimentos como elles realmente se passaram, em *espaços* ou *logares* differentes, e em tempos *successivos* ou *simultaneos*.

Assim, observando estes principios, chamâmos ao nosso drama: *A descoberta da India ou o reinado de D. Manuel*—o descobrimento é o facto dominante, o *assumpto do drama;* o reinado de D. Manuel em que se demonstram as suas origens e consequencias, é que, *nos seus acontecimentos variados,* representa a verdadeira traça do drama.

Teremos rasão? Tel-a-hão antes os que sustentam principios contrarios? Só ha um meio para o demonstrar: fazer, não uma, mas repetidas experiencias de peças dramaticas assim architectadas. O publico dirá quem tem rasão. Sabemos que o *Regente* agradou—e sabemos tambem que tem caído muitos dramas de acção mixta, historica e phantasiada.

O drama historico, feito como dizemos, tem muitos exemplares no theatro estrangeiro;—o que é preciso é educar o publico para o comprehender, o que se não poderá fazer de repente, nem conseguir sem abnegação e sacrificios de propaganda da parte das emprezas e dos auctores dramaticos.

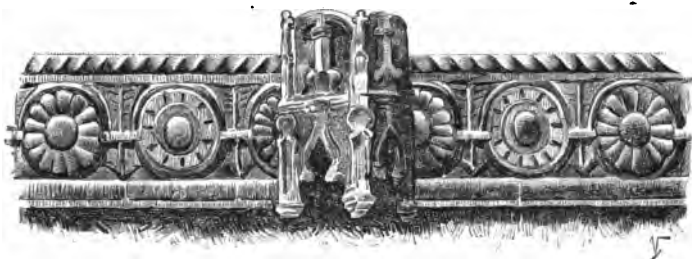
Tambem sabemos que, n'estas luctas para o abandono de más orientações, os innovadores são sempre, de começo, sacrificados.

É a historia do theatro admiravel de Dumas e de outros mais. Mais tarde, vem a hora da justiça. Pela nossa parte, uma tal consideração não nos impediu de adoptarmos o processo que temos por unico verdadeiro, em um assumpto digno de tanta veneração litteraria como é a epocha gloriosa do descobrimento de India.

E concluindo, reconhecemos mais uma vez ter feito uma obra susceptivel de certo de retoques, devendo observar, porém, que, pelo que respeita á quantidade de personagens secundarios, um dos defeitos que lhe poderá ser notado, a exactidão historica assim o pediu, e como elles figuram alternadamente póde um mesmo artista desempenhar diversos.

NOTA

O exito obtido pela ultima peça de D. João da Camara, *A triste viuvinha,* faz-me lavrar esta nota. Tal successo é mais uma prova da verdade do que acaba de se ler sobre a dispensabilidade de *enredos* nas composições theatraes, desde que os assumptos, bem observados e estudados, são expostos com verdade e naturalidade. No drama historico, a naturalidade está no mesmo rigorismo historico e no estudo consciencioso dos personagens.

ARGUMENTO

ARGUMENTO

O panno sobe, devendo já estar disposta a scena para o primeiro quadro, mas vedada aos olhos do publico por um panno talão, e entra um arauto, da epocha de D. Manuel, seguido por dois trombeteiros portadores de pendões em que se lê:

A DESCOBERTA DA INDIA

OU

O REINADO DE D. MANUEL

ACTO PRIMEIRO

O testamento de D. João II

ACTO SEGUNDO

A descoberta—Gloria a Vasco da Gama!

ACTO TERCEIRO

O imperio portuguez no Oriente—Gloria a Affonso de Albuquerque!

ACTO QUARTO

Os erros da côrte—Justiça a D. Manuel!

ACTO QUINTO

O julgamento da historia

ARAUTO, tendo saudado a direita, a esquerda e a frente da sala

Vamos ter a honra de representar ante vós, senhoras! e senhores! «*A Descoberta da India ou o Reinado de D. Manuel*». O descobrimento da India é o facto mais importante do seculo xv, e a maior das glorias de Portugal! Preparado por vultos gloriosos da historia patria: o Infante D. Henrique, D. João II, Bartholomeu Dias e Pero da Covilhã; executado por D. Manuel e Vasco da Gama, coroado por Affonso de Albuquerque, e, finalmente, cantado por Camões! é a joia das joias no thesouro das glorias nacionaes!!

Do seu brilho e do seu esplendor, d'esse reflexo deslumbrante que hoje, passados quatro seculos, está projectando aos olhos do mundo sobre esta nobre terra de Portugal, cumpre que sejamos guardadores attentos e zelosos!

Os chronistas portuguezes d'essa grande epocha, fizeram de El-Rei D. Manuel um semi-Deus, esquecendo que, rei, e grande rei! era, não obstante, um homem! Os escriptores estranhos que áquelles commentaram, ciosos das nossas glorias, amesquinharam-lhe a estatura e a dos seus collaboradores... E entre o exagero cortezão dos primeiros e o exagero apaixonado dos segundos, em geral, a historia, que anda nas mãos do povo, optou pela injustiça dos ultimos!

Hoje, que nós todos, portuguezes! beneficiâmos da gloria d'esses heroes, cumpre reparar tal erro e ingratidão! Vós, senhoras e senhores! ides vel-os animados por um sôpro de vida, ides contemplar as suas qualidades e os seus defeitos, ides assistir á sua obra!

E balanceando no vosso pensamento umas e outros, voltae sem receio os olhos para as melhores paginas da historia do mundo, que não vereis lá heroes mais impeccaveis como homens, nem homens que mais se alteassem como heroes!!

E esquecendo, senhoras e senhores! as insufficiencias da demonstração tentada pelo auctor, lembrae-vos apenas da intenção com que se abalançou a empreza tão superior ás suas forças, sendo para com elle benevolentes.

(O arauto saúda novamente e retira-se. Passados breves momentos, sobe o panno talão, e entram em scena os personagens do quadro primeiro)

ACTO PRIMEIRO

PERSONAGENS DO ACTO PRIMEIRO

D. LEONOR, Rainha, viuva de El-Rei D. João II.
EL-REI D. MANUEL.
INFANTE D. JORGE, filho natural de El-Rei D. João II.
AFFONSO DE ALBUQUERQUE, estribeiro mór de El-Rei D. João II.
VASCO DA GAMA, capitão mór da armada enviada á descoberta da India.
PAULO DA GAMA, capitão da náu *S. Raphael*.
NICOLAU COELHO, capitão da náu *S. Miguel*.
O PRIOR DO CRATO, aio do Infante D. Jorge.
AYRES DA SILVA, camareiro mór de El-Rei D. João II.
RUY DE PINA, chronista mór.
FERNÃO DE MASCARENHAS, capitão dos ginetes de El-Rei D. João II.
GONÇALO VAZ DE MELLO, mestre sala de El-Rei D. João II.
ANTONIO CARNEIRO, moço fidalgo, depois secretario de El-Rei D. Manuel.
FR. JOÃO FOGAÇA, capellão do paço.
CAÇUTO, astrologo israelita [1].
BALTHAZAR DE VILLEGAS, moço fidalgo.
FR. JOÃO FIGUEIRA, confessor da armada enviada á descoberta da India.
O ANCIÃO DO RESTELLO.
ALVARO VELHO, marinheiro da armada enviada á descoberta da India.
SANCHO MEXIA, soldado.

Fidalgos, damas, pagens, escudeiros, soldados, marinheiros, frades, judeus, homens, mulheres e creanças do povo, etc.

[1] Damos o nome por que este personagem era tratado na côrte, segundo a corrupção feita do seu nome israelita *Abrahão Ben Samuel Zacuth*.

QUADRO PRIMEIRO

ANNO DE 1495

Sala do throno no paço de Montemór o Novo.

RUY DE PINA

Quando partirá El-Rei, nosso senhor, para Evora, senhor camareiro mór?

AYRES DA SILVA

Depois da côrte voltar de Silves, e se reunirem os estados geraes.

RUY DE PINA

Sinto tropel de cavallos... será já o cortejo? *(Vae a uma janella)*

(Entra um pagem)

AYRES DA SILVA, ao pagem

Quem são os cavalleiros que chegaram?

O PAGEM

Affonso de Albuquerque, estribeiro mór de El-Rei, que santa gloria haja, e Fernão de Mascarenhas, capitão dos ginetes, que n'este momento desmontam...

AYRES DA SILVA

Fazei-os subir...

(O pagem sáe)

RUY DE PINA, olhando da janella

Vem com Affonso de Albuquerque dois escudeiros do sr. Infante.

AYRES DA SILVA

Mas o sr. D. Jorge está em Messejana! Não comprehendo...

RUY DE PINA

Nem eu tão pouco...

(Entra Affonso de Albuquerque)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Deus vos guarde, senhores!...

AYRES DA SILVA

Sêde bem vindo, sr. Affonso de Albuquerque... e Fernão de Mascarenhas?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Vem ahi...

RUY DE PINA

Chegaes de Silves?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Não. Como vos lembrareis, quando El-Rei, que santa gloria haja, partiu para Alvor, por ter peiorado nas Caldas, eu estava soffrendo d'essas maleitas que ganhei na Africa, e precisava de me ir tratar para a minha quinta do Paraizo, na Alhandra...

AYRES DA SILVA

Mas ficastes...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim. El-Rei melhorou, e tanto, que eu deixei-o em Alvor tão bem disposto, que mandára chamar a Villa Nova de Portimão o sr. Infante para com elle jantar no dia seguinte.

RUY DE PINA

E assim foi...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Calculae, portanto, a minha dolorosa surpreza, recebendo inesperadamente a noticia da sua morte... Montei a cavallo, apesar das febres, e de redea abatida parti, como se corresse no encalço dos infieis. *(Commovido)* Eu queria beijar ainda uma vez a mão de El-Rei meu senhor... *(Descalça a luva e passa-a pelos olhos)*

AYRES DA SILVA

El-Rei D. João II, que santa gloria haja, era vosso grande amigo...

RUY DE PINA

Bem vos está choral-o, sr. Affonso de Albuquerque.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, recobrando animo

Isto foi nuvem que passou... *(Narrando)* Só parei em Alvor... O prestito tinha já partido... Pensei em seguir para Silves. Mas para quê? Já me não cumpria, como no tempo em que o meu senhor cavalgava, calçar-lhe as esporas e segurar-lhe o estribo... *(Commovido)* Para lhe dizer um ultimo adeus, fui ajoelhar aos pés do leito em que fallecêra...

RUY DE PINA

Por Deus! Sr. Affonso de Albuquerque! não vos angustieis assim...

AYRES DA SILVA

Conformemo-nos com os decretos da Providencia.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Então pensei que devia acompanhar seu filho querido na dôr da orphandade, e parti para a Messejana...

RUY DE PINA

E d'ahi chegaes?

(Entra Fernão de Mascarenhas)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Eu e Fernão de Mascarenhas...

FERNÃO DE MASCARENHAS

Ali estavamos quando chegaram as cartas de El-Rei D. Manuel, e todos sentiram grande consolação por seu nobre procedimento, escolhendo Henrique Correia, irmão da mãe do sr. Infante, para lh'as levar...

AYRES DA SILVA

Trazeis mensagem do sr. D. Jorge para El-Rei?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Não. Reconhecido e sensibilisado com as palavras de conforto e amisade de El-Rei, nosso senhor, não tarda ahi o sr. D. Jorge, com a côrte que volta de Silves, para lhe apresentar as suas homenagens.

RUY DE PINA

O que vos traz pois na frente?

FERNÃO DE MASCARENHAS

A curiosidade...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim. Para ouvir vossos pareceres sobre os acontecimentos a que estamos assistindo, nos adiantámos ao cortejo.

AYRES DA SILVA

Só para isso!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Admiraes-vos?

FERNÃO DE MASCARENHAS

Não pensareis como nós, que este momento que a côrte atravessa é melindroso, e pede circumspecção da parte de todos?...

RUY DE PINA

Quanto a mim, assim o entendo.

AYRES DA SILVA

Tendes rasão. Tendes rasão... E praza a Deus inspirar sempre em seus actos, como até agora, El-Rei D. Manuel e o sr. Infante...

FERNÃO DE MASCARENHAS

Para que não entremos apenas em um novo reinado, mas em uma era nova... de paz e harmonia...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Justamente. Sem ella, não poderá o reino seguir seus altos destinos.

RUY DE PINA

El-Rei nasceu no momento em que a procissão do Corpo de Deus passava. O povo n'isso viu milagre e muito espera do seu reinado, mas só com socego interno poderá elle ser ditoso...

AYRES DA SILVA

Vós, senhores! fostes, como eu, vassallos fieis e bons amigos de El-Rei D. João o II, que santa gloria haja, e não deixareis por isso de o ser tambem de El-Rei D. Manuel, seu primo, a quem legou a corôa... mas bom será que todos assim façam.

FERNÃO DE MASCARENHAS

Seguindo o exemplo dos mais alto collocados...

RUY DE PINA

Pensaes como eu...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Com effeito, o duque de Beja, hoje rei, conservou-se sempre na maior reserva...

AYRES DA SILVA

O mesmo, porém, não faziam os seus partidarios que se agitavam em torno da Rainha D. Leonor, sua irmã, sustentando as suas instancias para que El-Rei lhe legasse a corôa, visto ter morrido no desastre de Santarem o Principe D. Affonso, herdeiro do throno...

FERNÃO DE MASCARENHAS

E se o sr. Infante D. Jorge se não mostrou sentido ou despeitado quando a côrte de Roma se oppoz á sua legitimação pedida por seu pae, nem por isso deixou de ter amigos que descontentes se mostraram...

AYRES DA SILVA

E por que havia de uns e de outros, e resentimentos, e compromissos de pessoas, El-Rei expirou longe dos seus, e só á hora da morte mandou pedir perdão de suas faltas á Rainha, irmã, e a D. Beatriz, mãe do infortunado duque de Vizeu...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, a Ruy de Pina

A mesma significação tem o que vimos em Alvor...

RUY DE PINA

Exactamente. A sós comvosco, sr. camareiro mór, e com Antão de Faria, El-Rei estava fazendo o seu testamento... Eu guardava a porta da camara. O duque de Beja chegou, e eu assim lh'o disse. Respondeu-me que o não annunciasse, e retirou-se...

Contei-o depois a El-Rei, que me observou: bem fizeste e bem fez o duque...

FERNÃO DE MASCARENHAS

O que tinha a dizer-lhe como successor no reino, disse-lh'o por via do seu testamento...

AYRES DA SILVA

E basta essa herança, com os seus encargos difficeis, para dar que fazer a El-Rei nosso senhor...

RUY DE PINA

El-Rei terá de contemporisar com a nobreza, para seguir com os planos de D. João II.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Pensaes que elle levará por diante o seu projecto de mandar uma armada á descoberta da India?

FERNÃO DE MASCARENHAS

Eu assim o espero, porque, mesmo infante, muito se interessava por tal assumpto...

RUY DE PINA

Posso attestar que o seguia com attenção, desde que a El-Rei, que santa gloria haja, chegaram as cartas

em que Pero da Covilhã lhe dizia, do Cairo, que os navios partindo da Guiné, e seguindo até ao extremo de Africa, se aproassem para leste, em direcção á ilha da Lua, por Sofala, estariam no caminho da India.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O mesmo ouvi em Napoles aos pilotos do Levante, quando fui na expedição contra os turcos...

AYRES DA SILVA

É fóra de duvida que El-Rei, nosso senhor, fará acabar a construcção das náus e as mandará n'essa empreza.

FERNÃO DE MASCARENHAS

E fará bem, por minha fé!...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim, para que os reis de Castella nos não levem a dianteira na conquista das terras maravilhosas de alem mar...

RUY DE PINA

Erro foi o de El-Rei, que santa gloria haja, não acceitar a offerta do sabio Colombo. As Indias Occidentaes seriam hoje nossas...

AYRES DA SILVA

Grande foi depois a paixão de El-Rei.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Portugal deve romper por esses mares fóra a buscar maior poder e mais força!

(Ouve-se vozear de povo)

FERNÃO DE MASCARENHAS, que tem chegado á janella

Eis a côrte que chega!

(Entra um pagem)

O PAGEM

Senhores! El-Rei!

(D. Manuel entra seguido por alguns fidalgos; reparando em Affonso de Albuquerque, pára, e emquanto este ajoelha e lhe beija a mão)

D. MANUEL

Folgo por vos ver restabelecido, Affonso de Albuquerque! que eu hei de precisar dos valentes cavalleiros de Africa.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, de joelhos

Senhor! a minha vida e a minha espada são vossas, como foram de El-Rei, que santa gloria haja.

(El-Rei segue a sentar-se no throno. Entra Gonçalo Vaz de Mello, mestre-sala)

GONÇALO VAZ DE MELLO

Senhor! O Infante, o sr. D. Jorge, acompanhado pelo prior do Crato, seu aio, e pelos fidalgos que voltam de Silves, deseja apresentar-vos as suas homenagens.

D. MANUEL

Espero-o anciosamente.

VAZ DE MELLO, chegando á porta e annunciando

O sr. Infante D. Jorge.

(O Infante entra, seguido pelo prior do Crato e mais fidalgos. O prior do Crato toma-o pela mão, e ambos fazem menção de ajoelhar nos degráus do throno, mas El-Rei levanta-se, e, chorando, se abraça ao Infante. El-Rei senta-se no throno, o Infante fica de pé ao lado do prior do Crato)

O PRIOR DO CRATO, ajoelhado no degráu do throno

Senhor! El-Rei D. João o II, vosso primo, que santa gloria haja, segundo me disse ao expirar, de uma cousa ía muito contente d'este mundo, e de outra muito preoccupado: contente, por saber quão bom rei e senhor em vós deixava a estes reinos; preoccupado, pela sorte d'este filho, que ante vós está como humilde vassallo. E por isso me mandou que da sua parte vos dissesse, que se

julgaes dever-lhe alguma obrigação pelos bens, honras e mercês que vos fez em vida, esperava da vossa bondade e virtude que a reconhecerieis n'este orphão, que por seu mando aqui vos trago, para ante vós da sua parte lhe recommendar que em tudo vos guarde fé, lealdade e obediencia, como a seu rei e senhor que sois!

(O Infante sobe os degráus do throno e ajoelha beijando a mão de El-Rei, que estende a mão sobre a sua cabeça, dizendo)

D. MANUEL

Recebo a D. Jorge como se meu filho fôra, e como tal o tenho e terei sempre, assim como cumprirei quanto El-Rei D. João o II, que santa gloria haja, me manda em seu testamento.

(Signaes de approvação dos fidalgos)

D. JORGE

Permitti agora, Senhor! que vá beijar a mão á Rainha.

D. MANUEL

Ide com Deus, sr. Infante, e vós, senhores! acompanhae D. Jorge.

(A côrte sáe. Ouve-se o vozear do povo)

AYRES DA SILVA, que tem ficado

Senhor! Junto do paço está muito povo esperando os deputados do terceiro estado.

(El-Rei dirige-se á janella, e ouvem-se vozes populares)

POPULARES

Viva El-Rei D. Manuel nosso senhor! Viva El-Rei D. Manuel nosso senhor!

D. MANUEL

Ide, Ayres da Silva, e mandae entrar os deputados do terceiro estado logo que se apresentem. *(Ayres da Silva*

sáe. D. Manuel fica alguns momentos pensativo) Sou rei! Assim o diz o povo, e a voz do povo é a voz de Deus! *(Pausa)* Foi elle que me elevou ao throno, fazendo partir da terra, antes de mim, tantos principes a quem pertencia occupal-o... *(Pausa. Pensativo)* Mas esta corôa que a Providencia quiz collocar na minha cabeça, não será pesada de mais para as minhas forças? Saberá o duque de Beja illustrar o escudo de Affonso Henriques, e sustentar a espada do Mestre de Aviz? Saberá elle recolher a herança de D. João o II? *(Pausa. Convictamente)* Sim! Elle o saberá! Porque se ha de inspirar no exemplo do grande Henrique, que, simples infante, como o duque de Beja era ainda hontem, deu ao reino tamanhas glorias como esses monarchas! E se elle, infante apenas, do promontorio de Sagres ensinou aos cavalleiros e navegadores portuguezes o caminho das descobertas e das conquistas pela desconhecida vastidão dos mares, o duque de Beja, hoje rei, do promontorio do throno, saberá fazel-os avançar na gloriosa senda, para arvorarem triumphante a cruz de Christo n'esse maravilhoso Oriente... E Deus me ajudará! *(Pausa. Apaixonadamente, desabotoando o justilho e tirando uma medalha presa a uma cadeia de oiro que contempla)* E tu, doce enlevo da minha alma, sonho querido do meu coração, que, infante, eu tinha de calar, tu poderás tambem realisarte!... Que a seductora filha dos reis catholicos, a formosa viuva de Affonso, herdeiro de Portugal, não recusará essa corôa, agora offerecida pelo rei!

(D. Leonor entra sem que El-Rei dê por ella, e tem ouvido as suas ultimas palavras)

D. LEONOR

E eu, senhor rei e irmão! vos secundarei n'esse projecto, como em todos que forem para maior gloria do throno que meu esposo occupou, que o meu desditoso filho não chegou a occupar! *(Tira da escarcella um pedaço de rede que fixa tristemente e cobre de beijos)*

D. MANUEL, carinhoso

Obrigado, senhora irmã! Mas vós choraes? *(Indicando a rede)* Oh! abandonae essa triste recordação...

D. LEONOR

Isso nunca! A rede do pobre pescador da Ribeira de Santarem, em cuja cabana expirou meu querido filho, para onde o trouxeram exanime em resultado da quéda que lhe deu a morte, bem o sabeis, adoptei-a para o meu brazão, é o crépe que envolve a minha corôa. E nem a rainha esquecerá, jámais, que tem no seu escudo essa triste divisa do seu coração de mãe, nem a mãe póde apartar-se d'esta rede, que é o symbolo da sua dôr. Vós estaes apaixonado por Izabel de Aragão, eu estou apaixonada pela recordação do meu Affonso. O vosso coração está preso nas malhas do amor, e não póde fugir, como a minha saudade está presa e não póde fugir da rede do pescador da Ribeira.

D. MANUEL

Nenhuma consolação esperaes, n'esse caso, ter jámais das vossas penas?

D. LEONOR

Espero, senhor rei e irmão, em Deus! que me faz confiar em vós. D'Elle espero que no céu me unirá um dia a meu filho; confio que vós na terra procurareis remir as faltas de que a sua morte foi o castigo...

D. MANUEL

Fallae, senhora irmã! Com respeito e attenção vos escutarei, pois não esqueço que, apenas nascido, já vós occupaveis o throno... Fallae não só ao rei, mas ao irmão que vos deve a corôa...

D. LEONOR

Assim o farei, senhor rei e irmão: *(Pausa)* D. João o II, meu esposo, que santa gloria haja, se commetteu faltas, não deixou de ser um grande rei... Consolidou o poder real, abatido ante a nobreza... A vós cumpre aproveitar do seu exemplo tudo o que elle encerra de bom, evitar tudo que n'elle ha de máu! D. Affonso V, pae de meu esposo, legou-lhe o throno assoberbado pelo poder a que deixou subir a nobreza, e a fazenda real exhaurida!... Quando subiu ao throno, os titulos, mercês, pensões e moradias, doações, tenças, dotes para casamentos e educação dos filhos da nobreza, concedidos pelo defunto rei, levavam a quarta parte dos rendimentos do estado! E a par d'isto, havia nobres que, por seu poder em terras e vassallos, eram quasi reis!... O duque de Bragança, afóra muitas outras propriedades, era senhor de cincoenta cidades, villas e castellos; mais de tres mil ginetes contava a sua mesnada, e passavam de dez mil os seus peões... Era senhor da terça parte do reino, e acostumado a olhar o rei como seu igual, e herdeiro do glorioso condestavel, considerava-se esbulhado da corôa... D'ahi as rivalidades e as luctas, e das luctas as tragedias que a ambição gera entre os homens. *(Pausa)* Sabeis o que se passou... É a historia de hontem, a que assististes ainda joven, mas já attento e contristado, porque n'essa lucta encarniçada de D. João o II, meu esposo, e nosso primo, para supplantar os nobres, vós e eu perdemos um irmão querido...

D. MANUEL

Sim. Dizeis bem, senhora irmã. Das paixões nascem paixões maiores; o sangue derramado chama sempre outro sangue. O nosso irmão D. Diogo, não lhe soffreu o animo ver caír em Evora a cabeça do duque de Bragança, e...

D. LEONOR, interrompendo-o

Oh! por piedade, senhor irmão! não recordeis esses funestos successos dos meus dias atribulados, como rainha, esposa e irmã... Ou antes, recordae-os só para banir do vosso reino as luctas á mão armada entre filhos da mesma terra; para que nos paços reaes mais se não veja nodoas de sangue... Fazei, senhor irmão e rei! que esse nobre sangue portuguez corra antes nas luctas pela fé, e nas conquistas para dilatação do reino; fazei que n'ellas partilhem glorias e sacrificios a nobreza e o povo, porque todos são portuguezes, mas fazei-o de fórma que uns e outros se não esqueçam, jámais! que acima d'elles está o rei! e acima do rei só Deus!

D. MANUEL

Assim o prometto, senhora irmã!

D. LEONOR

Se o fizerdes, o vosso reinado será bemdito no céu e na terra, e com elle me dareis, quer eu na terra ainda seja, quer Deus me tenha já chamado a si, o maior conforto nas minhas desventuras, porque verei continuada a obra de meu esposo, e resgatados os seus erros.

(Entra o camareiro mor)

AYRES DA SILVA

Senhor! Os representantes do clero, da nobreza e do povo, aguardam-vos para se abrirem os estados geraes...

D. MANUEL

Dizei-lhes que breve estarei com elles...

(O camareiro saúda e retira-se)

D. LEONOR

Ide, senhor irmão! ide com Deus receber os preitos dos tres estados... É a vossa sagração de Rei! E pois

que já recebestes as homenagens da côrte, e ides receber as da nação, acceitae tambem as d'aquella que se não esquecerá nunca de que é a vossa primeira vassalla...

(Quer ajoelhar e beijar-lhe a mão)

D. MANUEL, impedindo-a de o fazer

Rainha sempre! e sempre irmã! o vosso logar não é aos pés do Rei, mas junto ao seu coração. *(Abraça-a)*

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO SEGUNDO

ANNO DE 1497

Sala no paço de Extremoz.

FR. JOÃO FOGAÇA

Eis-vos regressado do exilio em S. Thomé, sr. Antonio Carneiro.

ANTONIO CARNEIRO

Graças á bondade da Rainha D. Leonor e á clemencia de El-Rei.

FR. JOÃO FOGAÇA

Tambem, que grande crime o vosso! Casar a occultas com a filha de Pero de Alcaçova... Já vos tomou de novo para o despacho, e corre que breve sereis secretario de D. Manuel, que muito aprecia o vosso talento.

ANTONIO CARNEIRO

Se receber tal mercê, devel-a-hei só ao favor real.

FR. JOÃO FOGAÇA

Deixae em paz a vossa modestia: fallemos dos negocios do reino em que sois tão competente... Estaes, pois, satisfeito com o que El-Rei nosso senhor tem feito?

ANTONIO CARNEIRO

Por certo! Desde que subiu ao throno, El-Rei tem mostrado energia a par de clemencia, rectidão a par de bondade. Só n'um ponto esqueceu o testamento de D. João o II: em mandar vir do exilio os senhores de Bragança... Mas n'isso está o seu maior elogio... Considerae como o fez: teve palavras de boa vinda para o duque D. Jayme, mas constando-lhe que seus creados tinham fallado sem respeito de El-Rei, que santa gloria haja, logo os advertiu que á segunda vez os castigaria rigorosamente...

FR. JOÃO FOGAÇA

E restituiu-lhes os bens que de direito lhes pertenciam, mas indemnisando aquelles a quem D. João o II os dera.

ANTONIO CARNEIRO

E para não haver descontentes, confirmou ao mesmo tempo todas as mercês feitas pelo seu antecessor, começando por investir nos méstrados de Aviz e de S. Thiago o sr. D. Jorge, a quem tem no paço como se fôra seu filho...

FR. JOÃO FOGAÇA

E bello um tal proceder... E de bom Rei e bom christão foi tambem augmentar os soldos e mantimentos aos cavalleiros e soldados de Africa, *(Entram Caçuto e o moço da camara Balthazar de Villegas)* e dar á igreja o dizimo dos tributos e páreas que os mouros pagam.

CAÇUTO

Ouvis? sr. Balthazar de Villegas! terá El-Rei favorecido só os judeus?

BALTHAZAR DE VILLEGAS

Nem vos dizia tanto... Mas apenas, que para resolver suas questões mais conselhos tem sido convocados, do

que para tratar da descoberta da India, o sonho dos que, como eu, querem servir a patria...

FR. JOÃO FOGAÇA

Sois injusto, mancebo... Ha de chegar a vossa vez...

ANTONIO CARNEIRO

Não vos admireis, sr. capellão: poucos são os que sabem apreciar com justiça o proceder de El-Rei com os judeus, tão habil foi. No começo do seu reinado libertou-os. Depois, ás instancias dos reis catholicos e dos outros monarchas da Europa, pareceu expulsal-os como elles, e ser até cruel, marcando-lhes praso para saírem do reino, e tirando-lhes os filhos para os fazer baptisar. Mas ao mesmo tempo inventou difficuldades á sua saída; fez que não houvesse navios promptos; de tres portos concedidos para embarcarem, fechou dois, e assim conseguiu que a maior parte ficasse e se convertesse: conciliou os interesses da religião com os do reino...

BALTHAZAR DE VILLEGAS

O mesmo empenho quizera ver-lhe na descoberta da India, a que o conselho fez opposição...

ANTONIO CARNEIRO

Socegae, que se El-Rei em pouco mais de um anno restabeleceu a harmonia entre a corôa e os fidalgos; regulou, para bem do povo, os julgamentos da justiça, e está reformando os foraes; se estreitou, sem allianças, as relações com Roma, Castella, França e a senhoria de Veneza; se levou a bom termo as negociações para o casamento com a filha dos reis catholicos, que o fará herdeiro da corôa de Castella, saberá tambem, mais cedo do que pensaes, resolver a empreza da India...

(Um escudeiro entra, seguido por Affonso de Albuquerque e outros fidalgos)

O ESCUDEIRO

Grande nova, senhores! grande nova!

FR. JOÃO FOGAÇA

Terminou o conselho? O que se passou?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

El-Rei, sem que ninguem o esperasse, apresentou novamente o projecto da descoberta da India, e apesar de ter votos contrarios, defendeu-a calorosamente e ficou resolvida...

(Chega o camareiro mór)

AYRES DA SILVA

Senhores! El-Rei!

(Entra D. Manuel)

D. MANUEL, a Caçuto

Mestre Caçuto! acabo de fallar ao conselho pela vossa bôca, repetindo o parecer que me déstes sobre a descoberta da India. Permitta Deus que a vossa prophecia se realise...

CAÇUTO

Tudo bem tenho estudado, senhor! e pelo querer de Nosso Senhor, concluido que vós fazeis descobrir e subjugar a India, porque é grande o vosso planeta sob a divisa da esphera, que D. João o II, que santa gloria haja, vos deu por emblema.

D. MANUEL

Uma cousa me preoccupa, mestre Caçuto: quem será o capitão mór da armada? El-Rei, que santa gloria haja, escolhêra Estevão da Gama... Mas é morto já...

CAÇUTO

Os astros só me indicaram que a India será descoberta por dois irmãos, mas quem sejam, eu não o sei.

(Vasco da Gama vae atravessando a sala sem reparar no Rei)

D. MANUEL, com emoção mostrando-o a Caçuto

Mas eis seu filho! Será a Providencia que m'o indica? *(Chamando-o)* Vasco da Gama? *(Baixo a Caçuto)* Dois irmãos? disseste?

CAÇUTO

Sim, meu senhor!

D. MANUEL, a Vasco da Gama

Folgaria que vos encarregasseis de um serviço em que hei mister de vós, e que será trabalhoso...

VASCO DA GAMA, ajoelhando e beijando-lhe a mão

Senhor! pago estou de todo e qualquer trabalho, pois que de mim vos quereis servir, o que farei emquanto me durar a vida!

D. MANUEL

Tendes um irmão?

VASCO DA GAMA

Tenho tres, senhor! Um moço ainda, outro que aprende para clerigo, e outro mais velho.

D. MANUEL

Chamae esse ultimo para capitão de uma das náus da armada, com que vos quero mandar a descobrir a India, escolhei capitão para a terceira náu, e na vossa, como capitão mór, arvorareis a minha bandeira.

VASCO DA GAMA, ajoelha novamente e beija-lhe a mão

Senhor! Não sou eu quem a deve levar, mas meu irmão Paulo, que é mais velho!

D. MANUEL

É prova de obediencia o que dizeis, e Deus abençoará quem assim é virtuoso; mas a vós escolhi e em vós confio. Ordenae, pois, tudo para vos fazerdes ao mar.

VASCO DA GAMA

Embarcarei quando ordenardes, senhor!

D. MANUEL, tomando-o pela mão, e dirigindo-se á côrte

Senhores! Apresento-vos o futuro descobridor da India!

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO TERCEIRO

ANNO DE 1497

Logar do Restello. Á direita a ermida de Santa Maria de Belem. Da esquerda, e ao fundo, a praia, vendo-se as náus ancoradas no Tejo, e bateis á beira mar. Cavalleiros, soldados, maritimos, frades e povo.

1.º POPULAR, a um soldado

Vem já para cá de Alcantara o cortejo real...

SANCHO MEXIA, a um marinheiro

Ouvis? Alvaro Velho! Vem ahi El-Rei...

ALVARO VELHO

Dizem que embarcará em seu batel, para ir com a armada até á barra...

2.º POPULAR

A que horas partis?

ALVARO VELHO

Logo que os capitães embarcarem. *(Indicando a ermida)* Elles ainda ali estão, que toda a noite velaram ajoelhados ante o altar da Virgem.

1.º POPULAR

E já se confessaram...

SANCHO MEXIA

Assim faz o christão que vae para o mar...

1.ª MULHER DO POVO

Tambem tomaram os Santos Sacramentos...

2.ª MULHER DO POVO

Bem fizeram, que o mais certo é morrerem...

ALVARO VELHO

Longe vá tal agouro. *(Ao marinheiro)* Vem d'ahi, Sancho Mexia, que El-Rei não tarda. Bartholomeu Dias até já está a bordo da sua caravella.

(Dirigem-se á ermida)

SANCHO MEXIA

Esse vae só até á Costa da Mina. É um passeio... Adeus amigos, até á volta.

1.ª MULHER DO POVO

Que Deus vos proteja em tantos trabalhos que ides passar... *(Chora)*

1.º POPULAR

Não vos amofineis, creatura de Deus! Attendei que vão em náus feitas a capricho, fortes como castellos, segundo ensinou Bartholomeu Dias...

2.ª MULHER DO POVO

E as privações? E as doenças?

2.º POPULAR

Privações!? Para cento e sessenta homens, que mais não são, alem do que levam as náus, vae uma barca de mantimentos!

3.º POPULAR

Por signal que o mestre é Gonçalo Nunes, da casa de Vasco da Gama.

1.º POPULAR

E para as doenças não fazem mingua a bordo os physicos e os remedios; tudo foi preparado com cuidado e largueza...

1.ª MULHER DO POVO

Sim, não se poupou a fazenda do Rei; antes esses milheiros de cruzados fossem para os pobres...

2.º POPULAR

Não tenhaes má lingua, que El-Rei não tem esquecido o povo: augmentou os juizes para haver mais prompta justiça, e lá anda Fernão de Pina a corrigir os foraes, para garantir ás povoações seus direitos...

3.º POPULAR

E a Rainha D. Leonor, fez o hospital das Caldas para os necessitados, e corre que para o anno, quando ficar com a governança, por El-Rei ir casar a Castella, estabelecerá uma confraria, chamada da Misericordia, para casar as raparigas, curar os doentes, educar os engeitados, e amparar a pobreza... Santa rainha, na verdade!

(Vem chegando mais povo, annunciando em gestos animados a approximação do cortejo real)

UM POPULAR

Vamos, amigos! Saudemos El-Rei que ahi chega!

1.º POPULAR

Assim deve ser. *(Gritando)* Viva El-Rei D. Manuel, nosso senhor!

(O povo repete duas vezes os vivas, emquanto o Rei e outros cavalleiros desmontam e se encaminham para a ermida, a cuja porta D. Manuel é aguardado por frades e pelos capitães das náus)

UM POPULAR, saíndo de um grupo, e ajoelhando no caminho de D. Manuel

Senhor! Por não poder pagar a siza, me penhoraram a casa.

D. MANUEL

Ide ámanhã ao paço, á hora da audiencia publica, que vos ouvirei. *(Segue para a ermida)*

1.ª MULHER DO POVO

Não sei como tão bom rei determinou esta viagem contra o sentir do povo...

2.° POPULAR

Dizem que muitas riquezas hão de trazer d'essas terras do Preste João.

1.° POPULAR

Contam que lá, o oiro, e as pedras preciosas, são como a areia e as conchas n'esta praia do Restello!

2.ª MULHER DO POVO

Mas o povo antes queria ser pobre na sua terra, e servir a Deus, contentando-se com o que lhe deu...
(Chegam um ancião e um frade)

O ANCIÃO

Ouvis, fr. João Figueira?...

FR. JOÃO FIGUEIRA

Tambem é servir Deus, ir plantar a cruz no Oriente...

O ANCIÃO

E trazer de lá oiro! Pois oiro tambem ahi temos! *(Apontando para o rio)* Com o oiro das areias do Tejo fez D. Diniz um sceptro, e deu El-Rei D. Fernando dezoito quintaes em dote a D. Leonor de Aragão! *(Começam a saír da ermida os monges de pendão e cruz alçada, e as tripulações de tochas accesas, que entregam aos frades á proporção que embarcam nos bateis. Signaes de sentimento*

no povo) Ide, fr. João Figueira, e que volteis a Portugal vos desejo...

(El-Rei despede os capitães das náus, que successivamente lhe beijam a mão)

D. MANUEL, a Paulo da Gama

Que Deus vos traga ao reino, Paulo da Gama! com a vossa náu *S. Raphael.* *(A Nicolau Coelho)* E que o archanjo S. Miguel, de que a vossa tem o nome, vos não desampare, Nicolau Coelho!

O INFANTE D. JORGE, baixo a D. Manuel, indicando-lhe a bandeira que vae a içar-se em uma das náus

Senhor! Vasco da Gama mandou içar a vossa bandeira no navio de seu irmão!

VASCO DA GAMA, ajoelhando

Senhor! Daes licença que partâmos?...

D. MANUEL, abraçando-o

Ide com Deus e a Virgem que seu dia é hoje... *(Vasco da Gama embarca. El-Rei aos fidalgos)* Olhae, senhores, Vasco da Gama fez arvorar a bandeira que lhe dei em Evora, na gavea da náu de Paulo da Gama. Nobre coração!

O ANCIÃO

Oh! gloria de mandar! vã cubiça d'essa vaidade a quem chamâmos fama! não abriga Vasco da Gama em seu grande coração, que bem mal arriscado vae n'esta empreza!

(Espanto geral)

D. MANUEL, severo

Porque fallaes assim?

O ANCIÃO

Porque tenho o saber, da experiencia feito...

D. MANUEL

Quem sois?

O ANCIÃO

Um velho! Em novo, com Affonso V, assisti ás tomadas de Arzilla e de Tanger!

D. MANUEL

Veterano das guerras de Africa! porque maldizeis a conquista da India?

O ANCIÃO

Na Africa, só trocavamos com os mouros lançadas! só de lá traziamos feridas e trophéus! Á India, vão esses trocar fazendas, para trazerem o oiro, e com elle virá a corrupção do Oriente, em que se afundou o maior imperio da antiguidade!

D. MANUEL

Deus permittirá que vos enganeis, e que da descoberta da India só venha o engrandecimento de Portugal. *(Ajoelhando e erguendo as mãos para a imagem da Virgem, collocada em um nicho sobre a porta da ermida)* Assim será para gloria minha e do reino! e assim o peço á Virgem! a quem faço voto de aqui levantar um grandioso mosteiro.

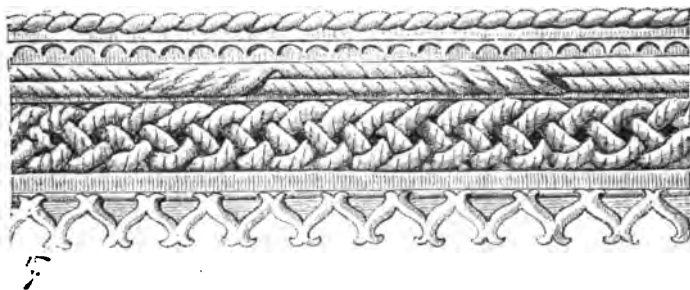
O PANNO DESCE.

ACTO SEGUNDO

PERSONAGENS DO ACTO SEGUNDO

EL-REI D. MANUEL.
A RAINHA D. LEONOR.
O INFANTE D. JORGE.
D. JOÃO MANUEL, camareiro mór.
D. DIOGO LOBO, barão de Alvito.
D. JORGE DE VASCONCELLOS.
D. FRANCISCO DE ALMEIDA.
D. JOÃO DE MENEZES.
ANTONIO CARNEIRO, secretario de El-Rei D. Manuel.
VASCO DA GAMA.
PAULO DA GAMA.
NICOLAU COELHO.
FERNÃO VELLOSO, cavalleiro.
FRANCISCO DE FARIA FIGUEIREDO.
PEDRO DE FARIA FIGUEIREDO.
FR. PEDRO DE COBILLONES, capellão mór da armada.
DIOGO DIAS, escrivão da náu *S. Gabriel*.
PERO DE ALEMQUER, piloto.
FERNÃO MARTINS, mestre e interprete.
MARTIM AFFONSO, piloto.
GONÇALO ALVARES, mestre.
ALVARO VELHO, marinheiro.
SANCHO MEXIA, soldado.
FERNANDO MARTINS DE LISBOA, marinheiro.
FR. JOÃO FIGUEIRA, confessor da armada.
LEONARDO RIBEIRO, marinheiro.
GONÇALO ALVARES, marinheiro.
JOÃO DE SETUBAL, soldado.
JOÃO DE SÁ, idem.
ALVARO DE BRAGA, idem.
EL-REI DE CANANOR.
NAYRE 1.º
UM ANCIÃO, judeu [1].

Fidalgos, damas, pagens, cavalleiros, frades, soldados e marinheiros, nayres, pilotos de Cochim e povo de Cananor, etc.

[1] Depois convertido ao christianismo com o nome de *Gaspar das Indias*.

QUADRO PRIMEIRO

ANNO DE 1498

Coberta da náu *S. Gabriel.* Ao centro o mastro grande, que ficava um pouco para ré de meio navio. Vê-se a parte inferior da véla, com a cruz de Christo vermelha, e as pontas do estandarte vermelho do capitão mór. Por sob a véla, vê-se ao fundo o castello de ré, com dois pavimentos, ambos artilhados; no segundo está a camara do capitão mór; ao centro a canna do leme.

Ao subir o panno, marinheiros estão dando á bomba collocada na frente do mastro. Ouve-se o rugir da tempestade. Soldados, cavalleiros e homens da manobra.

FERNÃO VELLOSO, alegremente aos que tocam á bomba

Vamos, rapazes! Não parem de tocar as sanfonas! senão a *S. Gabriel* vae para o fundo, como um cesto roto! Ide agora tocar as bombas dos porões.

(Os da bomba sáem)

DIOGO DIAS

Quem me déra o vosso animo, Fernão Velloso! que nos grandes perigos em que andâmos, tudo levaes de chalaça...

FRANCISCO DE FARIA FIGUEIREDO

Por serdes tão affoito e brincalhão, ieis deixando a pelle nas unhas dos pretos da bahia de Santa Helena...

FR. PEDRO DE COBILLONES

Se Vasco da Gama vos não acode com alguns homens, estaveis servido...

FERNÃO VELLOSO

E ficou ferido por minha causa! *(A Alvaro Velho, que sentado em um rolo de cabos escreve sobre os joelhos)* Olha lá, Alvaro Velho! não te esqueças de mencionar no teu roteiro a valentia com que o capitão mór me salvou...

ALVARO VELHO

Isso escrevi no proprio dia, como tenho notado quanto vae succedendo em a nossa viagem! Escutae: *(Lendo o caderno)* Largámos do Restello a 8 de julho, e em 15 chegámos ás Canarias, e depois ao Rio do Oiro; emquanto pescavamos, a cerração separou os navios, e só nos juntámos em Cabo Verde, na Ilha do Sal. Depois fomos a S. Thiago, *(Para Diogo Dias)* e separou-se ahi de nós vosso irmão Bartholomeu Dias, com rumo á Costa da Mina. Começaram então os temporaes, as doenças, as náus a fazerem agua, *(Para os pilotos)* vossês, pilotos! a quererem arribar, e o capitão mór a responder-lhes que os atirava ao mar se tornassem a fallar em tal...

FERNÃO VELLOSO, rindo

E se não se calam, ía algum pela borda fóra!

ALVARO VELHO, lendo o caderno

Tocámos depois em Santa Helena, *(Para Fernão Velloso)* onde quizestes ser hospede dos negros, desembarcando com o que veiu a bordo... Depois, foram aquelles dias

de tormenta, e as repetidas voltas ao mar até passarmos o Cabo, *(Para os pilotos)* que vós, pilotos, dizieis não ser ali...

FR. PEDRO DE COBILLONES

Mas que Vasco da Gama, com seu saber, teimava estar proximo, e assim foi...

ALVARO VELHO

Sim; passámos o Cabo a 22 de novembro ao meio dia, e entrámos no mar do Oriente. A 25 chegámos á Angra de S. Braz, onde se queimou a barca dos mantimentos, vieram a bordo os negros...

FERNÃO VELLOSO, interrompendo alegremente

E vimos aquelles grandes brutos dos elephantes a passearem em terra... Como elles partiram espantados, quando se dispararam os berços por os pretos quererem atacar os que foram fazer aguada!

(Vasco da Gama apparece no alto do castello de ré, e ali passeia observando o tempo, cada vez mais tempestuoso)

SANCHO MEXIA

Por isso os malditos, assim que levantámos ferro, derrubaram o padrão que o capitão mór erguêra na praia...

ALVARO VELHO

D'ali partimos a semana passada, e temos vindo sempre debaixo de tempo...

(Vasco da Gama desce e approxima-se sem que dêem por elle)

FR. PEDRO DE COBILLONES

Não deixeis de apontar que, por tal motivo, desde então Vasco da Gama se não deita.

PERO DE ALEMQUER

Pois não será ainda esta noite que descansará na camara... que o temporal vae carregando...

MARTIM AFFONSO

Mas que quereis? Nós, pilotos, somos uns medrosos, e o capitão mór só quer ir para a frente...

PERO DE ALEMQUER

Que a Virgem nos valha, senão vamos mas é para o fundo...

(Augmenta o rugir do vento)

GONÇALO ALVARES

Isso é o mais certo... Nós, mestres! e vós, pilotos! bem o temos avisado... O melhor era arribar...

OS DA MANOBRA

De certo! De certo! Valha-nos o céu!

VASCO DA GAMA, severo, energico, apparecendo de subito

Quem falla aqui em arribar?!

PERO DE ALEMQUER, timidamente

Capitão mór! o navio faz muita agua, a bomba não lhe dá vasão, e como o tempo vae crescendo, difficilmente se aguentará a náu...

MARTIM AFFONSO, timidamente

Demais, estamos sem agua para beber: hontem com o balanço arrombaram-se as pipas...

GONÇALO ALVARES

E em todas as náus ha muitos doentes, que só desembarcando escaparão...

VASCO DA GAMA, serenamente

Sei tudo isso! Mas já vos disse, que ao saír a barra do Tejo prometti a Deus não voltar atrás um só palmo

de caminho!... Não exagereis os trabalhos, que para nos mettermos n'elles aqui estamos. *(Energicamente)* E repito-vos, que lançarei pela borda fóra quem pretender arribar!

(Murmurios de descontentamento na gente da manobra. O temporal augmenta)

PERO DE ALEMQUER

Bem está, capitão mór! Mas o tempo carrega...

VASCO DA GAMA

Pois se carrega, ide a vossos logares!... Pilotos, mestres e marinheiros, estae attentos á manobra e acautelae-vos como homens do mar, que o mesmo faz o vosso capitão! *(Imperiosamente)* Ide! *(Ouve-se uma voz chamando do mar)* Oh lá da náu! *(A Fernão Velloso)* Não ouvistes fallar de uma das náus?

(O tempo augmenta cada vez mais; os mestres apitam, e executam-se manobras colhendo panno)

FERNÃO VELLOSO

Ouvi, com effeito... *(Olhando por sobre a amurada)* Será da *S. Miguel* que vem mais proxima...

VASCO DA GAMA

Olá, pagem! o porta-voz. *(Um pagem cumpre a ordem. Mais distincta ouve-se uma voz do mar: Oh! lá da náu! a Fernão Velloso)* Não ha duvida, é da *S. Miguel* que fallam. *(Fallando pelo porta-voz que o pagem lhe apresenta)* Que quereis, Nicolau Coelho?

UMA VOZ, ao longe

Arribae! Senhor! Arribae! como pedem estes infelizes, antes que desesperados nos prendam para o fazerem...

VASCO DA GAMA, pelo porta-voz, emquanto a tripulação se acérca novamente

Haverei conselho com meus pilotos e mestres, e o que resolver vos direi. *(Baixo a Fernão Velloso)* Nicolau Coelho

não é homem que peça para arribar; as suas palavras são um aviso para que me acautele. *(Alto)* Dizei aos mestres e pilotos que já volto a ouvir seus pareceres... *(Baixo)* avisae os cavalleiros para que escutem os dizeres da tripulação, depois vinde encontrar-me á camara. *(Sobe para o castello da ré e ali pára observando o tempo; depois sobe para a camara)*

FERNÃO VELLOSO, chamando alguns cavalleiros

Escutae o que dizem os da navegação quando eu me fôr ao capitão mór. *(A Francisco de Figueiredo)* Vós, Francisco de Figueiredo! se houver novidade avisae-me. *(Chamando os mestres e pilotos)* Olá! Pero de Alemquer, e vós, mestres e pilotos! *(Aquelles approximam-se)* O capitão mór não tarda a consultar-vos sobre o que mais convém fazer para salvação de todos... Vou dizer-lhe que o esperaes. *(Dirige-se á camara)*

PERO DE ALEMQUER, aos da navegação que se agrupam em torno d'elle, emquanto Francisco de Figueiredo disfarçadamente se approxima para os escutar

Estaes então decididos?

VOZES

Sim! Estamos!

FERNANDO MARTINS DE LISBOA

Vêde bem que é arriscado!

MARTIM AFFONSO

Não ha outro remedio, Fernando Martins de Lisboa!

ALVARO VELHO

Eu não vos denunciarei... Mas lavo de ahi minhas mãos. *(Afasta-se)*

PERO DE ALEMQUER

Então, o dito, dito?!

GONÇALO ALVARES

Sim! Esta noite prenderemos o capitão mór e arribaremos!

FERNANDO MARTINS DE LISBOA

Em Lisboa nos lançaremos aos pés de El-Rei, confessando nossa culpa, e a honra do capitão mór ficará salva!

(Francisco de Figueiredo dá alguns passos afastando-se discretamente; depois dirige-se apressadamente á camara)

PERO DE ALEMQUER

Mas só o faremos, se agora se não decidir com o pedido de Nicolau Coelho!

MARTIM AFFONSO

Deus lhe dê tal inspiração, que o tempo vae cada vez a peor! O que será a noite, Virgem Santa!

UM MARINHEIRO

Os da bomba estão estafados, e nos porões o mar já entra á vontade!...

GONÇALO ALVARES, a alguns marinheiros

Ide vós rendel-os... *(Os marinheiros obedecem)* É preciso cassar todo o panno. *(Apita, e os marinheiros executam a manobra)*

MARTIM AFFONSO

Vereis como corremos em arvore secca, se o capitão mór quizer dar emfim a popa ao tempo... *(Vasco da Gama desce do castello de ré)* Elle ahi vem...

PERO DE ALEMQUER

Olá, mestres! vinde ao capitão mór.

(Os mestres e pilotos agrupam-se, e alguns marinheiros se approximam, emquanto Vasco da Gama pára na coberta ao fundo fallando com os cavalleiros, que se dirigem á sua camara)

VASCO DA GAMA, aos mestres e pilotos

Não sou tão valente que não tema como vós a morte! nem coração tenho tão duro que não ouça vossos lamentos... *(Como quem muito lhe peza)* Vamos arribar! *(Grande regosijo na tripulação)* Mas para minha desculpa ante El-Rei, nosso senhor! vós! pilotos e mestres, que entendeis da navegação, ide á minha camara assignar o auto que mandei lavrar pelo escrivão! *(Os pilotos e mestres dirigem-se á camara. Aos marinheiros)* Vós cuidae da manobra entretanto...

UNS MARINHEIROS

Graças, senhor! Graças!

OUTROS MARINHEIROS

Deus vos inspirou, capitão mór!

VASCO DA GAMA

Ide!

(Os marinheiros vão a afastar-se, mas param, vendo apparecer, como envolvidos em lucta de braço, á porta da camara, os mestres e os cavalleiros)

UM MARINHEIRO

Accorrei, capitão mór, ha lucta na vossa camara.

VASCO DA GAMA, energico

Aquietae-vos!...

OUTRO MARINHEIRO

Senhor! Não deixam por certo assignar o auto...

VASCO DA GAMA, colerico

Esperae! vos disse já... São pelo contrario as minhas ordens que se estão cumprindo...

UM MARINHEIRO, baixo aos companheiros

Fomos denunciados!...

VASCO DA GAMA

Esperae! que breve sabereis o que se passa. *(Começam a saír da camara os pilotos algemados que os cavalleiros trazem ante o capitão mór)* Ahi tendes, chefes e cumplices da conspiração! qual é o premio que se dá aos traidores!

(O fragor da tempestade augmenta)

OS MARINHEIROS, caíndo-lhe aos pés

Perdão, senhor! Perdão! Tende piedade de nossas mulheres e filhos!

OUTROS MARINHEIROS

Só para salvar as vidas vos trahimos!

VASCO DA GAMA, chamando energicamente, no momento dos presos chegarem

Fernão Velloso?

FERNÃO VELLOSO

Eis-me aqui, capitão mór! *(Surge de entre os soldados e marinheiros agrupados por detrás dos presos, trazendo um braçado de cartas geographicas e instrumentos nauticos)*

VASCO DA GAMA, a Fernão Velloso

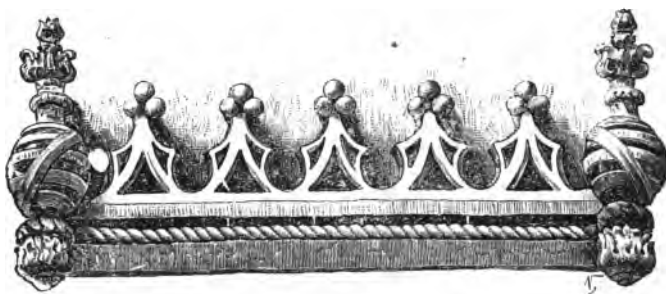
É tudo quanto pertencia aos pilotos?

FERNÃO VELLOSO

Tudo!

VASCO DA GAMA

Dae cá! *(Toma as cartas e instrumentos, e dirigindo-se á amurada, lança tudo ao mar. Movimentos de assombro e terror na tripulação)* Gentes! Olhae que não tendes já mestre nem piloto que vos ensine o caminho! *(Apontando para o céu)* Piloto e mestre é só Deus! que nos ha de salvar por sua misericordia, se o merecermos. *(Tomando o porta-voz das mãos de um pagem)* Olá das náus! Em ferros tenho meus pilotos e mestres! Fazei aos vossos o que vos parecer! Eu sigo meu rumo!

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO SEGUNDO

ANNO DE 1498

Margens do *Rio dos Bons Signaes*, ou da *Misericordia*. Barracas armadas com vélas e mastaréus, outras meio desarmadas. Restos de madeira queimada, dispersos, e outros signaes do acampamento feito para concertar os navios. No rio vêem-se fundeadas duas náus. Cavalleiros, soldados, os mestres e pilotos algemados e marinheiros.

PERO DE ALEMQUER

Tomára já ver-me no mar outra vez! Este calor mata a gente...

LEONARDO RIBEIRO

Já foi maior, homem de Deus! quando queimámos a náu de Nicolau Coelho!

FERNÃO VELLOSO

Ámanhã teremos outra vez fresco, pois com o favor da Providencia levantaremos ferro...

FR. JOÃO FIGUEIRA

Não ha fome que não dê em fartura: tanto frio apanhámos com os ventos e tempestades que ha mez e meio

nos tiveram quasi perdidos, como nos temos farto de calor n'este mez passado em terra.

FR. PEDRO DE COBILLONES

E dêmos graças a Deus, pela sua misericordia em nos salvar.

MARTIM AFFONSO

Por isso, da Misericordia, chamámos a este rio em que nos abrigámos...

FERNÃO VELLOSO

Dos Bons Signaes lhe chama tambem o capitão mór, por terem vindo a bordo esses mercadores vestidos de sedas, *(Indicando um sitio da margem)* que ali ergueram tenda, e nos venderam fazendas do Oriente, por onde Vasco da Gama reconheceu irmos no caminho da India...

FR. JOÃO FIGUEIRA

Estamos até já proximos, como disse o mancebo que os acompanhava.

PERO DE ALEMQUER

Sim, ámanhã, 24 de fevereiro, partiremos, e o capitão mór, que soube trazer o navio até aqui, debaixo de um temporal desfeito, emquanto nós, presos no chapitéu, só apitavamos para as manobras que elle ordenava, levar-nos-ha por certo á India...

MARTIM AFFONSO

E depois, partiremos na volta de Portugal! Eu agora confio n'elle quasi tanto como na Providencia!...

(Chega Gonçalo Alvares)

GONÇALO ALVARES

Como elle dirigiu n'este mez os concertos dos navios! Parecia um mestre da Ribeira das Náus!

FERNÃO VELLOSO

E, seu bom irmão, Paulo da Gama, não se saíu curandeiro?! Os physicos sem atinarem com o remedio para essa doença da bôca que ahi tem havido, e vae elle, sempre descobriu uma receita!...

FR. JOÃO FIGUEIRA

Pouco aceiada na verdade... Parecia peça de entrudo!

FERNÃO VELLOSO

Olha o poeta delicado! Mas bebestes, e foi o que vos curou...

VOZES DIFFERENTES

E a mim... E a mim tambem!...

MARTIM AFFONSO

Ainda não falhou uma vez! *(Vem do rio um batel que atraca á margem saltando em terra soldados e cavalleiros)* Os capitães não tardam, que já ahi vem os artifices para assentarem o padrão.

(Chega outro batel do qual descarregam o padrão)

FR. PEDRO DE COBILLONES, mostrando o padrão

Sim, com elle deixará Vasco da Gama a cruz levantada n'estas paragens *(Os artifices approximam-se com o padrão, e começam a abrir uma cova para o fixar)* e affirmado o dominio portuguez *(Lendo a inscripção do padrão)* «Do senhorio de Portugal, reino de christãos!»

FERNÃO VELLOSO

Sou um estouvado, fr. Pedro de Cobillones! mas espero que me não engeitareis logo, para vos acolytar: quero apresentar-vos o hyssope *(Apontando para o padrão)* quando lhe lançardes a benção...

FR. PEDRO DE COBILLONES

Pois seja, que o mereceis como bom christão e valente cavalleiro!

(Chegam bateis conduzindo Vasco da Gama, os capitães Nicolau Coelho e Paulo da Gama, cavalleiros, soldados e marinheiros. Fr. Pedro de Cobillones tem entrado em uma barraca)

UM ARTIFICE, a Vasco da Gama

Capitão mór! Está plantado o padrão!

VASCO DA GAMA, a Fernão Velloso

Fr. Pedro de Cobillones? Estava aqui quando desembarcámos...

FERNÃO VELLOSO, indicando a barraca

Foi revestir-se *(Sáe o capellão paramentado, seguido por dois frades)* Eil-o!

(Vasco da Gama, com os capitães e cavalleiros, colloca-se dando a direita ao padrão; á direita do monumento, e junto d'elle, o capellão e os frades; a seguir, as tripulações, tendo á frente os pilotos e mestres algemados. Os soldados ficam por detrás de uns e de outros)

VASCO DA GAMA, avançando um passo

Ámanhã, com a graça de Deus, *(Descobre-se)* partiremos! *(Dirigindo-se aos pilotos e mestres)* Tudo que é passado vos perdôo, para que tenhaes esperança em Nosso Senhor, a quem aprouve livrar-nos de tantos perigos e nos levará á India, que já está proxima! *(Approximando-se de Pero de Alemquer)* Só para que El-Rei avalie os muitos perigos e trabalhos que passastes e castigo que soffrestes, *(Começa a tirar-lhe as algemas)* os ferros, que agora vos tiro, vos porei novamente, quando á sua presença vos levar, e maiores serão as honras e mercês que vos fará! *(Aos capitães e cavalleiros, indicando-lhes os outros presos)* Tirae-lhes as algemas!

(Cumprem a ordem pressurosos)

AS TRIPULAÇÕES

Amen! Amen! Assim o queira Deus por sua misericordia!

VASCO DA GAMA, ao capellão

Fr. Pedro de Cobillones, cumpri vosso santo dever!

(O capellão, abrindo um breviario, lê em voz baixa uma curta oração, e entretanto todos se descobrem e ajoelham, entoando em côro o «Bemdito» no rythmo usado pelos homens do mar)

CAPITÃES, CAVALLEIROS E TRIPULAÇÕES, barytonos

Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento da Eucharistia...

CAVALLEIROS, SOLDADOS E TRIPULAÇÕES, tenores

Fructo do Ventre Sagrado da Virgem Purissima Santa Maria.

(Fernão Velloso toma das mãos de um frade a caldeira e o hyssope, e, ajoelhando, apresenta-o a fr. Pedro de Cobillones)

FR. PEDRO DE COBILLONES, espargindo o padrão

In nomine Pater et Filius et Espiritus Sanctus!

TODOS, em côro

Amen!

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO TERCEIRO

ANNO DE 1499

Pavilhão improvisado pelo rei de Cananor, sobre o rio, guarnecido ricamente de sedas e pannos orientaes, para receber em audiencia solemne o capitão mór. Ao fundo uma grade sobre o rio, e junto d'ella bateis e almadias atracadas. Ao erguer o panno talão, nayres ricamente vestidos, recebem Nicolau Coelho, que desembarca acompanhado por diversos cavalleiros, todos de armadura, e por alguns dos pilotos e mestres, em trajo de gala.

NICOLAU COELHO, saudando os nayres e dirigindo-se ao que parece o mais graduado

Illustre nayre! Dizei ao vosso rei, que o capitão mór da armada christã me envia a annunciar-lhe que breve virá saudal-o como foi ajustado...

O NAYRE

Grande alegria terá o rei de Cananor! Sabeis que mandou fazer este pavilhão para o receber, visto não poder vir a terra, segundo as ordens do vosso rei.

NICOLAU COELHO

Grato lhe está o capitão mór, e tambem por ter posto almenaras na costa e almadias no mar, para que não passassemos sem o saber...

O NAYRE, indicando-lhe os coxins ao pé de outros mais elevados para o rei e para o capitão mór.

Descansae, illustre capitão! e entretanto, se o permittis, corro a prevenir meu rei. *(Sáe)*

(Nicolau Coelho senta-se, travando conversação com os nayres)

JOÃO DE SETUBAL, aos cavalleiros

Sim, bem fez Vasco da Gama pretextando não poder desembarcar.

LEONARDO RIBEIRO

As traições de que temos sido alvo desde Moçambique, levam o capitão mór a ser cauteloso...

PEDRO DE FARIA FIGUEIREDO

Esta ultima lição de Calecut ha de aproveitar-lhe... Ainda me parece milagre não termos lá ficado todos presos com elle. Foi valentia, mas imprudencia, ter ido apenas com doze homens leguas e leguas pelo paiz dentro, até onde estava o rei...

JOÃO DE SÁ

Quando presos na tal barraca *(A João de Setubal)* o capitão mór vos enviou a Paulo da Gama, fingindo ir buscar fazendas, mas a ordenar-lhe que partisse para o reino sem demora, a dar a noticia da descoberta da India, que elle estava captivo, nenhuma esperança tinhamos de tornar a ver nossos companheiros...

JOÃO DE SETUBAL

Paulo da Gama é que não esteve pelos ajustes!... Recambiou-me sem as fazendas, e com este lindo recado

para o patife do catual: «Se entregas os que á traição prendeste, dou-te as fazendas que pedes; se ámanhã aqui não estão libertos, enforco os refens, e bombardeio a cidade!»

ALVARO DE BRAGA

E a bordo estavam todos dispostos a desembarcar, para morrerem ou libertarem Vasco da Gama!...

PEDRO DE FARIA FIGUEIREDO

Assim devia ser, pois que entendendo que os maiores perigos são para o chefe, não desistiu de ir a terra comnosco!...

(Chegam mais embarcações com cavalleiros, entre os quaes Fernão Velloso e Francisco de Faria Figueiredo)

JOÃO DE SÁ, a Fernão Velloso

O capitão mór?

FERNÃO VELLOSO

Não tarda. Foi á *S. Raphael* buscar Paulo da Gama...

JOÃO DE SETUBAL, a Fernão Velloso

Como vindes taful, Fernão Velloso, com a vossa armadura mais rica!

FERNÃO VELLOSO, baixo

Mais rica... e mais forte! Não, que é preciso fazer muitas venias *(Indicando os orientaes)* a estes senhores, mas esperar a cada momento que saquem um d'esses punhaes em espinha, a que chamam *kris*, para nos convidar...

FRANCISCO DE FARIA FIGUEIREDO

O que vale é que esta vinda a Cananor é já caminho de Portugal, pois como disse Vasco da Gama, ao partir de Calecut sem o resto das fazendas que esperava, temos já especiarias bastantes para mostrarmos que a India foi por nós descoberta...

DIOGO DIAS

Mais álerta convem estar por isso mesmo, que estes patifes dos mouros, sofregos do commercio da India, querem afastar a nossa concorrencia, e tudo fazem para nos exterminar...

JOÃO DE SETUBAL

Olha o que fez o cheike de Mombaça! Mandou-nos um piloto para nos varar nos rochedos!...

JOÃO DE SÁ

E atirou-se á agua como um peixe mal as náus tocaram...

FERNÃO VELLOSO

Sim, mas eu deitei logo as unhas ao companheiro, e pouco depois os tormentos faziam-n'o confessar a traição premeditada...

MARTIM AFFONSO

Mesmo em Melinde, apesar da tal prophecia dos feiticeiros ao velho rei, de que seria feliz com a alliança dos portuguezes, os mouros não deixaram de nos intrigar...

ALVARO VELHO

Por isso o rei, desconfiando de nós, andou de roda das náus, mas não quiz entrar n'ellas!...

FERNÃO VELLOSO

Quando nos mandou aquelle grande jantar a bordo, os enormes tachos de caldeirada! e os tremendos carneiros assados! comi, porque cheiravam que era de fazer agua na bôca, mas depois fiquei a scismar se estariamos todos envenenados...

JOÃO DE SÁ

E para elle não ter esses receios, Vasco da Gama quando lhe mandou as fructas sêccas de Portugal,

n'aquellas salvas de prata, provou-as á vista do nayre que as levou...

(Ouvem-se, longe ainda, trombetas e atabales)

FERNÃO VELLOSO

Ahi vem o capitão mór! Aos bateis amigos! para fazermos estoirar os berços com uma salva, á despedida do embaixador do Rei de Portugal! É preciso mostrar quem somos a estes camalões de sedas e pedrarias...

JOÃO DE SETUBAL

Sim, convem não esquecer que o primeiro portuguez que na India desembarcou, o degredado que Vasco da Gama mandou a terra, as primeiras palavras que entendeu de um mouro hespanhol foram estas: «Ao diabo te dou! Quem te trouxe cá?»

FRANCISCO DE FARIA FIGUEIREDO

Elles são ciosos das suas riquezas... Tambem nos disseram quando desembarcámos: «Boa ventura! Feliz viagem! Muitos rubis! Muitas esmeraldas!»

(Ouvem-se mais perto as trombetas e atabales)

FERNÃO VELLOSO

Mas chamam-lhes suas... Nós, só as teremos quando depois de descobrirmos a India... a conquistarmos. *(Atracam os primeiros bateis embandeirados)* Vamos, que ahi chegam!

(Dirigem-se aos bateis. Da direita entra no pavilhão o rei de Cananor, acompanhado por muitos nayres e orientaes ricamente vestidos, dirigindo-se a Vasco da Gama, que desembarca seguido por seu irmão e varios cavalleiros)

O REI, depois de saudar o capitão mór e seu irmão, fazendo-os sentar nos altos coxins, junto a si

Qual de vós esteve preso em Calecut?

PAULO DA GAMA

Foi este meu irmão!

O REI

Escreveu-me o Samorim para comvosco o desculpar, pois foi enganado a vosso respeito, do que se acha muito pezaroso, e fará castigar quem o illudiu...

VASCO DA GAMA

Senhor! Quando El-Rei assim fizer, conheceremos que falla verdade... já nada d'isso nos lembra, mas tempo virá em que o rei de Calecut se ha de arrepender! *(Baixo a Paulo da Gama)* Saudae o rei, como mais velho que sois.

PAULO DA GAMA, erguendo-se e inclinando-se

Já sabeis, senhor! quem somos, e para que viemos a estas paragens. Temos visto que sois rei leal e não fementido, como o de Calecut, pelo que aqui estamos ao vosso chamamento; e porque tanta bondade nos tendes mostrado, folgaremos de comvosco assentar paz e amisade em nome de El-Rei nosso senhor, que dure sempre. E sendo assim, vos serviremos como a irmão do nosso Rei, e vos servirão quantos portuguezes de futuro a este reino vierem!...

O REI

Assim me dareis a maior satisfação que jámais pensei ter!...

VASCO DA GAMA, erguendo-se e tomando de um estojo, que um cavalleiro lhe apresenta, uma rica espada

Senhor! A offerta de armas é o maior signal de verdadeira amisade e irmandade, o que nós agora vos fazemos em nome de El-Rei D. Manuel, nosso senhor, que é o maior Rei do mundo! E assim costuma fazer com os que toma por irmãos e amigos! Por firmeza da verdade lhes dá armas para o ajudarem e defenderem; pois com a espada se ganha a maior honra, a da cavallaria, e quem falta á amisade que acceita recebendo a espada, perde a sua honra! Portanto, senhor! vos damos

esta espada em nome de El-Rei nosso senhor, e promettemos comvosco guardar paz e amisade servindo-vos como a irmão de El-Rei de Portugal! *(Inclina-se profundamente e entrega-lhe a espada)*

O REI, tomando-a e estendendo a mão direita sobre ella

Prometto e juro, por minha lei, manter verdadeira amisade e paz com El-Rei de Portugal, meu novo irmão, e feliz serei no dia em que voltardes com suas cartas respondendo a esta que lhe entregareis. *(Entrega a Vasco da Gama uma carta em folha de oiro, que um nayre, de joelhos, lhe apresenta)*

VASCO DA GAMA

Só Deus poderá determinar se voltaremos ao vosso porto. Mas promettemos-vos que todas as nossas armadas de futuro tocarão em vosso reino, e recebereis cartas de El-Rei nosso senhor, com a confirmação da sua amisade. E agora, senhor! permitti que voltemos aos nossos navios, pois que breve partiremos...

(Vasco da Gama e Paulo da Gama saúdam o rei, inclinando-se profundamente)

O REI, erguendo-se e tomando-lhes as mãos

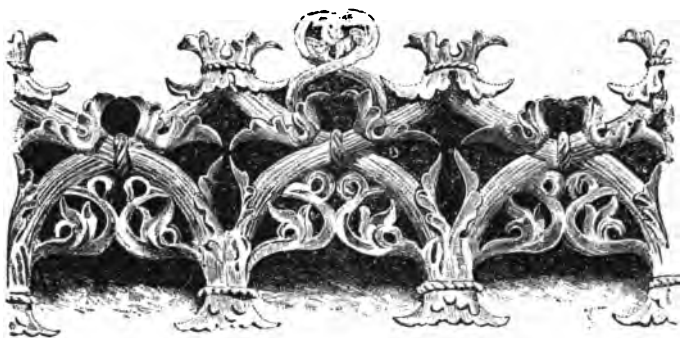
Ide, valentes navegadores! e que o Deus de todo o mundo vos proteja para que chegueis com felicidade á vossa patria!

(El-rei e os nayres acompanham os capitães e cavalleiros a embarcar, saudando-os novamente. Quando Vasco da Gama entra no seu batel, um marinheiro iça á popa o estandarte do capitão mór, e logo soam as trombetas e atabales)

FERNÃO VELLOSO, de pé na prôa de um batel, desembainha a espada e fazendo a continencia ao rei

Olá! bombardeiros! disparae os berços!

(Começa uma salva de artilheria, soam as trombetas e atabales, os bateis afastam-se, saudando o rei com a mão os capitães)

DESCE LENTAMENTE O PANNO TALÃO.

QUADRO QUARTO

ANNO DE 1499

Sala do throno no paço da Alcaçova, em Lisboa.

D. MANUEL, a D. João Manuel, camareiro mór

Preveni-me, D. João Manuel! logo que Vasco da Gama chegar ao paço...

D. JOÃO MANUEL

Senhor! Já aqui se acha...

D. MANUEL

Mandae-o chamar! *(D. João Manuel transmitte a ordem a um pagem, que sáe)* E emquanto vamos ouvir a missa, avisae a côrte para a recepção do descobridor da India!... *(A Vasco da Gama, que entra)* Pouco repousastes, *Dom* Vasco da Gama!

D. VASCO DA GAMA, ajoelhando e beijando-lhe a mão

Graças, senhor! pela mercê que acabaes de conceder-me...

D. MANUEL

O titulo de *Dom* vos confiro, para vós e vossos descendentes; mas outras recompensas merecem ainda vossos grandes serviços na viagem de que hontem chegastes, em que tanta gloria ganhastes para Portugal!

(Entram alguns fidalgos que saudam El-Rei)

D. VASCO DA GAMA

Não fiz mais que os meus companheiros, senhor!

D. MANUEL

A recompensa de cada um, vós mesmo a indicareis. Agora acompanhae-me a ouvir missa. Vós acabaes de perder vosso irmão, que deixastes enterrado nos Açores, eu perdi a Rainha minha esposa! Possa a gloria da descoberta da India suavisar o lucto dos nossos corações! Vinde commigo pedil-o a Deus, e depois me apresentareis os vossos valentes companheiros... *(El-Rei sáe precedido por D. João Manuel e acompanhado por D. Vasco da Gama)*

D. DIOGO LOBO, despeitado

Nós ficâmos... El-Rei não nos convidou para a missa...

D. JORGE DE VASCONCELLOS

A bôda e a baptisado não vás sem ser convidado... Agora todas as honras e attenções são para Vasco da Gama...

D. DIOGO LOBO

Dobrae a lingua, D. Jorge de Vasconcellos!... *Dom* Vasco da Gama, deveis dizer, que El-Rei acaba de lhe fazer tal mercê...

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

E a todos nós que temos *Dom*, cumpre-nos dar-nos por honrados com a distincção conferida ao descobridor

da India! e vós, D. Jorge! mais do que qualquer outro, porque El-Rei vos escolheu hontem para serdes o primeiro a ir a bordo da *S. Gabriel* saudal-o em seu nome, e dar-lhe os pezames pela morte do illustre Paulo da Gama...

D. JORGE DE VASCONCELLOS

Não digo menos d'isso, sr. D. Francisco de Almeida!...

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

É de justiça... Por muito honrados se deram o conde de Borba e o bispo Calcadilha, quando, depois de vós, El-Rei os mandou recebel-o ao desembarcar, e a leval-o á sua presença na casa da Mina...

D. DIOGO LOBO

Sim, não faltaram hontem honras de El-Rei, e vivorio do povo, ao desembarque do descobridor da India; como não lhe faltará d'aqui em diante poder e influencia nos negocios do reino. *(A Antonio Carneiro, que entra)* Vós, sr. secretario Antonio Carneiro! é que podeis sentir-vos d'essa competencia...

ANTONIO CARNEIRO

Sou muito pequeno, sr. D. Diogo Lobo, barão de Alvito! como personagem da côrte, e muito grande no coração, como portuguez, para que a gloria de D. Vasco da Gama me possa fazer sombra...

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

Aquelles a quem ella estimula, têem facil remedio contra o mal: abandonem os saraus e as festas da côrte, os passeios no Tejo, as cavalhadas e o jogo das cannas, em que passam a vida, e vão pelejar na Africa e na India. Os ramos de louro, colhe-os cada um com a espada nos campos de batalha, e não com a lingua nas salas do paço...

D. DIOGO LOBO

Sois grande capitão, sr. D. Francisco de Almeida. Como Affonso de Albuquerque e D. Vasco da Gama, pertenceis aos da velha guarda, do tempo de D. João o II; como taes vos respeitâmos, mas de certo não pensareis que nós, os novos, sejamos incapazes de vos seguir o exemplo...

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

Tanto o não penso, que vol-o aconselho: Sêde grandes, mancebos! no coração, nas idéas e nas paixões, como o sois por nascimento... Ha ainda muito mundo para conquistar e descobrir; conquistae-o e descobri-o!... Já se falla em que irá á India nova armada com Pedro Alvares Cabral... Diz-se que será de treze náus: ha n'ellas logar para muitos cavalleiros!

D. JORGE DE VASCONCELLOS

Quereis que vamos sob as ordens de Pedro Alvares?!...

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

E porque não? Onde irá, por simples capitão, Bartholomeu Dias, que passou o Cabo das Tormentas, podem ir com honra, como cavalleiros, os mais altos senhores do reino...

(Entram mais fidalgos)

ANTONIO CARNEIRO

Bem dizeis, sr. D. Francisco de Almeida!

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

Os que assim o não entenderem, e se occuparem apenas de competencias e invejas, máu serviço farão a El-Rei, e difficultar-lhe-hão o seu reinado...

(Entram pagens, arautos, homens de armas precedendo a côrte)

D. JOÃO DE MENEZES, mordomo mór, entrando

Senhores! El-Rei!

(Todos se descobrem e inclinam, entrando D. Manuel, acompanhado pela Rainha D. Leonor, sua irmã, e pelo Infante D. Jorge, seguidos pelas damas e fidalgos. El-Rei e a Rainha tomam logar no throno, o Infante fica de pé junto de El-Rei)

D. MANUEL, a D. João de Menezes

Introduzi D. Vasco da Gama, descobridor da India! e seus companheiros...

(O mordomo mór sáe, e volta logo precedendo D. Vasco da Gama, a quem seguem Nicolau Coelho, os cavalleiros da expedição, depois os mestres e pilotos algemados)

D. VASCO DA GAMA, apresentando a El-Rei Nicolau Coelho

Senhor! Parti com dois capitães, volto com um só! *(Pausa, commovido)* Meu irmão Paulo da Gama, que santa gloria haja, não resistiu, como tantos outros dos nossos companheiros, aos trabalhos, doenças e privações da viagem... Lá ficou sepultado na terra dos Açores! Nicolau Coelho, que agora vos apresento, senhor! não foi somenos em serviços e trabalhos, e bem merece as mercês que vos dignardes fazer-lhe, como merecem estes cavalleiros...

D. MANUEL

Repito-vos, D. Vasco da Gama! como capitão mór da armada, vós me indicareis o premio para cada um! Quanto áquelles que, como vosso nobre irmão, ao Senhor aprouve chamar para si, não morreram na minha memoria, e para com seus descendentes serei grato, como para com os que vivos tornaram.

(Nicolau Coelho e os cavalleiros ajoelham, beijando a mão ao Rei e á Rainha)

D. VASCO DA GAMA, apresentando-lhe os mestres e pilotos

Senhor! Em um momento de fraqueza, d'essa que assalta na hora do perigo o coração dos mais fortes,

estes homens pensaram em arribar e voltar a Portugal contra minha vontade... Tive de os castigar, e fiz voto de ante vós os trazer em ferros... Mas perdoei-lhes ha muito, porque se arrependeram, e foram tão valentes e tantos trabalhos passaram como os demais; e por isso vol-os trago algemados, para que lhes confirmeis o perdão, e maior mercê lhes concedaes...

D. MANUEL.

Já estão perdoados, pois que vós lhes perdoastes, e a sua recompensa me direis...

D. VASCO DA GAMA

Permitti, senhor! que lhes tiremos as algemas, *(A um signal de assentimento do Rei, começa com os cavalleiros a desalgemal-os)* e que venham tambem á vossa presença, trazendo os presentes que os reis do Oriente vos enviam, os mais humildes dos meus companheiros, os marinheiros, e os pilotos orientaes que commigo vieram...

D. MANUEL

Que venham! Muito me apraz vêl-os.

(A um signal de D. Vasco da Gama, Nicolau Coelho sáe)

D. VASCO DA GAMA, **sobe os degráus do throno e ajoelha apresentando a El-Rei as cartas em folha de oiro que Fernão Velloso lhe tem dado**

Eis aqui, senhor! as cartas que vos enviam os reis de Melinde e Cananor *(Indicando as arcas orientaes trazidas por Alvaro Velho, Fernão de Lisboa, Sancho Mexia, e os outros marinheiros, a quem seguem os pilotos de Melinde e o velho judeu de Angediva)* e as suas offertas!

(Emquanto El-Rei examina as cartas, D. Vasco da Gama e Nicolau Coelho tiram das arcas um rico cinto de pedras que lhe apresentam, e um collar que entregam á Rainha; entretanto os cavalleiros tiram as sedas, lenços e objectos orientaes, que a côrte examina com attenção)

D. MANUEL, á Rainha

Vêde, senhora irmã! é tudo maravilhosamente rico e bello!

D. LEONOR

Como deve ser formoso esse Oriente phantastico, que taes maravilhas produz!

D. VASCO DA GAMA

Senhora! Não o podem calcular aquelles que o não viram, por mais que sonhem! *(A El-Rei, mostrando-lhe os pilotos de Melinde)* Mas aqui tendes os seus naturaes, senhor! os pilotos que me deu El-Rei de Melinde: attentando em suas figuras e trajos, *(Indicando os presentes)* contemplando estas recordações das suas terras, e lendo depois as notas da nossa viagem *(Apresentando-lhe Alvaro Velho e o leigo João Figueira)* escriptas por Alvaro Velho e por João Figueira, ficareis ao menos com uma idéa de quanto por lá nossos olhos admiraram!...

D. MANUEL, indicando o judeu

E aquelle ancião? comvosco veiu tambem do Oriente!

D. VASCO DA GAMA

Senhor! Ancorados na ilha de Angediva, na volta a Portugal, pela ultima de tantas vezes, fomos alvo das traições dos mouros, que nos queriam exterminar, para que á Europa não trouxessemos o conhecimento do valioso commercio da India! O pirata Sabayo, rei de Goa, enviou este israelita, seu capitão, com uma esquadrilha de fustas, para de noite, por surpreza, nos assaltar as náus... Mas os pescadores indios preveniram-me, e quando a bordo veiu, disfarçado em frade, para nos espiar as forças, foi preso e castigado... Tudo confessou; suas embarcações destruimos, e arrependido nos

prestou depois grandes serviços, com seu muito saber das cousas do Oriente... Quer tomar nossa fé, e Gaspar das Indias chamar-se, se vós senhor! o consentis...

D. MANUEL

Sim... Eu serei seu padrinho de baptismo... *(O ancião sobe ao throno e beija-lhe a mão e á Rainha)* Agora, D. Vasco da Gama, mandae que se paguem os vencimentos a vossos companheiros, como vos parecer: deixal-os-heis desembarcar livremente quanto da India trouxeram, e para sua satisfação, a cada um dareis dez arrateis de cada especiaria, para suas mulheres repartirem com suas comadres e amigas...

D. VASCO DA GAMA

Por todos vos agradeço, senhor!

D. MANUEL, erguendo-se e dirigindo-se á côrte

E ámanhã, todos vós, senhores! me acompanhareis em solemne procissão a S. Domingos, onde o bispo Calcadilha prégará, em acção de graças ao Altissimo, pela descoberta da India.

(Todos se inclinam; El-Rei desce do throno com a Rainha)

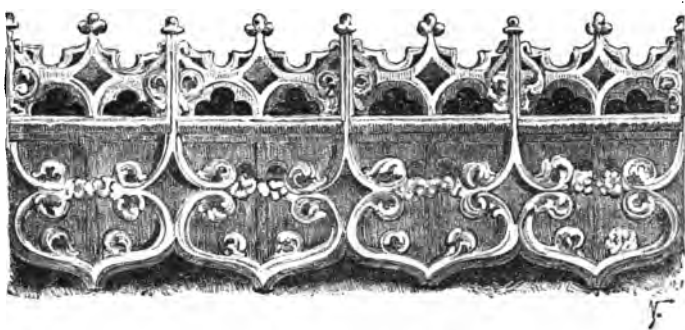
O PANNO DESCE.

ACTO TERCEIRO

9

PERSONAGENS DO ACTO TERCEIRO

A RAINHA D. MARIA, esposa de El-Rei D. Manuel.
A RAINHA D. LEONOR.
EL-REI D. MANUEL.
D. VASCO DA GAMA.
O MARQUEZ DE VILLA REAL.
D. ANTONIO DE NORONHA, escrivão de puridade.
D. DIOGO LOBO, barão de Alvito.
D. FRANCISCO DE PORTUGAL.
D. DIOGO MANUEL.
O CONDE DE TAROUCA (D. João de Menezes).
ANTONIO CARNEIRO, secretario de El-Rei D. Manuel.
D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO.
GIL VICENTE.
AFFONSO DE ALBUQUERQUE, governador da India.
PERO DE ALPOIM, cavalleiro da India.
D. JOÃO DE LIMA, idem.
D. JERONYMO DE LIMA, idem.
DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS, cavalleiro da India, capitão da armada.
FERNÃO PERES DE ANDRADE, soldado.
ANTÃO NOGUEIRA, idem.
FR. DOMINGOS DE SOUSA, vigario da India.
TIMOJA, guerreiro indiano.
UM BOBO DA CORTE.

Fidalgos, damas, cavalleiros, escudeiros, moços da camara,
pagens, pastoras e vaqueiros, comediantes do auto de Gil Vicente, soldados,
marinheiros portuguezes e guerreiros orientaes, etc.

QUADRO PRIMEIRO

ANNO DE 1502

Sala no paço de Santos o Velho. Grandes portas ao fundo, pelas quaes se vê salas contiguas cheias de damas e fidalgos dançando. N'esta segunda sala, moços do paço servem refrescos em grandes bandejas, doces e fructas em açafates de prata. Ouve-se musica distante.

UMA DAMA, á Rainha D. Leonor sentada em uma cadeira

Senhora! o marquez de Villa Real não tarda a vir receber as vossas ordens...

D. LEONOR

Só a Rainha minha irmã deixareis entrar emquanto fallarmos.

(Entra o marquez; a dama sobe, conservando-se ao fundo)

MARQUEZ DE VILLA REAL, ajoelhando e beijando a mão de D. Leonor

Senhora! Eis-me prompto ao vosso serviço...

D. LEONOR

Perdoae, marquez! se agora vos privo de dançar... Logo o fareis, depois do auto de Gil Vicente... Preciso ser informada do que foi passado na viagem de que El-Rei hontem chegou...

MARQUEZ DE VILLA REAL

El-Rei vosso irmão e meu senhor, cumprindo fielmente seus votos, assim como deu começo ao mosteiro de Belem logo que D. Vasco da Gama voltou ao reino, assim partiu ha um mez em santa peregrinação ao tumulo de Affonso Henriques, em Coimbra. D'ahi, seguiu ao Porto a visitar a sepultura de S. Pantaleão, para verificar se estava concluida, como D. João o II lhe indicára em seu testamento...

D. LEONOR

Mas vindes da Galliza!

MARQUEZ DE VILLA REAL

Do Porto fomos a S. Thiago de Compostella. El-Rei trocou commigo seus fatos, e emquanto eu fiz de rei, passou tres dias como simples cavalleiro em devoção na casa do apostolo. Só ao partir, para fazer suas esmolas e ricas offertas, se deu a conhecer...

D. LEONOR

Em Santa Cruz de Coimbra fez voto de passar á Africa?

MARQUEZ DE VILLA REAL

Não o posso affirmar, senhora! É certo que El-Rei orou por muito tempo ajoelhado aos pés do tumulo de Affonso Henriques... Partidos de Coimbra, caminho do Porto, por vezes fallou de seus planos de ir agora combater os mouros, como ha dois annos quiz já fazer...

(Tem entrado a Rainha D. Maria, a quem o marquez beija a mão)

D. LEONOR

Ouvistes? senhora irmã!

D. MARIA, *pezarosa*

Sim! Não resta duvida. El-Rei até já fallou a Affonso de Albuquerque para ir com elle a Tanger .. Da outra vez, ainda meus rogos o demoveram por não ter herdeiro... Alem d'isso, a senhoria de Veneza, apoiada pelo papa, pediu o auxilio da armada que tinha prestes contra os turcos... Mas agora não ha taes obstaculos...

D. LEONOR

Sem fallarmos nas instancias dos que, para conseguirem seus fins, trabalham para que El-Rei passe a Tanger.

MARQUEZ DE VILLA REAL

Senhoras! Se permittis que vos dê a minha opinião...

D. LEONOR

Dizei, marquez, dizei.

D. MARIA, *anciosa*

O que devemos fazer?

MARQUEZ DE VILLA REAL

Fallar com o secretario, senhoras! Antonio Carneiro tem mais influencia no animo de El-Rei, do que o proprio escrivão de puridade... Elle saberá dissuadir El-Rei e contrariar os planos dos que fazem opposição a D. Vasco da Gama, e ao engrandecimento de Portugal no Oriente, porque mais lhes agradam as emprezas de Africa, de onde breve se volta aos deleites da côrte.

D. MARIA

Sim! dizeis bem...

D. LEONOR

Eu lhe fallarei, senhora irmã! Sabeis que me é particularmente affeiçoado.

(El-Rei atravessa a sala contigua, acompanhado por muitos fidalgos acompanhando damas)

MARQUEZ DE VILLA REAL

Ali vae El-Rei, com Sá de Miranda, D. João de Menezes e Bernardim Ribeiro... Segue-o a côrte... O auto vae começar...

(Vae atravessando a sala proxima um pagem com pendão. Vendo as Rainhas, pára na porta do centro, virando para a scena o pendão em que se lê: «Auto pastoril castelhano de Gil Vicente». Seguem-no os comediantes, pastoras e vaqueiros, e Gil Vicente, que se dirige ás Rainhas ajoelhando e beijando-lhes a mão)

GIL VICENTE

Senhoras! Lá vão já com El-Rei, nosso senhor, os poetas que dirão mal do meu auto! Vinde vós commigo, que por vossas graças valeis mais do que as musas, para me proteger...

D. LEONOR

Vamos sim, Gil Vicente, e digam lá o que disserem, não deixeis de concluir o auto dos Reis Magos, que vos encommendei para se representar no anno novo...

D. MARIA

Sim, faremos festa, se El-Rei desistir de passar a Tanger... Deus o permitta.

(Sáem todos pela porta da esquerda, fundo, ao passo que pela primeira da direita, lado, entram D. Diogo Lobo, D. Antonio de Noronha, escrivão de puridade, D. Francisco de Portugal e D. Diogo Manuel)

D. ANTONIO DE NORONHA

Sim, d'esta vez El-Rei levará seu projecto por diante...

D. DIOGO LOBO

Não o deis ainda como certo... Desconfio d'esta conferencia das Rainhas... Hão de oppôr-se a que levemos El-Rei comnosco á Africa.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

Ora! O Principe D. João vae fazer seis mezes... El-Rei póde já saír do reino... E sabeis que muito o deseja, para colher louros por suas mãos, e não ser apenas usufructuario da gloria de Vasco da Gama, e dos chamados *heroes* do Oriente!

D. DIOGO MANUEL, vendo entrar um bobo castelhano

Silencio, senhores! Desconfiae d'este truão castelhano...

D. FRANCISCO DE PORTUGAL, sobranceiro ao bobo

A que vindes?

O BOBO, humildemente

Olhae que perdeis o auto! *(Ironico)* Não gostaes de rir e folgar? senhores!

D. ANTONIO DE NORONHA

Ide vós ouvil-o... se não temeis indigestão, que por officio trazeis a barriga cheia de facecias para deitar pela bôca fóra!...

O BOBO

É serviço de El-Rei, nosso senhor! Paga-me e dá-me moradia no paço, tal qual como aos fidalgos...

D. DIOGO MANUEL

Mas ainda não vos deu privilegio para serdes insolente... Cautela com a lingua, se tendes amor ás costas!

D. DIOGO LOBO, baixo aos fidalgos

Sêde prudentes... O que dizem os bobos é quasi sempre encommendado pelos reis... *(Alto ao bobo)* Já começou então o auto?

O BOBO

Sim, meu senhor. E vós que o perdeis, por alguma cousa é. Aqui tão sós, tão apartados da côrte! Dir-se-ía que estaes conspirando.

D. DIOGO LOBO, aos fidalgos emquanto o bobo sobe ao fundo

Ou vem mandado pelas Rainhas para nos afastar d'aqui, ou por El-Rei que notou a nossa falta...

D. ANTONIO DE NORONHA

É melhor voltarmos á sala do auto... Logo conversaremos...

D. DIOGO MANUEL

Vamos pois... Mas fiquemos n'isto: só passando á Africa com El-Rei, e participando das suas proprias façanhas, poderemos competir em valimento com os heroes da India.

(Vão andando e parando; o bobo escuta-os disfarçadamente, olhando para a sala proxima)

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

Vêde a que alturas está elevado o descobridor da India! Chama-se D. Vasco da Gama! é almirante do mar da India, com direito a tomar o commando de qualquer armada...

D. DIOGO LOBO

E lá vae outra vez no mar, com mais de vinte náus, para castigar o Samorim das offensas a Pedro Alvares Cabral! O que receberá na volta?

D. DIOGO MANUEL

Talvez um condado! que é a sua grande ambição! O senhorio da villa de Sines já El-Rei lhe deu por *carta de promessa* em 1499, e como a ordem de S. Thiago, donatoria da villa, e D. Luiz de Noronha, seu commendador, que por nosso conselho e de muitos nobres se recusam a cumprir a dispensação do papa, D. Manuel

vae-lhe dando mil cruzados de indemnisação por anno, emquanto não toma posse do senhorio! Mas não a tomará tão cedo; essa lhe prometto eu!

D. ANTONIO DE NORONHA

Se El-Rei, seguindo a politica de D. João o II, entende não dar á nobreza mercês que lhe augmentem a influencia e poder territorial, não deve dal-as tambem ao descobridor da India, e nós estamos no nosso direito de instigar a ordem de S. Thiago a não se concertar com o Rei, que sem isso não póde entregar o dominio a D. Vasco da Gama. Que se contente com essa bonita maquia, para juntar aos duzentos cruzados que El-Rei lhe dá por anno para empregar em canella de Cananor, que póde carregar nos navios da India, sem pagar fretes nem direitos.

D. DIOGO LOBO

São mercês que bem valem um condado!

D. ANTONIO DE NORONHA

Só lhe falta o titulo... e dominios... Mas esses não os conseguirá tão facilmente como pensa.

(Sáem pela esquerda, fundo)

O BOBO, descendo

Bem dizia El-Rei D. João o II: ha tempos de *coruja* e tempos de *falcão!* *(Indicando os fidalgos que se afastam)* Foram-se as corujas. *(Mostrando Antonio Carneiro e Affonso de Albuquerque que entram pela direita)* Ahi vem os falcões!

(Sáe pela esquerda)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Grato vos estou, sr. secretario! por vossa attenção em me consultar, e francamente vos digo ser meu parecer, agora que vos ouvi, que n'este momento El-Rei não deve passar a Tanger...

ANTONIO CARNEIRO

É tambem esse o desejo das Rainhas, e pela minha parte assim o direi a El-Rei. Não vos resentireis, pois, se desistir da empreza em que vos fallou?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Não! por Deus! Tem D. Manuel bastante no reino em que se occupar, e bastante para occupar seus cavalleiros na Africa, na Asia e nas Indias Occidentaes, ha pouco descobertas por Alvares Cabral... Para onde me quizer mandar, eu irei, tendo particular satisfação em ver destruidos os planos dos que se oppõem ao nosso engrandecimento no Oriente.

(Na sala contigua passa novamente a côrte voltando do auto)

ANTONIO CARNEIRO

Facil seria para El-Rei nosso senhor sua missão de reinar, se todos fossem servidores dedicados como vós, sr. Affonso de Albuquerque... Muitos, porém, lhe criam difficuldades. A El-Rei aconselharei que vos mande á India, para proseguirdes os planos do almirante.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Grande honra será para mim *(Outro tom)* Olhae, sr. secretario! acabou o auto...

ANTONIO CARNEIRO

El-Rei não póde tardar. Ordenou-me que o esperasse aqui.

(Entra El-Rei seguido por muitos fidalgos)

D. MANUEL, aos fidalgos

Ide! senhores! entreter as damas. Eu não descansarei hoje... Estou ainda fatigado da viagem. Demais, tenho que fallar ao secretario... *(Os cortezãos inclinam-se e sáem não escondendo o seu despeito. A Affonso de Albuquerque)* Vós, Affonso de Albu-

querque! estae proximo, breve vos farei chamar... *(Affonso de Albuquerque inclina-se e sáe. A Antonio Carneiro)* Mandae fechar essas portas, Antonio Carneiro, para mais tranquillos estarmos. *(Antonio Carneiro dá a ordem aos pagens que se conservam ao fundo, e estes sáem fechando as portas. El-Rei senta-se em uma cadeira junto á mesa collocada á direita da sala, e depois de estar alguns momentos concentrado, pergunta a Antonio Carneiro, que tem descido e se conserva de pé á sua esquerda)* Julgaes que n'estes oito annos de reinado eu tenho cumprido o meu dever?

ANTONIO CARNEIRO

Por certo, meu senhor!

D. MANUEL

E não terei o direito de satisfazer um voto do meu coração?...

ANTONIO CARNEIRO

Meu senhor! é... conforme...

D. MANUEL, erguendo-se e irritado

Conforme?! dizeis vós!

ANTONIO CARNEIRO, respeitosamente insistente

Conforme elle fôr... quanto ao vosso dever de rei...

D. MANUEL

Justamente para melhor me inspirar seguindo meus deveres de rei, fui em peregrinação á Sé de Coimbra; e quereis vós saber? Antonio Carneiro! ali, ajoelhado nos degráus do tumulo de Affonso Henriques, recordando as suas conquistas e as suas façanhas, achei que era bem pequena e mesquinha, ao pé da sua, esta minha gloria que a Europa apregoa, e que D. Manuel é um pygmeu comparado ao fundador da monarchia!

ANTONIO CARNEIRO, com intenção

Porque? Meu senhor! Podereis explicar-m'o?...

D. MANUEL

Porque Affonso Henriques compunha elle proprio a sua corôa de louros! A minha formou-a Vasco da Gama arrostando com as tempestades dos mares desconhecidos; Alvares Cabral descobrindo as terras de Santa Cruz; Affonso de Albuquerque, D. João de Menezes, o conde de Tarouca, e todos os meus capitães, fazendo a guerra aos turcos na Europa, e aos mouros na Africa e na Asia, emquanto eu fico tranquillo, socegado e inutil, a gosar as festas da côrte, e a servir a cruz apenas nas cerimonias religiosas das igrejas... Eis a rasão!....

ANTONIO CARNEIRO

Senhor! Estaes em erro! Nem sois inutil, porque ficaes socegado no reino, nem o dever do Rei de Portugal é hoje batalhar, como foi o de Affonso Henriques!... Os tempos mudam, senhor! e comprehender o seu tempo, ser verdadeiramente o pae da nação, esse é o primeiro dever de um bom rei! Por isso que tendes grandes capitães e grandes navegadores, cumpre-vos deixal-os conquistar e descobrir, e depois, consolidar sabiamente a sua obra para engrandecimento do reino.... Isso tendes feito, senhor! A côrte de Roma respeita-vos como ao mais auctorisado rei da christandade: mandastes ao papa, ainda ha pouco, um embaixador representar contra os desmandos do proprio clero romano, e o Summo Pontifice, longe de se agastar, attendeu-vos, agradeceu-vos, e providenciou!.... A senhoria de Veneza acaba de vos agradecer o auxilio da armada que lhe emprestastes contra os turcos.... Francisco I, de França, vosso primo, a cada novo feito dos vossos navegadores, pergunta aos vossos enviados que parte do mundo deixa El-Rei de Portugal para os outros reis descobrirem!... O Principe D. João, vosso filho, acaba de ser reconhecido herdeiro da corôa de Castella...

D. MANUEL

Mas toda essa gloria é apenas reflectida em mim! Não é minha propriamente!... Não fui eu que a conquistei!...

ANTONIO CARNEIRO

Nem a gloria póde ser nunca exclusivamente do rei, senhor! Mas o rei em que ella se reflecte, que é o representante da nação, a que ella pertence, tem o dever de não arriscar ao acaso a sua existencia!... Demais, vós tendes tambem a vossa parte directa e propria na gloria da nação: acabastes com a era de luctas internas, e, justo ao mesmo tempo para a nobreza e para o povo, tendes mantido seus respectivos direitos; tendes erguido monumentos, melhorado as leis, tendes chamado ao reino os sabios estrangeiros!... Se assim, com vosso proceder, não mostrareis comprehender a nova era em que a Europa entra, graças ás descobertas das Terras de Santa Cruz e da India, dando á obra da civilisação os fructos do commercio do Levante que arrancastes aos turcos para o dar aos christãos, abatendo assim o poder dos sultões do Egypto, e livrando a Europa da ameaça constante da invasão dos infieis, Francisco o I de França, Henrique o VII de Inglaterra, o duque de Austria, a republica de Veneza, não buscariam á porfia a vossa alliança!... Deixae-me ser franco, senhor! é louvavel que vós queiraes passar á Africa a combater como cavalleiro, mais util será ficardes a fazer rosto, como pae do vosso povo, ao inimigo terrivel que tendes dentro do reino!

D. MANUEL, admirado

Que inimigo quereis dizer?!

ANTONIO CARNEIRO

A fome!

D. MANUEL, parecendo experimentar uma forte impressão

A fome?!

ANTONIO CARNEIRO

Terriveis são as noticias que da provincia chegaram, em quanto estaveis ausente: todas as colheitas do sul, que é o celleiro do reino, estão perdidas! Se quanto antes não vier pão do estrangeiro, dentro em pouco a fome, e a peste que logo a segue, tornarão vossos dominios pasto livre da morte... Senhor! Cumprireis acaso vosso dever, deixando o reino em tal momento, gastando grossos cabedaes para ir guerrear os mouros na Africa?

D. MANUEL, depois de estar um momento pensativo

Tendes, como sempre, rasão, Antonio Carneiro! Que devo fazer?

ANTONIO CARNEIRO, tirando do justilho um alvará que lhe apresenta de joelhos

Assignar este alvará, senhor!

D. MANUEL

O que se ordena ahi?

ANTONIO CARNEIRO

Que a maior parte dos navios com que tencionaveis ir a Tanger, partam com gentes da vossa casa e dinheiros da fazenda real, a comprar na França, na Inglaterra e na Hollanda carregamentos de trigo para serem distribuidos pelas povoações do reino... Mandae á Africa D. João de Menezes, e Affonso de Albuquerque á India.

D. MANUEL, tomando o alvará

Chamae Affonso de Albuquerque e o conde de Tarouca. *(Emquanto D. Manuel assigna o alvará, e o sella e dobra, Antonio Carneiro sobe e sáe, voltando logo com aquelles)* Tomae, sr. secretario. *(Dá-lhe o alvará)* Vós, Affonso de Albuquerque! ireis com tres náus ao Oriente, para em Cochim levantar fortaleza,

conforme ajustei com D. Vasco da Gama... Vós, D. João de Menezes, ireis vingar a derrota de Jorge de Mello e Jorge de Aguiar, e com o governador de Tanger, vosso pae, fareis uma entrada no reino de Fez! *(Affonso de Albuquerque e o conde de Tarouca beijam a mão a D. Manuel ajoelhando, e vão saindo; ao mesmo tempo entram as Rainhas e a côrte)* Senhores! Ainda este anno não passarei á Africa!

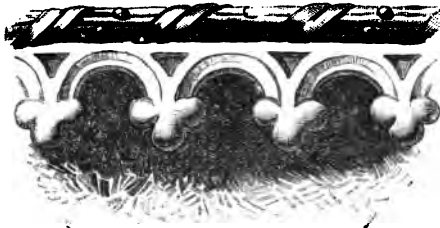
(Gestos de despeito nos cavalleiros)

D. MARIA, com a alegria mal contida

Ainda esta noite dançarei. *(A D. Manuel)* Quereis ser meu par? senhor!

D. MANUEL, polidamente sêcco

Escusae-me, senhora! Festa não devia ter havido pela minha chegada... Ha fome no reino! e El-Rei que não vae a Tanger, para dar pão aos famintos, não póde folgar nas salas do paço. *(A um pagem)* Dizei ao mestre sala que mande acabar o sarau. *(Todos se vão retirando silenciosamente. D. Manuel ficando só com Antonio Carneiro)* Nem tudo podem ser alegrias e venturas para D. Manuel, o afortunado! Ai! Antonio Carneiro! Antes eu não tivesse ido ajoelhar-me aos pés do tumulo de Affonso Henriques!

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO SEGUNDO

ANNO DE 1508

Sala da casa de D. Vasco da Gama em Evora. Nas paredes decorações a côres e douraduras representando homens e mulheres da India, animaes e paizagens do Oriente. Sobre as mesas, e adornando a sala, objectos da India, armas orientaes, livros, cartas geographicas e instrumentos nauticos.

D. VASCO DA GAMA, pensativo, sentado junto a uma larga mesa

Que me quererá o secretario de El-Rei, para de Lisboa me vir procurar a Evora?! Virá repetir-me o que tantas vezes me tem escripto sobre as verdadeiras causas do aggravo que ha um anno recebi de D. Manuel?! Ah! podem ufanar-se os meus inimigos, pois fizeram com que El-Rei me ferisse bem profundamente, com a sua ordem mandando-me saír da villa de Sines, e acabar com as obras que estava fazendo para reconstituir o solar e dominio de meus antepassados! (Pausa) Mandou-me El-Rei que saísse da villa que me dera por *carta de promessa!* de que meu pae Estevão da Gama foi alcaide! da terra que foi meu berço! e na qual sonhei, contemplando de suas praias o oceano sem fim, essas navegações dos mares desconhecidos que fa-

zem a gloria de D. Manuel, rei fraco e energico a um tempo! Energico para humilhar com tal expulsão o almirante do mar da India, ante a ordem de S. Thiago e o commendador de Sines! Fraco para com esses, porque os não obriga a respeitar a dispensação do papa, entregando-me a villa! Embora! quando passar no mar, continuarei saudando com a artilheria da minha náu a terra de pescadores em que nasci, e com a voz dos meus canhões lembrarei a El-Rei que a sua promessa está por cumprir!

O ESCUDEIRO, *entrando*

Sr. almirante! o secretario de El-Rei D. Manuel pede-vos que o recebaes.

D. VASCO DA GAMA

Fazei-o entrar. *(Levanta-se, e o escudeiro sáe. O almirante encaminha-se para a porta)*

O ESCUDEIRO, *reapparecendo no limiar da porta*

O secretario de El-Rei!

D. VASCO DA GAMA, *saudando-o*

Sêde bem vindo a esta casa, sr. Antonio Carneiro, e praza a Deus que venhaes a visitar-me unicamente como amigo, e não por mandado de El-Rei...

ANTONIO CARNEIRO

Como amigo virá sempre Antonio Carneiro á morada de D. Vasco da Gama, de qualquer natureza que seja a missão que El-Rei lhe tenha dado.

D. VASCO DA GAMA

Faço-vos essa justiça, sr. secretario! Sei que muito vos custou, quando o anno passado tivestes que me enviar a ordem que meus inimigos arrancaram a El-Rei, mandando-me saír da villa, que me doára, e de que eu queria tomar posse...

ANTONIO CARNEIRO

Hoje venho, pelo contrario, com uma grata missão, e por isso a quiz desempenhar pessoalmente. *(Entregando-lhe um alvará)* Eis o alvará em que El-Rei, nosso senhor, vos faz mercê da alcaidaria de Villa Franca de Xira... Mais merecem vossos serviços, e um condado vos teria porventura já dado, se tão afastado não andasseis da côrte, deixando-nos, aos que somos vossos amigos, e temos a peito o brilho da vossa gloria, que é a do reino, sem o prestigio da vossa presença para contrariarmos os planos dos nossos e vossos contrarios... Voltae á côrte, sr. almirante!

D. VASCO DA GAMA

Não póde ser, sr. secretario! Caracter incomprehensivel é o de D. Manuel, que tão depressa aggrava como honra os seus servidores! Vêde o que se tem passado commigo: fez-me El-Rei muitas mercês quando voltei de descobrir a India: deu-me o titulo de *Dom,* nomeou-me almirante, e deu-me o senhorio de *Sines,* por carta de promessa, indemnisando-me com mil cruzados, emquanto a ordem de S. Thiago não me entregasse a villa. Começaram a erguer-se contra mim, assim como contra todos que no Oriente servem o Rei e a patria com gloria, as invejas e as intrigas dos favoritos da côrte... Se fui á India pela segunda vez, em logar de Pedro Alvares Cabral, invocando meus privilegios, mas indemnisando-o, foi por attender os desejos de El-Rei e da Rainha D. Leonor, e sabeis como me malquistaram com o descobridor das Terras de Santa Cruz. Voltei tendo vencido o Samorim, e trazendo a El-Rei as páreas de Ormuz. Recebeu-me D. Manuel com grandes honras, e até do oiro d'esses tributos mandou fazer a custodia para o Mosteiro dos Jeronymos... El-Rei muito me honrava pedindo o meu conselho nos negocios do

Oriente... Mas ergueram-se novas intrigas, e El-Rei começou a desattender-me, não escutando meus pareceres.

ANTONIO CARNEIRO

Pois urge que novamente vos escute, por mais acirradas que se ergam as invejas dos nossos adversarios, dos que á sua vaidade sacrificam a gloria e os interesses do reino! Justamente para vos pedir que volteis á côrte, que ali nos secundeis n'esta lucta patriotica, eu e D. Martinho de Castello Branco, que não tarda ahi, aproveitámos a viagem de El-Rei a Extremoz, para vos vir fallar a Evora. Não desampareis os negocios do Oriente que mal encaminhados vão, como a D. Martinho tem mandado dizer Affonso de Albuquerque... Vinde collocar-vos ao nosso lado na côrte...

D. VASCO DA GAMA

Muito me peza, sr. secretario! não poder acceder ao vosso desejo... Tenho genio arrebatado, e não quero ir expôr-me novamente a conflictos... Bastam já as offensas que tenho recebido na opposição a todas as minhas aspirações, assim a respeito dos negocios do Oriente, como na mercê de um condado, que, não tenho duvida em o dizer, para honra minha, de meus antepassados, e de El-Rei mesmo, desejava que fosse erigido em memoria da descoberta da India... Deixei a côrte, e retirei-me a Sines! Ali me seguiu o odio dos meus inimigos, e a má vontade de El-Rei, que facilmente levaram a lavrar a ordem mandando-me saír da villa... Vim para Evora, e aqui vivo socegado entre estas queridas recordações. *(Ironicamente)* El-Rei tem no conselho quem melhor entende dos negocios do Oriente do que eu. O almirante do mar da India contenta-se com a gloria de a ter descoberto, e deixará a taes conselheiros a responsabilidade de a perderem. Quero continuar no meu retiro.

ANTONIO CARNEIRO

Mas El-Rei acaba de vos dar nova satisfação com a mercê da alcaidaria de Villa Franca de Xira... Tendes de ir á côrte agradecel-a...

D. VASCO DA GAMA, resoluto

Pois não o farei... A lição de Sines ha de aproveitar-me! Bem o sabeis, e o alvará aqui o diz; de Villa Franca de Xira é alcaide Luiz de Arca, como de Sines era donataria a ordem de S. Thiago!... Isto é nova carta de promessa, e nada mais!... Emquanto Luiz de Arca não renunciar a alcaidaria, não me será passada carta em fórma. Vereis que meus inimigos farão que elle não queira renuncial-a... El-Rei parece empenhado em me fazer mercês que se prestam a contestações e intrigas. Se eu fosse á côrte, diriam que só o fazia para tratar dos meus interesses...

(Entra D. Martinho de Castello Branco)

D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO

Perdoae-me se me não fiz annunciar, sr. almirante. *(A Antonio Carneiro)* Acabo de receber aviso da Rainha D. Leonor de que em Extremoz deram pela nossa vinda a Evora, e já nossos contrarios censuram El-Rei pela mercê que acaba de fazer a D. Vasco da Gama, proclamando que a obtivemos como satisfação ao aggravo de Sines, e que El-Rei se humilha ante o almirante... Urge que voltemos quanto antes para junto de El-Rei...

D. VASCO DA GAMA, sorrindo

Sim, sim... Não percaes tempo *(Ironico)* antes que produzam effeito esses ataques á parte mais vulneravel do caracter de El-Rei: o ciume da sua auctoridade real!

ANTONIO CARNEIRO

D'aqui a pouco partiremos... Mas, sr. almirante, promettei-nos reapparecer na côrte...

D. VASCO DA GAMA

O que o sr. D. Martinho de Castello Branco acaba de dizer, mostra que melhor serviço vos farei conservando-me afastado... E pelo que me respeita, preciso de o fazer, para me não prestar aos actos de ingratidão declarada, com que El-Rei acaba por galardoar os que bem o servem no Oriente... A isso me não prestarei eu! *(Como quem desabafa)* Vêde o exemplo do valoroso Duarte Pacheco, o heroe de Cambalam! Recebido com tantas honras, e hoje processado e perseguido, votado á miseria, por El-Rei ter dado ouvidos ás intrigas dos despreziveis cavalleiros piratas do Oriente! Vêde o que se tem passado com o illustre D. Francisco de Almeida, um dos grandes capitães de D. João o II, que El-Rei mandou á India com tantas honras e o elevado titulo de vice-rei! Aconselhado pelos favoritos da côrte, em breve D. Manuel desprezou seus conselhos, desacatou a sua auctoridade, acabando por enviar *ordens secretas* a Affonso de Albuquerque para o substituir no governo da India! E assim promoveu os conflictos vergonhosos que lá se estão dando entre dois illustres capitães! Não! a taes desconsiderações me não hei de eu expôr, e para o conseguir me conservarei afastado da côrte... Mas vós, que tendes a cargo os negocios do estado, sr. secretario! e vós, sr. D. Martinho, que sois amigo de Affonso de Albuquerque, usae da vossa influeneia para que acabe esse triste espectaculo que na India estamos dando aos orientaes... Pois assim perdemos, com vergonha, o prestigio que conquistámos com sangue!...

ANTONIO CARNEIRO

Mas sabeis, sr. almirante! que Affonso de Albuquerque tendo acabado de conquistar Ormuz, e seguido para a India aureolado com essa nova gloria, que não desmerece, bem o sei, as de D. Francisco de Almeida, deve

com vantagem succeder-lhe no governo da India, porque tem um plano politico mais conveniente do que o do vice-rei para consolidar o nosso dominio no Oriente...

D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO

Affonso de Albuquerque entende que não devemos ter só poder nos mares, mas conquistarmos diversos reinos do Oriente, a começar pelo de Goa. Talvez d'este modo sejam menores os desmandos dos guerreiros que servem nas armadas...

D. VASCO DA GAMA

Enganae-vos, senhores! Desmandos haverá sempre, emquanto o respeito da auctoridade não partir do governo do reino que desacata os governadores, attendendo os cavalleiros! São differentes, bem o sei, os planos de Affonso de Albuquerque e os do vice-rei D. Francisco de Almeida. Mas desmandos haverá com um como com outro: pois se a guerra se faz no mar, só querem os máus cavalleiros emprezas de piratas: o aprisionamento dos ricos carregamentos; se, pelo contrario, conquistâmos em terra, só ambicionam o saque das cidades orientaes. Foram taes cavalleiros que levaram Alvares Cabral a não arriscar as tomadias já feitas... Quizeram repetir o mesmo sob as minhas ordens, mas não lh'o consenti... Contra as ordens de Affonso de Albuquerque se tem insurgido João da Nova e outros cabeças de motim, da mesma fórma que contra D. Francisco de Almeida... O que é preciso é que no reino se dê força aos governadores... Mas o que se está praticando, é dar poder ao governador que entra, só para aggravar o governador que sáe!

ANTONIO CARNEIRO

Que se deve, pois, fazer, sr. almirante?

D. VASCO DA GAMA

Retribuir a fazenda real devidamente os que lá servem, e dar força aos governadores para conter suas demasias... Acabar com os conflictos entre os que têem o mando, e antes de tudo pôr termo a este systema deploravel das ordens secretas, e dos regimentos particulares, que tornam os capitães das náus independentes dos governadores, e que são a origem de continuos conflictos...

D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO

Vós, com a grande auctoridade que tendes, é que o devieis dizer a El-Rei...

D. VASCO DA GAMA

Daria isso em resultado serem taes principios mais guerreados pelos favoritos que o rodeiam, e que só desejam o continuação da desordem nas cousas do Oriente... O sr. secretario com a sua grande influencia junto de El-Rei, e menos guerreado do que eu, poderá fazer que D. Manuel os siga.

ANTONIO CARNEIRO

Trabalharei para isso, sr. almirante! Vou insistir com El-Rei para que envie sem demora á India a armada do marechal D. Fernando Coutinho, tio de Affonso de Albuquerque, com ordens directas a D. Francisco de Almeida para lhe entregar o governo; e vós, sr. D. Martinho de Castello Branco, escrever-lhe-heis para proseguir no seu plano de conquistar Goa, e ali fundar a séde do nosso dominio...

D. VASCO DA GAMA

Assim prestareis bom serviço ao reino...

(Entra o escudeiro)

O ESCUDEIRO

Senhores! Acabam de chegar os escudeiros com vossos cavallos...

D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO

Vamos, sr. secretario! Montemos e galopemos até Evora, levando os conselhos do sr. almirante, já que o não podemos levar em nossa companhia...

ANTONIO CARNEIRO

O que era bem melhor...

D. VASCO DA GAMA

É cedo ainda para o fazer!... E vós bastaes para conjurar os perigos, e salvar a India que outros querem perder...

ANTONIO CARNEIRO

Promettei-nos ao menos, que, se de vós carecer El-Rei para lá vos mandar novamente, não recusareis abandonar o vosso exilio...

D. VASCO DA GAMA, apertando-lhe as mãos e despedindo-os

Assim vol-o prometto, senhores e amigos... Mas descansae por agora, que na India está quem mais vale do que eu, porque lá está Affonso de Albuquerque... Procurae vós, senhores! que El-Rei, levado pelos favoritos da côrte, não venha a desconsiderar tão grande capitão, como desconsiderou Duarte Pacheco e D. Francisco de Almeida...

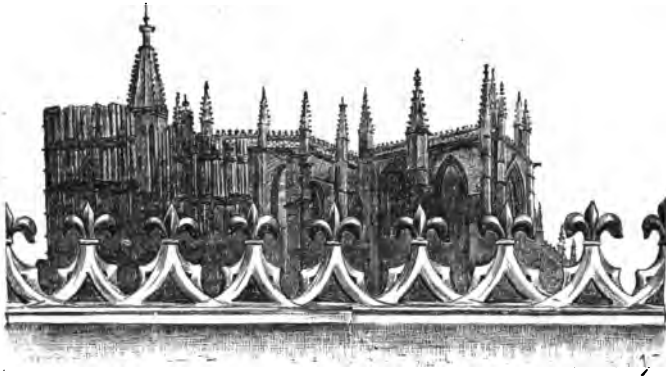
D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO

Oh! seria imperdoavel.

D. VASCO DA GAMA

Pois é o maior perigo, por agora, estae certos!

(Vão saindo todos)

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO TERCEIRO

Margens da ribeira de Goa. É noite. Ao fundo, á direita, até mais de meia scena, formando esquina, corre uma muralha baixa, e por detrás d'esta eleva-se um baluarte da fortaleza, com uma grande porta, cuja parte superior se descobre por cima da muralha da frente. Pequenos rochedos e moitas, dispersos pela margem.

(Chega, navegando com toda a precaução e silencio, um batel que atraca á margem, conduzido por dois marinheiros. Desembarca Affonso de Albuquerque, armado em guerra; d'entre as moitas ergue-se Timoja, guerreiro indiano)

TIMOJA

Quem vem lá?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Portugal!

(Outros guerreiros indios se erguem de entre as moitas e rochedos)

TIMOJA

Eis-vos emfim, sr. governador!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Já tardava?! Antes de uma hora não será o romper d'alva... Mandae que vossos guerreiros vigiem em-

quanto fallarmos... Os meus cavalleiros não tardam. Destacae alguns dos vossos, para lhes recommendar que subam a ribeira no maior silencio... É preciso que ataquemos Goa de surpreza...

(Timoja falla com os seus guerreiros, que partem em direcções differentes, e entretanto Affonso de Albuquerque examina e estuda as disposições do terreno)

TIMOJA

Eis-me ás vossas ordens, sr. governador! Conseguistes, pois, resolver vossos capitães a acommetterem Goa?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim! Hoje, á hora da Trindade, fallei-lhes como christão e como cavalleiro! Dei-lhes vossas informações: disse-lhes que o Hydalcão saíra novamente para a guerra das fronteiras, e que deixára na cidade o Roçalcão com mais de dez mil peões e cavalleiros, para a guardarem. *(Animando-se)* Que seria vergonha para cavalleiros portuguezes, depois de Goa ter sido já nossa! depois de pela fome e falta de navios e munições, ao cabo de um cerco de tantos mezes, nos termos visto forçados a largal-a! passarmos agora por ella, com as duas armadas que vieram do reino, para Malaca, sem darmos signal de vida!...

TIMOJA

E o que responderam?

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

O que respondem sempre cavalleiros portuguezes, quando se trata de combater... O proprio Gonçalo de Sequeira e Diogo Mendes de Vasconcellos, apesar das questões que com elles tive por quererem ir acommetter Malaca, segundo seus regimentos, que lhes deu o governo do reino, em vez de me seguirem como governador da India, approvaram o meu plano de, ao menos, entrarmos em boa ordem no rio de Goa com toda a ar-

mada, *(Estendendo a mão para a esquerda)* desembarcarmos no valle de Banganim, queimarmos as náus da ribeira destruindo o arrabalde, e embarcando novamente nos fazermos na volta de Cambaya...

TIMOJA

Mas não atacareis o castello e a cidade? Para que servirão pois os quatro mil homens do rei de Garçopa, que ahi estão sob as minhas ordens?!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Socegae, Timoja! Hoje, Goa cairá novamente em nosso poder! Assim o espero em Deus! Quando o combate se acha travado, os cavalleiros e soldados portuguezes só conhecem um plano: seguir o seu capitão! Eu cá estou para acommetter a cidade, e elles, ou cairão mortos, ou irão commigo!

TIMOJA

Sois tão abalisado guerreiro! senhor! como fino politico... Percebo agora como quereis inutilisar, sem maior aggravamento, as opposições dos capitães das armadas, á vossa auctoridade de governador! Muito honrado fui com a carta em que El-Rei D. Manuel agradeceu meus serviços, maior honra será para mim, n'este dia que desponta, combater sob as ordens de Affonso de Albuquerque!...

(Chegam cautelosamente bateis de que desembarcam cavalleiros e soldados, outros apparecem da esquerda, como tendo saltado em terra mais alem)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Não sejaes adulador, Timoja. Conquistando Goa espero não só prestar bom serviço á patria, mas dar um golpe fundo nas sizanias, que contra mim estão levantando no reino os favoritos de D. Manuel. Eis os meus que chegam!

(Vae rompendo o dia. Desembarcam incessantemente soldados e cavalleiros, conduzindo os berços com as peças de artilheria, dispondo outros nos bateis, preparando escadas, etc., etc., etc. Os cavalleiros agrupam-se ao fundo, fallando animadamente, depois destacam Pero de Alpoim que se dirige ao governador)

PERO DE ALPOIM

Sr. governador! venho a vossa mercê, com mandado dos capitães e cavalleiros...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Fallae, Pero de Alpoim!

PERO DE ALPOIM

Pedem-vos para acommetter o castello e a cidade!...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, radiante e orgulhoso

Já o esperava! Por minha fé!

PERO DE ALPOIM, mostrando a artilheria e as escadas

Vêde! para isso vieram preparados; quantos não eram precisos para guardar as náus e bombardear a ribeira quizeram desembarcar!...

(Os cavalleiros approximam-se)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, indo a elles

Graças, senhores! por vosso honrado proceder! Bem sabia que ao approximar-se a hora do combate, todos esquecemos nossos defeitos e aggravos, para melhor servirmos a Deus! a patria! e ao rei! *(Signaes de respeitosa approvação dos cavalleiros)* Ouvi, senhores e valentes cavalleiros! Vem rompendo o dia! cumpre que hoje, quando o sol da India brilhar, encontre novamente no cimo d'aquellas muralhas *(Indicando o castello)* as Quinas que já lá tremularam! *(Pausa)* Eu, com a bandeira real! irei occupar aquelle outeiro alem, *(Indicando para a direita)* commigo irão quinhentos homens para suster os que vierem do arraial, e no

momento opportuno investirei a cidade por uma passagem secreta, que pelos nossos alliados fiz abrir! *(Movimentos de admiração nos cavalleiros; um cavalleiro com a bandeira real vem collocar-se junto do governador)* Vós, Diogo Mendes de Vasconcellos! com o vosso guião e trezentos homens! estareis na ladeira mais abaixo para sustentar os que d'aqui arremetterem ás muralhas! Vós D. João de Lima! com vosso irmão, e com a batalha de Manuel de Lacerda, assaltareis as tranqueiras dos mouros, logo que do outro lado da cidade soarem as trombetas dos nossos alliados. *(A Timoja)* Ide, Timoja! que é tempo, e não demoreis o signal! *(Timoja sáe pela direita)* Senhores! Não só mouros, mas valentes turcos são na maioria os que vamos combater! Se Deus permittir que os desbaratemos, não lanceis fogo ás suas náus, que d'ellas precisâmos para as emprezas do Estreito. *(A um frade que se acha entre os cavalleiros)* E agora, fr. Domingos de Sousa! dae a todos a vossa absolvição! É bem que morram como fieis, aquelles para quem está despontando o ultimo dia de vida...

(O frade dominicano sáe á frente; todos ajoelham desembainhando as espadas, que apontam para o chão; os que têem bandeiras e guiões e estandartes inclinam suas hastes)

FR. DOMINGOS DE SOUSA tira a cruz que tem pendente ao pescoço, e erguendo-a com a mão esquerda, lança a benção com a direita

Eu vos absolvo! Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

TODOS

Amen!

(Ouvem-se trombetas distantes; commoção geral)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Aos vossos logares, cavalleiros! *(Ao porta bandeira)* Segui-me! *(Sáe pela direita seguido por muitos cavalleiros; outros sáem pela esquerda; outros guarnecem os bateis dispondo a artilheria; ouvem-se trombetas, atabales e tiros distantes. Sobre as muralhas apparecem mouros, que arrojam pedras, frechas, e disparam tiros. Cáem alguns soldados e cavalleiros)*

D. JOÃO DE LIMA

Por S. Thiago! e S. Jorge! ás muralhas! ás muralhas!
(Tiram escadas dos bateis, com que se encaminham para as muralhas. A Jeronymo de Lima) Aos mouros! sr. irmão!

D. JERONYMO DE LIMA, caíndo mortalmente ferido, e largando o estandarte

Ide vós, sr. irmão!
(D. João quer soccorrel-o, Fernão Peres de Andrade toma o estandarte e caminha para a muralha)

FERNÃO PERES DE ANDRADE, aos soldados

Vamos! ás muralhas!

D. JERONYMO DE LIMA, ao irmão

Não é tempo de parar! Segui vosso caminho!

D. JOÃO DE LIMA, com um gesto de desespero desembainhando a espada

Eu te vingarei! irmão! *(Corre ao fundo, e apartando alguns dos que seguram as escadas, trepa ás muralhas e derriba um mouro, que pretende feril-o com uma lança. Ao mesmo tempo sobe por outra escada Fernão Peres de Andrade, que crava o estandarte no alto da muralha, emquanto D. João de Lima e os que o seguem fazem recuar os mouros)*

FERNÃO PERES, no momento de cravar o estandarte

Portugal! Portugal!
(Soam trombetas e atabales)

MUITAS VOZES

A cidade é entrada! Portugal! Portugal!
(Ouve-se tiroteio e ruido de combate. Chegam da esquerda Antão Nogueira e outros cavalleiros, de espadas desembainhadas)

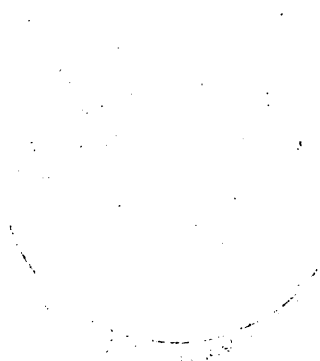
ANTÃO NOGUEIRA, gritando para os bastidores

Sr. governador! sr. governador! Acorrei que a cidade é entrada dos nossos. *(Chega Affonso de Albuquerque, como*

quem vem de combater) N'este logar ainda vereis casa de Nossa Senhora do Rosario!

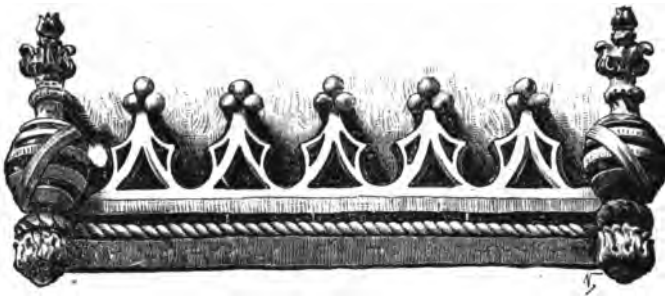
AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Casa de Nossa Senhora do Rosario e do bemaventurado Santo Antonio! *(Ajoelhando)* Demos graças a Deus.

O PANNO DESCE.

ACTO QUARTO

PERSONAGENS DO ACTO QUARTO

A RAINHA D. MARIA.
A RAINHA D. LEONOR.
EL-REI D. MANUEL.
D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO.
PERO CORREIA, **védor de D. Leonor.**
D. DIOGO LOBO, **barão de Alvito, védor da fazenda.**
D. FRANCISCO DE PORTUGAL, **idem.**
ANTONIO CARNEIRO, **secretário de El-Rei D. Manuel.**
AFFONSO DE ALBUQUERQUE, **governador da India.**
DIOGO FERNANDES DE BEJA, **capitão da náu *Flor da Rosa.***
LOPO VAZ DE SAMPAIO, **cavalleiro da India.**
D. JOÃO DE LIMA, **idem.**
PERO DE FARIA, **idem.**
PERO DE ALPOIM, **cavalleiro e secretario da India.**
FR. DOMINGOS DE SOUSA, **vigario geral da India.**
1.º PAGEM.
2.º PAGEM.
1.º BOBO.
2.º BOBO.

Fidalgos, damas, escudeiros, pagens, moços da camara e do monte, atabales, charamelas, ginetes de El-Rei, soldados e marinheiros, etc.

QUADRO PRIMEIRO

ANNO DE 1515

Sala terrea no paço da Ribeira, abrindo para o pateo da Capella. Tres portas grandes ao fundo, pelas quaes se vê o lado opposto do pateo em arcarias, sob as quaes ficam ás melhores lojas de Lisboa. Ao centro das arcarias, um vasto portico communica com outro pateo.

1.º PAGEM, a dois bobos da côrte

Então que é isto? srs. chocarreiros! tambem já caís em desgraça como os fidalgos!

1.º BOBO

Porque o dizeis? formoso pagem!

1.º PAGEM

Hoje, domingo, El-Rei foi cavalgar com luzido cortejo pela cidade, como é seu costume, para alegrar o povo, levou os elephantes, o caçador persa, guardas, trombetas e atabales, e não vos levou a vós?!

2.º PAGEM

Estará farto de ouvir vossos ditos?!

2.º BOBO

Enganae-vos, minhas flores! É justamente o contrario: quando El-Rei dispensa as graças dos truões, é que está aborrecido de ouvir os fidalgos...

1.º PAGEM

Acertou, mestre bobo! O que vae n'este paço! Virgem Santa!

2.º BOBO

Era de ver... O barão de Alvito e outros do conselho, inimigos de Affonso de Albuquerque, apertam com El-Rei para que lhe tire a governança da India...

2.º PAGEM

Corre que já nomeou em seu logar Lopo Soares de Albergaria, primo do barão!

1.º BOBO

São as *corujas* outra vez em scena... Porém os *falcões* ainda se não deram por vencidos: as Rainhas, D. Martinho de Castello Branco, védor de D. Leonor, Pero Correia e o secretario, emquanto a armada não partir, trabalharão para que El-Rei assim não aggrave o grande Affonso de Albuquerque!

(Ouve-se musica)

1.º PAGEM

Ahi vem El-Rei...

2.º BOBO, subindo á porta do centro e olhando para a direita

O que vae de povo no Terreiro do Paço!

2.º PAGEM

E como abrem caminho aos elephantes que vêm na frente do cortejo real!...

1.º BOBO

E o caçador! como traz o cavallo suado!

2.º BOBO

Podéra! a carregar com elle e com a onça estendida na anca!

1.º PAGEM

São os presentes dos reis do Oriente de que El-Rei se faz preceder, para mostrar ao povo seu poderio de alem-mar.

(Ouve-se musica e vivas do povo)

1.º BOBO

Bravo! Viva Portugal! Isto sim, que lá chegam os ginetes de El-Rei!

2.º BOBO

Depois dos christãos, os infieis: agora são os tange dores mouriscos.

2.º PAGEM, aos bobos

Afastae-vos, que já ahi vem a côrte.

1.º BOBO, ao 2.º, saíndo pela direita, lado

Pequeno acompanhamento levou hoje El-Rei! Nem foram os musicos reaes, nem arautos, nem passavantes... a Rainha ficou no paço!...

2.º BOBO

Andam os ares turvos...

(El-Rei tem entrado a cavallo no pateo; o estribeiro mór, ajoelhando, segura-lhe o estribo. Os bobos sáem, e ao mesmo tempo entram na sala pela esquerda, lado, a Rainha D. Maria, seguida por D. Martinho de Castello Branco e Pero Correia)

D. MARIA

Estaes bem certos do que me dizeis, senhores?

D. MARTINHO DE CASTELLO BRANCO

Senhora! Sim! Lopo Soares queria acceitar os vinte mil cruzados que, por vosso pedido, El-Rei lhe dava para rehaver a sua palavra...

PERO CORREIA

O barão é que o dissuadiu, mostrando-lhe que mais valía a governança da India.

D. MARIA

Está bem... Deixae-me agora... Tornarei a fallar com El-Rei...

(D. Manuel que, tendo-se apeado, parece ter despedido os fidalgos que o saúdam e se retiram, entra só, o semblante carregado)

D. MANUEL, aos pagens

Fechae as portas... Quando o secretario ou o barão de Alvito chegarem fazei-os entrar...

D. MARIA, a D. Manuel, admirada e carinhosa

Vossa Alteza não sobe aos meus aposentos?

D. MANUEL

Dispensae-me, senhora! Terei ainda que saír á Ribeira das Náus...

D. MARIA

Desde pela manhã que andaes fóra do paço, e ainda ides saír! Sois mais do povo do que nosso...

D. MANUEL

Assim o diz a côrte... Accusa-me por demasiado me acercar do povo... é que d'elle me vem menos dissabores do que da côrte...

D. MARIA

E eu tambem sou dos que vos desgostam?

D. MANUEL

As vezes... Ainda hoje!

D. MARIA

Hoje!

D. MANUEL

Escrevestes aos reis catholicos, vossos paes... Fizestes partir um mensageiro... Para quê?

D. MARIA, resolutamente

Para, affeiçoados como são a Affonso de Albuquerque, vos pedirem que lhe não tireis o governo da India... Sabeis o empenho que n'isso tenho, por consideração para com elle, e por interesse vosso...

D. MANUEL, entre pezaroso e irritado

Fiz o que me pedistes: offereci vinte mil cruzados a Lopo Soares para desistir do logar... Não acceitou! Tirar-lh'o, não o posso fazer, depois de em conselho ter resolvido a sua nomeação...

(Entra um pagem)

O PAGEM

O barão de Alvito espera as ordens de Vossa Alteza...

D. MARIA, despeitada e altiva

Chega o barão... Sou aqui demais... Permitti que me retire.

D. MANUEL, ao pagem

Fazei entrar o barão.

(O pagem sáe. A Rainha inclina a cabeça saudando friamente El-Rei, que lhe beija a mão, sem que ella pare por tal motivo, e sáe levando o lenço aos olhos)

D. MANUEL

Oh! a côrte! a côrte! É o espinho escondido na minha corôa de louros! *(Ao barão que entra)* Vosso primo não quer decididamente acceitar o que lhe propuz?

D. DIOGO LOBO, **respeitosamente formalisado**

Vossa Alteza permittirá que lhe diga que Lopo Soares de Albergaria é um antigo cavalleiro, que já foi á India por capitão de náu... Póde bem succeder a Affonso de Albuquerque, e não troca essa honra por dinheiro... *(El-Rei senta-se junto á mesa concentrado)* Demais, os do vosso conselho, senhor! mostraram a Vossa Alteza como era inconveniente que ha tantos annos esteja o mesmo governador na India... Os orientaes acabarão por se esquecerem de que elle apenas vos representa, e tomal-o-hão pelo proprio Rei... Isto é perigoso, senhor! A vaidade, as honras, a gloria, deslumbram e embriagam, ainda os mais virtuosos...

D. MANUEL

Que quereis dizer, barão?

D. DIOGO LOBO

Nada que Vossa Alteza ignore... Affonso de Albuquerque tem-se arrogado poderes reaes... Tem sido na India verdadeiro senhor de baraço e cutello!... Até mandou enforcar Ruy Dias, um cavalleiro, accusado de galanteios com as captivas durante o cerco de Goa...

D. MANUEL

Era preciso um exemplo...

D. DIOGO LOBO

E o exemplo dava-o Albuquerque, tendo essas captivas na camara da sua náu!

D. MANUEL

Não sejaes maledicente... Está averiguado que antes de ali as encerrar passára a outro navio... Foram calumnias que lhe assacaram.

D. DIOGO LOBO

Tambem seriam calumnias o mais de que Diogo Mendes de Vasconcellos, Francisco de Sá, Simão de Andrade, Jorge Fogaça e outros cavalleiros chegados ao reino, se têem queixado a Vossa Alteza?

(Entra um pagem)

D. MANUEL, ao pagem

É o secretario?

O PAGEM

Sim, meu senhor!

D. MANUEL

Que entre. *(Ao barão)* Sim, convenho em que Affonso de Albuquerque commetteu por vezes excessos, *(Entra o secretario)* tem levantado contra si muitos dos cavalleiros da India, e por tudo isso me pareceu conveniente que, estando acabado pela segunda vez o tempo da governança, volte ao reino...

D. DIOGO LOBO

O seu successor, Lopo Soares, espera os ultimos despachos para levantar ferro. *(Ao secretario)* Trazeis esses diplomas?

ANTONIO CARNEIRO, a D. Manuel, como se não ouvisse o barão

Trago a Vossa Alteza o despacho... Mas o sr. escrivão de puridade não está presente para a chancella...

D. DIOGO LOBO, a D. Manuel

D. Antonio de Noronha me encarregou de dizer a Vossa Alteza que, por doença, não póde vir hoje ao despacho, mas que se Vossa Alteza o permitte, eu, como védor da fazenda, lhe levarei os alvarás a chancellar...

D. MANUEL

Isso pertence a Antonio Carneiro, é o meu primeiro secretario...

ANTONIO CARNEIRO, ironico

Grande honra será para mim ver-me substituido em tal encargo pelo sr. D. Diogo Lobo, barão de Alvito, védor da fazenda e desembargador do paço; e tanto mais, tratando-se de fazer chancellar o alvará que tira a Affonso de Albuquerque a governança da India...

D. MANUEL, contrafeito

Sim, vós Antonio Carneiro! Bem o sei, não approvaes tal medida... E isso me peza.

ANTONIO CARNEIRO

Disse-o francamente já a Vossa Alteza...

D. DIOGO LOBO

Mas o conselho real approvou-a...

ANTONIO CARNEIRO

A elle não fui chamado, como em outras circumstancias, para dar meu parecer sobre assumptos de importancia... Se o houvera sido, ao conselho, como a El-Rei, teria dito sem rodeios a minha opinião...

D. DIOGO LOBO, ironico

Se El-Rei o permitte, tinha curiosidade em ouvil-a...

D. MANUEL

Dizei, Antonio Carneiro... Da discussão vem a luz, e eu só quero proceder com acerto...

ANTONIO CARNEIRO

Teria dito ao conselho, sr. barão de Alvito, que em seis annos, Affonso de Albuquerque creou o imperio portuguez no Oriente. *(A El-Rei)* Deu-vos, senhor! o reino de Goa, que é a chave da Indo-China! deu-vos Ma-

laca, que domina o extremo Oriente! e deu-vos Ormuz, com que sois senhor do golfo persico e da Arabia... E agora, bem o soubestes, senhor! pelo mensageiro que disfarçado vos mandou do Cairo, está a meio caminho de Portugal, procurando conquistar Aden, aterrando já os romeiros de Méca, porque o seu grande plano, senhor! profundo como o seu saber! elevado como a sua intelligencia! glorioso como a sua espada! enorme como o seu coração! é vir até ao Egypto, dar ahi o ultimo golpe no poder dos sultões, emancipar por uma vez a Europa das ameaças dos turcos, e depois seguir levando a vossa bandeira, senhor Rei de Portugal! á libertação dos logares santos, á conquista de Jerusalem! *(Outro tom, ironico, para o barão)* Mas tudo isto, e mais ainda por certo, sr. védor da fazenda! saberá executar o novo governador Lopo Soares... vosso primo!

(El-Rei permanece concentrado, mostrando a impressão que lhe causam as palavras do secretario)

D. DIOGO LOBO, *irritado, mas contendo-se*

É possivel, sr. secretario, que não realise tantas façanhas de grande capitão... Mas não realisará tambem as que vós esqueceis, desde a proeza de puxar pelas barbas a um cavalleiro, João da Nova, até ás execuções nos pelourinhos de Goa!

D. MANUEL

N'isso fez mal, com taes rigores, Affonso de Albuquerque.

ANTONIO CARNEIRO

Perdôe-me Vossa Alteza: mas a obra do grande Affonso de Albuquerque no Oriente, é, nos erros como nos grandes feitos, a consequencia da vossa grande obra em Portugal. E vós, sr. védor da fazenda! ouvi-o tambem, para que não conteis a historia, dispensando os commentarios que a esclarecem. *(A El-Rei)* Vossa Al-

teza vae ouvir-me ser rude, para ser verdadeiro. *(Pausa)* Quando, pela segunda vez, mandastes Affonso de Albuquerque á India, sob as ordens de Tristão da Cunha, o encargo que este lhe deu, segundo o vosso regimento, foi aquelle de que gostavam os cavalleiros que vós mandaveis do reino, por cá não terdes riquezas com que os contentar: correr e perseguir as náus de Méca, aprisional-as e tomar-lhes os valiosos carregamentos... Albuquerque tinha mais altas vistas, e maiores aspirações, do que as d'esta campanha de piratas!... Queria conquistar-vos reinos! Mas os capitães, como João da Nova, revoltavam-se para não o seguirem... Em Ormuz, sr. barão! não só puxou pelas barbas de João da Nova, fez mais, dizei o resto: desembainhou a espada, e sósinho, á espadeirada, levou na sua frente a guarnição da náu revoltada, que se recusava a responder aos tiros dos mouros, e a atacar a cidade! *(Pausa)* Os que executou em Goa, eram traidores que se tinham bandeado para o Hydalcão, desertando dos navios com que elle, depois de mezes de fomes e privações, ía sustentando heroicamente o bloqueio da cidade, por já não ter polvora e balas para a bombardear! *(A El-Rei)* Rigores?! dizeis vós, senhor!... Não tirou Vossa Alteza os privilegios a Lisboa, e vós, sr. barão, não viestes a toda a pressa fazer levantar as forcas em que foram executados os réus do morticinio dos judeus? Não tirou Vossa Alteza todos os cargos e mercês, banindo-o da côrte, a um dos primeiros fidalgos do reino, D. Alvaro de Castro, governador da casa do civel, por ter mandado açoutar um creado? Com o seu rigor e respeito da lei, não expediu Vossa Alteza uma ordem terminante contra o proprio D. Vasco da Gama! para no praso de trinta dias saír da villa de Sines, com sua familia e creados, tornando a entregar a villa ao mestre de S. Thiago, D. Jorge, sob pena de 500 cruzados de multa, por ainda não poder tomar posse de tal senhorio?

D. DIOGO LOBO

Achaes acaso que se devia fazer excepção para o descobridor da India, depois de tal desacato á ordem de S. Thiago e á auctoridade real?

D. MANUEL

D. Vasco da Gama saíu da lei... Bem a meu pezar tive que o chamar á sua obediencia... Mas não esqueci seus serviços... Dei-lhe depois a alcaidaria de Villa Franca de Xira.

D. DIOGO LOBO

E mais ainda: comquanto o mandasseis saír da villa, ordenastes que os rendimentos d'ella fossem pagos a seus officiaes, como ao proprio almoxarife real. E mais recebeu a mercê de poder carregar nas náus do Rei quantas fazendas lhe mandem da India.

ANTONIO CARNEIRO

O que tudo muito peza áquelles que discutem a gloria do almirante, e que têem contrariado as suas justas aspirações... O futuro dirá se assim prestam serviço a El-Rei.

(Entra um pagem)

D. MANUEL, irritado, ao pagem

Quem vos manda?

O PAGEM

D. Francisco de Portugal pede para fallar a Vossa Alteza...

D. MANUEL

Fazei-o entrar...

D. DIOGO LOBO, á parte

Já ía tardando...

ANTONIO CARNEIRO, á parte

Vem de reforço ao barão.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL, entra e beija a mão a D. Manuel

Senhor! Chegaram da India náus de carga... Trazem noticias graves!...

D. MANUEL

Quaes são?

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

Diz-se por lá á bôca cheia, que Affonso de Albuquerque breve se fará proclamar rei de Goa!

D. MANUEL, erguendo-se

É grave uma tal accusação! D. Francisco de Portugal!

ANTONIO CARNEIRO

E tão grave, como absurda!

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

Não mencionaria tal boato, se cartas de pessoas consideradas da India, que acabo de receber, o não dessem tambem a entender: as intimidades de Affonso de Albuquerque com os potentados do Oriente são cada vez maiores depois da conquista de Goa; enviam-lhe successivos embaixadores a cumprimental-o como se fôra rei; da fortaleza de Ormuz acaba de nomear governador seu sobrinho Pero de Albuquerque, e de concerto com o shah da Persia, que lhe escreve como a um alliado, projecta atacar o poder do sultão de Constantinopla...

D. DIOGO LOBO, ironico

São planos grandes de mais para um simples governador!

D. MANUEL

Eu não acredito que Affonso de Albuquerque seja capaz de traição, mas devo reconhecer que não tem já forças para acabar taes emprezas... Melhor é, pois,

que as não comece... Lopo Soares que parta quanto antes...

(Movimento de satisfação de D. Francisco de Portugal e do barão)

ANTONIO CARNEIRO, a D. Francisco de Portugal

E quem vos dá, sr. D. Francisco de Portugal, tão minuciosas informações?

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

Pessoa de credito... Gaspar Pereira, secretario da India...

ANTONIO CARNEIRO

Já o esperava! Oh! As cartas de Gaspar Pereira hão de passar á historia, como a maior das miserias na corrupção da India. *(A El-Rei)* Permitta Vossa Alteza que me retire... *(Inclina-se, e sáe dizendo em áparte)* Só D. Leonor poderá agora convencer El-Rei!

D. MANUEL, a D. Francisco de Portugal, que tem tirado varias cartas do justilho e lh'as apresenta, repellindo-as com a mão

Nada mais quero saber, senhores! Bastante attribulado tenho já o espirito, com o que uns e outros me dizem. *(Assignando nervosamente os despachos, e entregando-os a D. Diogo Lobo)* A minha resolução está tomada... Lopo Soares que parta quanto antes... Deixae-me em paz, que bem o preciso... Ide!...

(Tem entrado pela esquerda a Rainha D. Leonor, e ouvido as ultimas palavras de D. Manuel, que não dá por ella, sentado como está, pensativo, junto á mesa em que escreveu. D. Francisco de Portugal e o barão inclinam-se ante D. Manuel, e, voltando-se para se retirarem, ficam parados, indecisos e confusos, vendo a Rainha a quem saúdam)

D. LEONOR, altiva e sobranceira, indicando-lhes imperiosamente a porta

Não ouvistes a ordem de El-Rei? Ide!

(D. Manuel volta-se surprezo: o barão e D. Francisco de Portugal sáem apressadamente)

D. MANUEL, erguendo-se enleiado e receioso

Sois vós? Senhora irmã! A que vindes?

D. LEONOR, serenamente

A cumprir o que vos prometti quando subistes ao throno, a dizer-vos, com a minha lealdade, de que não duvidareis, que: como rei! e como christão! acabaes de commetter a maior falta e o maior erro, dando satisfação ás intrigas contra Affonso de Albuquerque!

D. MANUEL

Se no que se diz ha muito de falso, alguma cousa ha tambem de verdade... Demais, está velho e cansado; convem que volte ao reino... Aqui lhe recompensarei seus serviços...

D. LEONOR

Ai! senhor Rei e irmão, não voltará, estae certo!...

D. MANUEL

Ousará desobedecer?!

D. LEONOR

É incapaz d'isso... mas morrerá... Vós o matareis! Não com uma punhalada, como D. João o II matou nosso irmão o duque de Vizeu... mais cruelmente ainda o fareis, esmagando-lhe o coração com as vossas ultimas desconsiderações!

D. MANUEL

Não sois justa, senhora! Será desconsideração nomear um novo governador para a India?

D. LEONOR

Não é o ter-lhe dado successor, mas terdes escolhido para o substituir um seu inimigo capital! É porque mandaes com elle, premiados com as nomeações de governadores das fortalezas da India, os que se vos queixaram de Affonso de Albuquerque, e que elle de castigo enviou presos para o reino! *(Animando-se)* É, em-

fim, porque lhe tiraes a governança, no momento em que ousam accusal-o de projectos traiçoeiros!... Traidor!... Affonso de Albuquerque! o mais leal de vossos servidores! o mais pobre e desinteressado de vossos capitães! aquelle, unico, que vos tem sempre remettido as dádivas que lhe fazem os potentados do Oriente! e que nem pede á fazenda real as soldadas de governador que lhe estão em atrazo! Traidor o heroe que só uma vez não cumpriu vossas ordens: quando vossos estultos conselheiros vos levaram a ordenar-lhe que abandonasse Goa, porque d'ahi pensava assegurar-vos, como vos assegurou, todo o dominio do Oriente!...

D. MANUEL

Eu não o accuso de traição, senhora irmã!

D. LEONOR

Antes francamente o fizesseis!... Era mais leal ao menos... Affonso de Albuquerque, que os reis da Europa consideram o maior capitão d'estes tempos! que vos fez grande, como outr'ora o foi Alexandre! só vos merece, por galardão, a suspeita e a glorificação de seus detractores! Associaes-vos aos rancores de Gaspar Pereira e seus amigos na côrte!... São elles que vos têem levado a desconsiderar todos os vossos grandes servidores do Oriente... Vêde como o descobridor da India se conserva afastado da côrte... Sereis acaso justo não o fazendo conde, quando déstes um condado a D. Francisco de Portugal? Que justiça é a vossa, senhor?

D. MANUEL, profundamente sentido

Sois demasiado severa, senhora! Nunca assim me fallastes!

D. LEONOR

Porque nunca tão mal procedestes! Coroae a vossa obra, finando com desgostos Affonso de Albuquerque!

Ah! quando acabardes de o matar, com a vossa negra ingratidão, então lhe sentireis a falta! Quando o gigante estiver estendido por terra, podereis avaliar a sua estatura, e comparal-a á dos pygmeus que escutastes!... E Deus será clemente se com isto só, e com os remorsos, vos punir, se mais longe não levar a sua colera!...

D. MANUEL, entristecido e ancioso

Que pretendeis dizer? Senhora!

D. LEONOR

Lembrae-vos que Elle castiga muitas vezes nos filhos as culpas dos paes! *(El-Rei parece receber um grande abalo)* A morte desastrosa de meu querido Affonso foi o castigo das faltas de D. João o II! A Providencia já nos deu um aviso: vosso filho, a quem tanto quereis, que com tanto desvelo educaes, ensinando-o já a reinar, ha dois annos ía morrendo por desastre, caíndo da varanda do paço de Santos o Velho! Emendae-vos, senhor Rei e irmão! se não quereis que ós erros de D. Manuel sejam um dia castigados em D. João o III! *(A Rainha vae a retirar-se)*

D. MANUEL, afflicto

Ficae, senhora irmã! por piedade... ajudae-me com vossos conselhos... Dizei-me o que devo fazer...

D. LEONOR

Penitenciar-vos como rei e como christão! Emendar o vosso erro! *(Sáe)*

D. MANUEL, deixa-se caír na cadeira junto á mesa, profundamente acabrunhado, e assim fica uns momentos. Subitamente ergue-se, dando alguns passos para a porta e chamando energicamente

Olá, pagens! *(A um pagem que entra)* O secretario! Que venha! Que venha sem demora. *(Desce, sentando-se á mesa, e escrevendo rapidamente uma ordem que dobra. Entra Antonio Carneiro, a quem a*

entrega) Mandae partir um escudeiro a toda a brida, a levar esta ordem ao Restello...

ANTONIO CARNEIRO

É tarde, senhor! O barão apressou-se a cumprir as ordens de Vossa Alteza... a armada de Lopo Soares vae já saíndo a barra...

D. MANUEL

Pois bem! Mandae que se apreste a partir quanto antes para a India a náu de Affonso Lopes da Costa, e vós lavrae os alvarás elevando Affonso de Albuquerque a duque de Goa! senhor do Mar Roxo! e nomeando-o vice-rei da India emquanto vivo fôr.

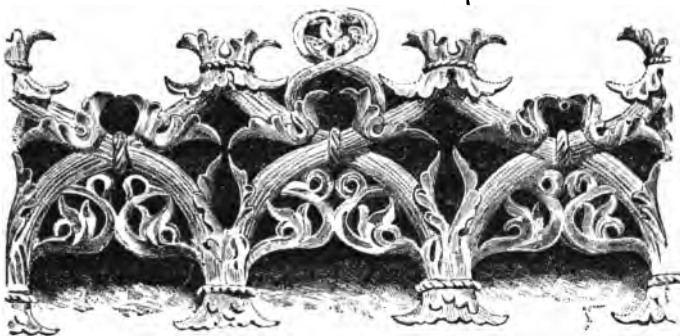
ANTONIO CARNEIRO, caíndo de joelhos e beijando-lhe a mão

Ah! Senhor! só os grandes reis, como vós, assim reconhecem nobremente os seus erros! *(Sáe)*

D. MANUEL, invocando o alto

E vós, oh! meu Deus! perdoae-me!... Por piedade, não castigueis em D. João o III as faltas de D. Manuel!

(Deixa-se cair na cadeira apoiando os cotovellos na mesa e escondendo o rosto nas mãos)

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO SEGUNDO

ANNO DE 1515

Coberta da náu *Flor da Rosa.* Ao fundo, sob o castello da ré, a camara do governador Affonso de Albuquerque. Cavalleiros, soldados e marinheiros.

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Sabeis! Lopo Vaz de Sampaio! temo que Affonso de Albuquerque não chegue vivo a Goa...

LOPO VAZ DE SAMPAIO

Era mercê que Deus lhe fazia... Calculae o que será para elle chegar a Goa encontrando um novo governador em seu logar!... Receber novo e tamanho aggravo de El-Rei! Triumpharam os cortezãos influentes no conselho...

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Tendes rasão, antes morra a bordo... Estamos já perto, poderá ser sepultado em terra...

D. JOÃO DE LIMA

Assim se cumprirá o desejo, que tantas vezes tem manifestado, de ser enterrado na capella de Nossa Senhora da Serra, que mandou construir onde era a porta por que entrou ao conquistar a cidade...

PERO DE FARIA

Mal pago foi d'essa, e de tantas outras façanhas! Deus perdoe a El-Rei, e mais aos que junto d'elle intrigaram o grande Affonso de Albuquerque, a esses que se faziam echo no reino das calumnias e intrigas de Gaspar Pereira, secretario da India...

LOPO VAZ DE SAMPAIO

Causou-me dó, a mim que tantas vezes o admirei, sereno e animoso, no meio dos maiores perigos, com o coração despedaçado, as lagrimas nos olhos, inteiramente succumbido, quando no Golfo encontrámos a náu que vinha de Dabul, que nos disse estar já novo governador na India.

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Sim... Esta ultima viagem a Ormuz determinou a sua morte... D. Manuel, desconsiderando o governador, attendeu o embaixador que o rei lhe enviou por terra, e mandou ordens a Affonso de Albuquerque, em contrario do que elle determinára para segurança do nosso poder sobre aquelle reino!... Succedeu o que elle previa!... O rei foi morto, e seu irmão, que o governador fizera collocar no throno, estava agora para ser tambem assassinado pelos sobrinhos... E quando uns e outros vieram á sua presença expôr seus aggravos, os partidarios da nova conspiração, contra o que fôra ajustado, traziam armas escondidas, e tivemos de matar Rexamede, quando á falsa fé puxou do *kris* para ferir Affonso de Albuquerque...

D. JOÃO DE LIMA

Vereis que no reino nos farão cargo d'isso!... como fizeram de outros actos de rigor, a que o governador foi forçado, segundo lhe escreveu D. Martinho de Castello Branco.

PERO DE FARIA

Que venham para cá os discursadores da côrte, expôr-se como nós a cada passo, e veremos que meios empregam para castigar as traições dos mouros, e os attentados contra nossas vidas... D. Vasco da Gama é que os tem sabido ensinar...

LOPO VAZ DE SAMPAIO

Infelizmente, a saude abalada de Affonso de Albuquerque, não estava já para taes lances, e muito se resentiu da energia que teve de desenvolver para submetter novamente os revoltosos de Ormuz... Partiu gravemente doente... e mais peorou com as ultimas noticias de lhe terem arrancado a governança da India...

D. JOÃO DE LIMA

Ha dias que parece moribundo...

(Pero de Alpoim sáe da camara e dirige-se aos cavalleiros)

PERO DE ALPOIM

Senhores! Affonso de Albuquerque pouco durará... Façâmos-lhe as ultimas vontades: diz que abafa e lhe falta o ar na camara, quer vir para aqui...

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Nós, seus cavalleiros, o transportaremos...

PERO DE ALPOIM

Vinde, pois, senhores! Não ha tempo a perder. *(A Pero de Faria)* Vós, Pero de Faria! por mercê, disponde ahi

uma banca, para que eu possa escrever as suas disposições...

(Pero de Alpoim, D. João de Lima, Diogo Fernandes de Beja e Lopo Vaz de Sampaio entram na camara, emquanto Pero de Faria chama alguns marinheiros e lhes dá ordens, que elles logo executam, trazendo uma pequena mesa e dois bancos; a seguir sáem da camara os cavalleiros conduzindo Affonso de Albuquerque sobre um catre)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, com voz fraca, fallando a custo

Deus vos pague, leaes amigos! tamanhas bondades... *(Commovido)* A vossa dedicação, consola-me n'estes derradeiros e amargurados momentos....

PERO DE ALPOIM

Não vos entregueis aos pezares, que aggravaes a doença.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Que quereis? Pero de Alpoim! Se eu não posso reter as lagrimas n'estas despedidas, que me parecem para sempre...

D. JOÃO DE LIMA

Mais proxima vistes a morte, senhor! quando naufragou a náu *Nossa Senhora da Serra*... Dez dias andámos perdidos sobre uma jangada, e não vos vi succumbido como agora.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

A morte não amedronta, D. João de Lima! quem tem a consciencia tranquilla, e tantas vezes a olhou de perto... A saudade, não da vida, mas dos amigos, o sentimento por não ter concluido a minha tarefa, é que me afogam em pranto...

LOPO VAZ DE SAMPAIO

Demais fizestes vós, senhor! A historia o dirá um dia!...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Não! amigo, não! Vós, Lopo Vaz de Sampaio, tambem ereis commigo quando depois de assaltarmos em vão a cidade de Aden, atravessando o mar Roxo, nos appareceu a cruz no céu! Bem vos lembraes... Como foi grandiosa e santa essa manifestação da Providencia! *(Erguendo-se a custo e estendendo a mão para o céu)* Era noite, suave e tranquilla, os navios nem sequer boliam sobre o mar, parado em completa calma.... Subitamente, começou a brilhar n'um ponto do firmamento uma luz suave, como de uma brilhante alvorada! A pouco e pouco, foi ganhando fulgor, e tomando a fórma da cruz, caminhava lentamente no céu, no sentido do reino de Judá. Não foi illusão do meu espirito, todos quantos íam nos navios a viram e adoraram, d'aquelle signal se tirou copia e se lavrou instrumento que mandei a D. Manuel!... Era Deus que nos indicava o caminho da Terra Santa!... Se El-Rei me tivesse dado as gentes e navios que pedi, Aden teria caído em nosso poder, e d'ali seguiriamos á libertação de Jerusalem! Não quiz o Rei de Portugal que eu concluisse tal feito... Morro com esse pezar!

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Quem sabe se ainda o acabareis um dia... Muitas vezes ouvi a El-Rei que precisaveis de vir ao reino descansar, e que poderieis voltar á India, elevado a vice-rei...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

As illusões acabaram para mim, Diogo Fernandes de Beja... como a vida me está a acabar... *(Reparando na bandeira da náu)* Nem governador já sou! Amigo! Mandae arriar aquella bandeira! O governador da India está em Goa, e não aqui, a bordo da *Flor da Rosa*... A elle pertence arvorar a bandeira real... *(O capitão parece hesitar)* Não hesiteis, se ainda respeitaes a minha auctoridade...

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Por quem sois, senhor!...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Obedecei, capitão da náu! á ultima ordem de Affonso de Albuquerque...

DIOGO FERNANDES DE BEJA, contrafeito

Olá, mestre! arriae a bandeira do governador.
(Cumprem a ordem e fazem descer a bandeira)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, estendendo a mão para a bandeira real

Desce, bandeira de Portugal! como eu em breve descerei á terra!... Mas que Deus faça logo subir minha alma ao céu, e te eleve tambem até ás nuvens, em novos e maiores esplendores de gloria! *(Pausa)* Vamos, Pero de Alpoim, escrevei minhas ultimas disposições.
(Os cavalleiros afastam-se, tristemente concentrados e silenciosos)

PERO DE ALPOIM, dispondo-se a escrever

Dizei, senhor!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Desejo ser enterrado na capella de Nossa Senhora da Serra, da invocação da Conceição, e que das rendas que lhe creei, se pague a um capellão que todos os dias reze a missa... O que sobrar, os juizes de Goa o darão ao cofre dos orphãos e filhos abandonados dos portuguezes indigentes... Peço a El-Rei, que se alguem lhe accusar prejuizos por mim causados como governador, os mande indemnisar com os meus ordenados em divida... O remanescente será para a creação de um filho que tenho no reino... Vós, Pero de Alpoim, como meu testamenteiro, não consentireis que se faça leilão de minhas alfaias e fatos... Quero que

no reino vejam quanto deixo, e que na India se não vendam em hasta publica os vestidos que o governador deixa rotos... Morro pobre! Nada mais tenho de que dispôr...

(Ouve-se uma voz fallando do mar)

UMA VOZ

Olá, da náu.

PERO DE ALPOIM, erguendo-se

Fallam do mar!

DIOGO FERNANDES DE BEJA, approximando-se

É uma fusta que navega para Chaul...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Vem de Goa, por certo... Perguntae-lhe, capitão, quem é o novo governador!

DIOGO FERNANDES DE BEJA, fallando pelo porta-voz

Quem veiu do reino para governar a India?

UMA VOZ, distinctamente

Lopo Soares de Albergaria. *(Movimento de indignação e espanto dos cavalleiros que se têem approximado)* D. Goterre de Monroy, para a fortaleza de Goa; Simão da Silveira para Cananor; *(Novas indignações dos cavalleiros, sorriso amargo de Albuquerque)* Alvaro Telles para Calecut e Diogo Mendes de Vasconcellos para Cochim...

(Momento de silencio, em que se olham entre si)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, com amargo sorriso

Que vos parece? senhores! Boas novas são estas para mim, que os homens que mandei presos, e de quem me queixei, vem mais honrados e beadantes! Certamente grandes são meus peccados ante El-Rei! Pois estou mal com elle por amor dos homens, e mal com os homens por amor de El-Rei! Convem acabar...

D. JOÃO DE LIMA

Antes da noite estaremos em Goa. Podereis em breve partir para o reino, ali recobrareis a saude, e El-Rei vos honrará...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Acabar meus dias na governança da India, sabia D. Manuel que era minha maior aspiração... Não m'a quiz conceder, e eu não desci a pedir favores aos aulicos da côrte. Só ao Rei e á Rainha mandei as primicias da India. Não fiz offertas aos santos da côrte, como não guardei para mim as dos reis do Oriente... Goa está proxima, mas não chegarei lá com vida... Capitão! ainda não vem o bergantim que foi buscar fr. Domingos de Sousa?

DIOGO FERNANDES DE BEJA

Ía dizer-vos que navega para nós... Em breve estará comnosco o vigario geral...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Deus o traga breve. *(Fallando cada vez com mais difficuldade entre soluços)* Pero de Alpoim! escrevei para El-Rei o que vou dizer-vos... Vós, senhores, ide buscar-me o habito de S. Thiago, será a minha mortalha.

D. JOÃO DE LIMA

Cumpriremos vossas ordens, só para vos não desobedecer.

(Dirigem-se á camara)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, fallando lentamente com mais cansaço

Escrevei, Pero de Alpoim! *(Pausa)* Senhor! Eu não escrevo a Vossa Alteza por minha mão, *(É atacado de soluços novamente)* porque quando esta faço estou com muito

grande soluço que é signal de morrer! *(Pausa)* N'esses reinos tenho um filho, peço a Vossa Alteza que m'o faça grande, como meus serviços merecem que lhe tenho feito com minha serviçal condição; porque a elle mando, *(recobrando a energia, e como dando expansão ao seu amor proprio offendido)* sob pena de minha benção! que vol-o requeira! *(Pausa amargamente)* E quanto ás cousas da India, não digo nada, porque ella fallará por si e por mim... *(Outro tom)* Escripta no mar, aos 6 de dezembro de 1515... Feitura e servidor de Vossa Alteza. *(Outro tom)* Dae-me a penna.

(Pero de Alpoim dá-lhe a penna, e ajuda-o a erguer-se um pouco para assignar; voltam os cavalleiros trazendo as vestes do habito de S. Thiago)

DIOGO FERNANDES DE BEJA, olhando pela amurada

Está passando do bergantim para um batel o vigario geral. *(A Simão de Andrade)* Simão de Andrade, ide esperal-o ao portaló, emquanto nós vestimos o governador.

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Vamos, srs. cavalleiros e amigos, vesti-me pela derradeira vez o habito de S. Thiago!

(Os cavalleiros vestem-lhe primeiro um saio de damasco preto, calçam-lhe os borzeguins amarellos e as esporas de oiro, collocam-lhe aos hombros o manto, e sobre elle a beca de velludo preto, e na cabeça uma crispina preta bordada a oiro)

D. JOÃO DE LIMA, apresentando-lhe o cinto com a espada

Quereis cingir vossa gloriosa espada? senhor!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Sim! D. João de Lima! Cansada, como eu, cumpre que ao meu lado repouse tambem no tumulo... Cingi-m'a vós, meu companheiro na conquista de Goa!

(D. João de Lima cinge-lhe a espada)

LOPO VAZ DE SAMPAIO

Já se descobre a cidade...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, fazendo um esforço para se erguer

Ah! Quero vel-a! *(Dolorosamente)* Ajudae-me, cavalleiros! que me faltam as forças... *(Os cavalleiros erguem-n'o, e apoiado nos seus braços, e levado por elles, arrasta-se com difficuldade até a amurada, junto do portaló estendendo o braço)* Sim! vejo-te pela ultima vez, joia do Oriente! a mais bella da corôa de Portugal! Que os vindouros te não deixem perder, é o voto de Affonso de Albuquerque na hora da morte! *(A fr. Domingos de Sousa que entra pelo portaló)* Eis-vos, emfim, santo ministro de Deus! lançae-me vossa benção e preparae-me como christão, para dormir o somno eterno, alem, *(Estendendo o braço)* aos pés da Virgem, na capella da Serra. *(Quer ajoelhar e beijar a cruz que o vigario geral traz pendente á cintura com o rosario, mas fr. Domingos de Sousa impede-o, abraçando-se a elle commovido)*

PERO DE ALPOIM

Vinde repousar em vosso leito... Ahi melhor estareis!

(Os cavalleiros deitam novamente Affonso de Albuquerque no leito, o vigario geral senta-se á cabeceira; os cavalleiros afastam-se. Muitos outros e a tripulação, acham-se agrupados ao fundo; só Pero de Alpoim fica do outro lado do catre)

AFFONSO DE ALBUQUERQUE, com voz quasi extincta

Pero de Alpoim... trazei-me a candeia dos mortos...

PERO DE ALPOIM

Que dizeis? Senhor!

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Cumpri minha ultima vontade.

(Pero de Alpoim dirige-se á camara, visivelmente commovido; nos cavalleiros pinta-se consternação geral)

FR. DOMINGOS DE SOUSA

Pensae em Deus, senhor! não para morrer, mas porque vos dará ainda vida por sua misericordia...

AFFONSO DE ALBUQUERQUE

Em Deus penso, n'este ultimo momento... Dae-me o vosso Crucifixo, fr. Domingos. *(O vigario geral tira o rosario da cintura, e dá-o a Affonso de Albuquerque, que com a mão direita empunha a cruz. Chega Pero de Alpoim, e Affonso de Albuquerque toma na mão esquerda a candeia)* Fr. Domingos, recitae o miserere emquanto eu digo o Credo... *(O vigario geral ajoelha, e o mesmo faz Pero de Alpoim)* Creio em Deus Padre... *(Tem um leve estremecimento, A candeia cáe-lhe da mão. Pero de Alpoim e o vigario geral erguem-se de subito, precipitando-se anciosos para o leito)*

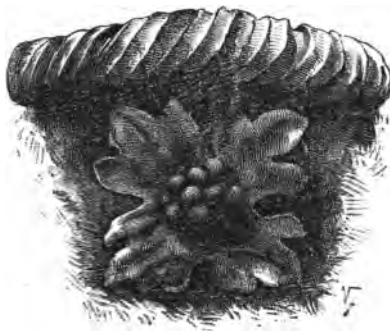
PERO DE ALPOIM, escondendo o rosto nas mãos

Tudo está acabado! *(Beijando-lhe a mão)* Descansa em paz heroe! *(Cáe de joelhos, junto ao catre)*

FR. DOMINGOS DE SOUSA, dá alguns passos vagarosamente para os cavalleiros

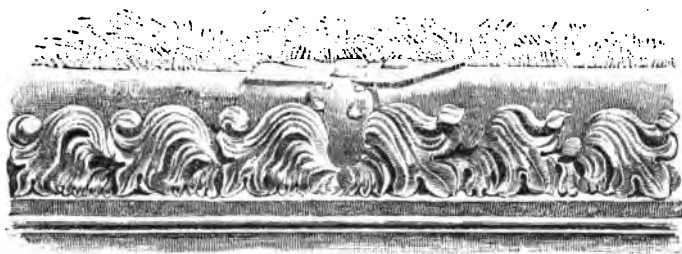
Vinde, cavalleiros! e orae por Affonso de Albuquerque! cuja alma é com Deus.

(Os cavalleiros approximam-se do catre, que rodeiam ajoelhando)

O PANNO DESCE LENTAMENTE.

ACTO QUINTO

PERSONAGENS DO ACTO QUINTO

A RAINHA D. LEONOR, irmã de El-Rei D. Manuel.
A RAINHA D. LEONOR, esposa de El-Rei D. Manuel.
EL-REI D. MANUEL.
O PRINCIPE D. JOÃO
A INFANTA D. IZABEL.
O INFANTE D. AFFONSO, cardeal.
O INFANTE D. FERNANDO.
O INFANTE D. LUIZ.
D. VASCO DA GAMA, almirante do mar da India, conde da Vidigueira.
ANTONIO CARNEIRO, secretario de El-Rei D. Manuel.
D. ANTONIO DE NORONHA.
D. FRANCISCO DE PORTUGAL.
D. DIOGO DE SOUSA, arcebispo de Braga.
D. DIOGO ORTIZ, bispo de Vizeu.
D. DIOGO LOBO, barão de Alvito.
O CONDE DE VILLA NOVA.
O CONDE DE TAROUCA, D. João de Menezes.
PERO DE ALCAÇOVA CARNEIRO, filho do secretario Antonio Carneiro.
RUY DE PINA, 60 a 70 annos de idade.
DAMIÃO DE GOES, 20 annos de idade.
GARCIA DE RESENDE, 40 a 50 annos, excessivamente nutrido.
GIL VICENTE, 50 a 60 annos.
FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA, 20 annos de idade.
JOÃO DE BARROS, 25 a 30 annos.
ALEXANDRE DE PESARO, embaixador da republica de Veneza.

Damas e senhores da côrte, cavalleiros,
escudeiros, pagens, e senhores venezianos do sequito do embaixador, etc.

QUADRO PRIMEIRO

ANNO DE 1518

Sala do conselho real no paço da Ribeira.

D. ANTONIO DE NORONHA, a Antonio Carneiro

Sr. secretario! El-Rei não tarda para que acabeis a leitura que fazieis quando chegámos... Convem que nos retiremos, depois das revelações que no conselho fomos obrigados a fazer-lhe sobre o procedimento do Principe, e que tanta impressão lhe causaram... É natural que comvosco queira dar largas ao seu pezar...

D. FRANCISCO DE PORTUGAL

Vós que sois o seu confidente, com quem se encerrou para fazer seu testamento em Penha Longa, como é sabido, e que comprehendeis os perigos que ha para o reino em que D. Manuel entregue desde já a corôa a seu filho, acabae agora de o demover de tal proposito...

D. DIOGO DE SOUSA

A parte mais difficil executámol-a no conselho, revelando-lhe o máu caminho seguido pelo herdeiro da corôa...

D. DIOGO ORTIZ

Pela minha parte, muito me custou accusar um filho ante seu pae, mas era dever de todos nós fazel-o.

CONDE DE VILLA NOVA

Mas vós, sr. secretario, deveis accentuar-lhe, como o procurei fazer, que mais culpados são os que rodeiam o Principe D. João do que elle mesmo.

D. DIOGO LOBO

Retiremo-nos, pois, nós os do conselho, que já cumprimos a nossa dura missão. Deixemos agora ao sr. secretario, concluil-a, como de certo o fará por interesse de El-Rei e do reino.

(Vão para sair)

ANTONIO CARNEIRO, *detendo-os*

Um momento, senhores! Tão grave assumpto, não póde ser assim resolvido de leve... Quereis que El-Rei não entregue a corôa ao Principe? Não me consultastes quanto ao passo que déstes, e confiaes-me agora a conclusão do vosso projecto!... Porque o não levaes a cabo vós mesmos? Vós, que tendes sabido levar El-Rei a resoluções de graves consequencias, que o desgostaram de reinar; vós, que determinastes a destituição de Affonso de Albuquerque, e que sois a causa do afastamento de Vasco da Gama?!

D. ANTONIO DE NORONHA

Sr. secretario! por vezes temos sido adversarios vossos no que aconselhámos a El-Rei; bem o sabemos... Mas appellâmos para o vosso patriotismo em face do perigo imminente, para os interesses do reino, na abdicação de El-Rei...

ANTONIO CARNEIRO

Queria ouvir-vos isso, sr. escrivão de puridade, a vós que sois o primeiro do conselho... porque, sabei-o todos vós, senhores, se o Principe erradamente procede, é por-

que lhe têem dado máus exemplos, e só me prestarei a secundar vossos projectos, se vos comprometteis a não perturbar mais o final do reinado de D. Manuel, com aggravos ao almirante, e fazendo opposição ao que seus amigos propõem nos negocios do Oriente.

D. DIOGO LOBO

Estamos resolvidos a esquecer tudo que é passado.

ANTONIO CARNEIRO

Só assim me tereis ao vosso lado... Sou hoje apenas Antonio Carneiro, sem mais acrescentamento, como era quando entrei para o serviço de El-Rei... Só o bom serviço de El-Rei e do reino ambiciono... e, pessoalmente, é-me indifferente que ámanhã, em logar de D. Manuel, esteja no throno D. João III, e em logar de vós, senhores, no conselho, os favoritos do Principe, que acabaes de denunciar a El-Rei... Reconheço, porém, como vós, que o Principe não está ainda no caso de cingir a corôa, mas sei que para D. Manuel, apprehensivo com a idéa de morrer breve, acabrunhado com a dôr pela morte da Rainha, que santa gloria haja, desgostado de reinar, pelo que depois da morte de Affonso de Albuquerque se passou no Oriente, e pelo que se passa com D. Vasco da Gama, que foi levado a pedir-lhe licença para saír do reino, seria um allivio abandonar a corôa... Para que lhe aconselhe que o não faça, para que o anime a arrostar com a idéa de casar novamente, por rasões de estado, cumpre que eu tenha a certeza de que, pela vossa parte, concorrereis para que o final do seu reinado seja de gloria sem macula, para El-Rei e para todos nós.

D. ANTONIO DE NORONHA, apertando-lhe a mão

Assim o desejâmos todos, sr. secretario... Fazei o que vos pedimos, e contae comnosco...

D. DIOGO LOBO, que tem ido escutar á porta da direita

Sinto passos... É El-Rei que volta...

ANTONIO CARNEIRO

Retirae-vos, pois, senhores.

(Sáem todos pela esquerda; Antonio Carneiro senta-se, começando a ler attentamente o manuscripto que tem na mão, e fazendo que não dá pela chegada do Rei, que entra pela direita, pensativo e contristado, caminhando vagarosamente para elle, tocando-lhe no hombro, e dizendo-lhe)

D. MANUEL

Continuae, Antonio Carneiro, a leitura do meu testamento interrompida pela reunião do conselho.

ANTONIO CARNEIRO

Senhor! Tinhamos chegado ao final que vou ler novamente... *(Lendo)* Este meu testamento mandei escrever a Antonio Carneiro, meu secretario, e por mim todo foi visto e examinado, e assim mando com o meu poder real que seja cumprido, como n'elle é expresso, e como é minha vontade, e por minha mão o assignei no mosteiro de Penha Longa em 7 de abril de 1517...

D. MANUEL, depois de alguns momentos de silencio

Não me esquece tal data! Fazia justamente um mez que eu perdêra a Rainha, que santa gloria haja! Tudo dispuz quanto á fórma por que o Principe deve proceder nos negocios do reino, e nos da minha familia...

ANTONIO CARNEIRO

Mas isso, senhor! só deverá ser quando Deus vos chamar a si...

D. MANUEL

Como Rei, Antonio Carneiro, eu devo morrer já... Preciso fazer penitencia de minhas culpas... Na sua ultima carta, escreveu-me Affonso de Albuquerque: «Da India nada direi, porque ella fallará por si e por mim!»...

Ah! demasiado tem fallado, mostrando os meus erros... O Oriente lá está convulsionado, a India levantou-se contra o dominio de Portugal logo que elle desceu ao tumulo!... A corrupção lavra, mais profundamente do que nunca, entre os que ali deviam sustentar o prestigio do nome portuguez...

ANTONIO CARNEIRO

Assim é, por desgraça...

D. MANUEL

Só um, entre os meus servidores, vejo hoje capaz de ter mão em tamanha ruina: D. Vasco da Gama! Mas esse, afastou-se tambem descontente de mim e da côrte, exilando-se voluntariamente em Evora, e até pensa em saír do reino!... Ah! anceio por que reconsidere e desista de tal proposito, continuando no reino e servindo-me quando d'elle careça... A minha gloria declina... Convem que eu desça do throno antes que ella se esconda inteiramente no occaso...

ANTONIO CARNEIRO

A dôr e o lucto fazem exagerar a Vossa Alteza as faltas a que todo o homem é sujeito... Tendes o remedio na vossa mão: concedei a D. Vasco da Gama o condado que ha muito deseja, e que pela opposição de seus inimigos se tornou para elle uma questão de honra... São esses os verdadeiros auctores das faltas que vos attribuís...

D. MANUEL

Não busqueis attenual-as, amigo! Assim como Affonso de Albuquerque disse: «Convem acabar!» quando o feriu a minha ingratidão, assim eu digo, convem acabar, agora que me fere o castigo do céu... Bem ouvistes o que ha pouco me revelaram sobre o proceder do Principe meu filho...

ANTONIO CARNEIRO

Mas se tendes por castigo do céu o que os do vosso conselho acabam de vos representar quanto ao proceder de Sua Alteza o Principe... maior rasão ha para não lhe entregardes desde já a corôa, e dar-lhe, como pae e rei, uma lição que lhe aproveite...

D. MANUEL

Ah! o meu coração ficou terrivelmente ferido, e quero apurar toda a verdade... Se para o regenerar, e lhe salvar a corôa, tenho de continuar reinando, assim o farei... O modo por que o Principe ahi chegou, quando o conselho deliberava, é estranho, e parece justificar as ousadias que lhe attribuem... Ide procural-o, e dizei-lhe que venha sem demora á minha presença.

ANTONIO CARNEIRO

Cumprirei vossas ordens, senhor! Mas Vossa Alteza permittirá que lhe lembre, que o principal culpado não é o Principe, mas os que mal o aconselham...

D. MANUEL

A cada um darei o justo castigo de suas faltas...

ANTONIO CARNEIRO

Por isso mesmo que é joven ainda, deve ser encaminhado por vós como seu pae, mas não póde ainda tomar o vosso logar como rei...

D. MANUEL

Ide, e mandae-me o Principe quanto antes. *(Antonio Carneiro beija-lhe a mão e sáe; D. Manuel fica alguns momentos pensativo)* É o castigo do céu! Minha irmã bem m'o prophetisou! Deus não acceitou o meu arrependimento... e foi justo!...

Porque Affonso de Albuquerque morreu sem conhecer as minhas tardias reparações, nas mercês que lhe destinava, e nas que fiz a seu filho... E eu não poderei penitenciar-me em vida, abandonando o throno, para, como principe apenas, me recolher ao Algarve, e d'ali servir a Deus, passando á Africa a combater os infieis! Não farei essa penitencia, que seria tambem gloria! Ah! e sou castigado no mais intimo do meu coração, na mais cara das minhas aspirações, no maior dos meus orgulhos! De todos os meus filhos, o que deve cingir a corôa, é o que menos inclinação mostrou para os estudos!... E, cruel desillusão! eu, que associando-o á governação, ensinando-lhe a arte de reinar, cuidava que a isso ao menos se applicava gostoso e por vocação natural, reconheço agora que só o movia a ambição do poder, a soffreguidão em occupar o throno!... *(Dolorosamente)* Possa ao menos valer-me ante a colera divina a sinceridade com que eu lh'o queria entregar, para me penitenciar de minhas faltas, e o sacrificio que faço continuando a occupal-o, até que o tenha regenerado...

O PAGEM, entra e annuncia

Sua Alteza o Principe D. João...
(D. Manuel senta-se)

O PRINCIPE D. JOÃO encaminha-se para D. Manuel, parando a pequena distancia

Chamou-me Vossa Alteza... Eis-me aqui, senhor!

D. MANUEL, severamente

Sou vosso rei e vosso pae!... Cumpri em primeiro logar o que deveis... *(Estende-lhe a mão que o Principe beija ajoelhando)*

O PRINCIPE D. JOÃO, humildemente

Perdoae, senhor pae! meu esquecimento...

D. MANUEL, reprehensivo

Sim! Esquecido andaes de vossos deveres... Quem vos acompanhava quando ha pouco me procurastes?

O PRINCIPE D. JOÃO, receioso

D. Luiz da Silveira e D. Antonio de Athayde...

D. MANUEL

O primeiro, nomeei-o eu vosso guarda mór... O segundo, o que representa junto a vós?

O PRINCIPE D. JOÃO

Senhor! é meu amigo...

D. MANUEL, severamente

E, como aquelle, vosso mentor e ambos vossos perfidos conselheiros!

O PRINCIPE D. JOÃO, confuso

Que dizeis, senhor pae!

D. MANUEL

Porque não esperastes como vos ordenei? *(O Principe fica silencioso)* Respondei!

O PRINCIPE D. JOÃO, timidamente

Não pensei que fosse uma ordem, o que o pagem me dizia da parte de Vossa Alteza...

D. MANUEL, erguendo-se colerico

Não aggraveis a culpa faltando á verdade!... Dizei, o que vos aconselharam vossos amigos?...

O PRINCIPE D. JOÃO

Senhor! Não devo compromettel-os, como o pagem me comprometteu...

D. MANUEL, *mais colerico*

O pagem fallou, porque assim lh'o ordenei... Obedeceu melhor ao rei, sendo pagem, do que vós, que sois principe, obedeceis ao pae! Não quereis repetir suas palavras? Sei-as eu! É quanto basta... O que vinheis fazer procurando-me?

O PRINCIPE D. JOÃO

Tomar meu logar no conselho!...

D. MANUEL, *novamente irritado*

Mas qual logar?! Não sabeis que só tendes assistido aos conselhos porque eu vos chamo?! Foram tambem taes mentores que a isso vos induziram, não obstante o que vos mandei dizer pelo secretario?!

O PRINCIPE D. JOÃO, *submisso mas apparentando firmeza*

Vossa Alteza deve reconhecer, que, embora seja por mercê de El-Rei que ali tenho concorrido, deliberar o conselho agora sem eu ser chamado, é para mim desconsideração... Que fiz eu para a merecer?

D. MANUEL

Consultae a consciencia... Ella vol-o dirá!... Contra o que vós e os vossos máus conselheiros pensaes, eu de tudo tenho conhecimento. *(Grande receio manifestado pelo Principe)* Apesar do que os vossos amigos pensam, desejam, e proclamam, o rei sou ainda, e elles o conhecerão, porque ainda hoje os farei desterrar...

O PRINCIPE D. JOÃO, *lançando-se aos pés de D. Manuel*

Perdão! senhor pae! Castigae só a mim, que sou o maior culpado! Vós bem conheceis as fraquezas dos homens da côrte... Não podeis estranhar que elles me adulassem, julgando-me já rei!...

D. MANUEL, commovido, faz erguer o Principe,
e depois, buscando serenar

Sei o que me cumpre fazer... Se quereis moderar a minha justa colera, emendae-vos... Segui meus preceitos, dizei-me toda a verdade... O que tendes feito por seus conselhos?...

O PRINCIPE D. JOÃO, de olhos no chão, e enleiado

Só lhes lavrei promessas de mercês para quando cingisse a corôa, e de que viveria mais com a côrte do que com o povo... ao contrario do que vós fazeis, que os desgosta...

D. MANUEL, pondo as mãos na cabeça, aterrado

E vós não percebeis, filho, que n'essas duas simples promessas, vos levavam a destruir a obra de vosso pae?! Pois vós, a quem eu julgava amadurecido e habil para reinar! não comprehendeis que o povo tem a sua politica e os seus interesses, que são diversos dos da côrte, assim como os da côrte são diversos dos nossos interesses e da nossa politica de reis?! Eu bem sei que me chamam soberano ingrato, que não recompenso meus servidores! Eu bem sei que me chamam perdulario quanto ao fausto real, e mesquinho nas larguezas á fidalguia... Embora! Um dia a historia fará justiça a todos nós! O primeiro dever de um rei é elevar a nação!... Isso tenho feito... Portugal nunca teve tanto poder e tamanha gloria, como n'estes dias!... O segundo é consolidar o poder real! D. Affonso, o V, foi escravo da nobreza; D. João, o II, para dominar a nobreza, tornou-se servo do povo!... Eu, nem tenho sido escravo de uma, nem servo do outro! Aqui tendes, meu filho, porque a nobreza me chama ingrato e aváro, e tem ciumes do povo, ao passo que o povo clama pela sua parte, que nunca o poder dos estados geraes foi menor do que é hoje! É que entre essas duas classes da nação,

mais alta e mais emancipada do que nunca, está a auctoridade real! Foi essa que vós ingenuamente promettestes abater... A vossa desculpa está na vossa pouca idade... Mas D. Manuel ainda é rei... elle defenderá a sua corôa, que ámanhã será a vossa! Sei agora o que devo fazer... Ide, Principe, e na falta de taes conselheiros, que vou afastar de vós, aprendei ainda com os mestres que vos dei, o dr. Luiz Teixeira e o bispo de Tanger, que muito tendes que aproveitar com suas lições... *(O Principe ajoelha e beija-lhe a mão)* Que Deus vos abençoe! *(O Principe sáe vagarosàmente, cabisbaixo, emquanto D. Leonor entreabre uma porta da esquerda, esperando que elle sáia para entrar)* Ainda bem que viestes, senhora irmã! Ía mandar-vos chamar *(Desalentado)* Mais do que nunca, preciso de vossos conselhos, e de vosso conforto na minha dôr!

D. LEONOR

Comprehendo-a e avalio-a, senhor irmão, porque tudo ouvi... Só tendes um caminho a seguir, afastae os máus conselheiros do Principe, e trazei-o ao bom caminho...

D. MANUEL, com tristeza

Assim farei, por muito que me custe... Mas tenho o coração despedaçado, trava-se n'elle uma lucta terrivel... Ouvistes o que disse a meu filho, mas não o que os do conselho me disseram... Ignoraes as difficuldades que o rigor de que tenho de usar traz á politica do rei e aos sentimentos do pae...

D. LEONOR

Que disseram pois? Que difficuldades são essas?

D. MANUEL

As que se ligam ao casamento projectado para o Principe... Os do conselho entendem que o modo de as conjurar, é casar eu com a Infanta D. Leonor para elle pedida!

D. LEONOR, **não podendo conter um gesto de repulsão**

Oh! *(Contrafazendo-se e dominando-se)* Explicae-me os motivos...

D. MANUEL, **senta-se e convida-a a imital-o; depois de reflectir alguns momentos**

Carlos o I acaba de chegar de Flandres a Castella. Tenho que o mandar cumprimentar, e concluir o que está tratado quanto ao seu casamento com minha filha D. Izabel, e do Principe com sua irmã a Infanta D. Leonor... Carlos o I, que se prepara, como neto dos reis catholicos, para ser eleito imperador da Allemanha, afastando a concorrencia de Francisco o I, de França, busca n'esses casamentos a força que lhe dará a união com Portugal, e o modo de se valer da minha fazenda... Se a Infanta não se unir ao Rei de Portugal, não quererá elle tambem por esposa minha filha... O meu dever de pae encontra-se, pois, no dilemma, ou de tomar para mim, se continúo reinando, a esposa pedida para meu filho, ou quebrar uma alliança tão vantajosa para minha filha, que viria a ser rainha de Hespanha e imperatriz da Allemanha!

D. LEONOR

Sim, é apertada contingencia...

D. MANUEL

Se não dou esta severa lição a meu filho, se lhe entrego a corôa, ámanhã, senhor do poder, e escravo dos conselheiros que já o dominam, destruirá a minha obra! Oh! cruel irrisão, tal é a realidade final do meu reinado tão glorioso e tão invejado! Que farei? senhora irmã!

D. LEONOR, **depois de reflectir**

Não me atrevo a aconselhar-vos em tão grave assumpto... Comprehendo e avalio a lucta que se trava no vosso peito, porque fui mãe e sou rainha que ainda

préza a gloria de Portugal, e não deseja ver o reino perdido... *(El-Rei ergue-se, a Rainha faz o mesmo, e caminha para elle enxugando as lagrimas e toma-lhe as mãos)* Mas arrependo-me de ter concorrido para vos elevar ao throno, porque assim fui indirecta causadora das vossas desventuras de pae...

D. MANUEL, commovido e desesperado

Ah! antes eu fosse toda a vida duque de Beja...
(Entra Antonio Carneiro, que parece querer sair outra vez)

D. LEONOR

Ficae, Antonio Carneiro... El-Rei de certo o permitte, e eu não tenho reservas para vós... *(Ao Rei)* Senhor Rei e irmão! sois na verdade ainda mais desditoso do que o foi a Rainha D. Leonor... Um desastre arrebatou-lhe o filho, viu-o morto!... mas não o vi prestes a perder-se, como D. Manuel vê o seu herdeiro!... Tendes de tomar uma resolução... O conselho que a mãe e irmã vos não póde dar, *(Indicando Carneiro)* ahi tendes quem vol-o dará: o vosso mais esclarecido servidor! o vosso mais leal amigo!...

ANTONIO CARNEIRO, inclinando-se ante a Rainha

Ah! senhora! que tamanha bondade usaes para commigo...

D. MANUEL

Sim! dizeis bem, senhora irmã... Exponde vós mesma a questão a Antonio Carneiro...

ANTONIO CARNEIRO

Senhor! Não é preciso, sei o que os do conselho vos disseram... Avalio o lance apertado em que vos encontraes... Mas, como sempre vos tenho dito, El-Rei é, antes de tudo, o pae da nação! Antes mesmo, até, de ser o pae de seu filho!... Não pedia Vossa Alteza a

Deus a expiação de suas culpas? Ahi a tendes, senhor! Casando com a esposa destinada a vosso filho, attendendo á rasão de estado, não vol-o escondo, attrahireis o odioso sobre o vosso caracter de homem e de pae... N'isso está o sacrificio... Só a vossa consciencia póde ser juiz em uma tal questão: se não conheceis a Infanta, se não sois impellido para ella por nenhum sentimento de paixão, sacrificae-vos, deixae-vos condemnar pelas apparencias, assegurae o futuro de vossa filha, e a historia um dia, quando bem avaliar as causas do vosso proceder, e o proceder do vosso herdeiro, reconhecerá que arrostastes com o odioso para o corrigir e lhe conservar o throno...

D. LEONOR

Antonio Carneiro! acabaes de traduzir os pensamentos que eu me não atrevia a revelar a El-Rei. *(A D. Manuel)* Que dizeis, senhor?!

(D. Manuel permanece pensativo e silencioso)

ANTONIO CARNEIRO

Senhor! Descei ao fundo da vossa consciencia e do vosso coração...

D. MANUEL

Ah! uma e outro estão tranquillos... Jámais vi a Infanta!... é-me completamente estranha...

ANTONIO CARNEIRO

N'esse caso, não tendes que hesitar...

D. MANUEL, como quem toma uma resolução

Seja pois como dizeis... Deus e a historia me julgarão... *(A Antonio Carneiro)* Expedi as ordens para que D. Luiz da Silveira e D. Antonio de Athayde, os máus conselheiros do Principe, sáiam para o exilio, e Alvaro da Costa irá a Saragoça tratar com Carlos o I as alterações aos casamentos propostos...

ANTONIO CARNEIRO

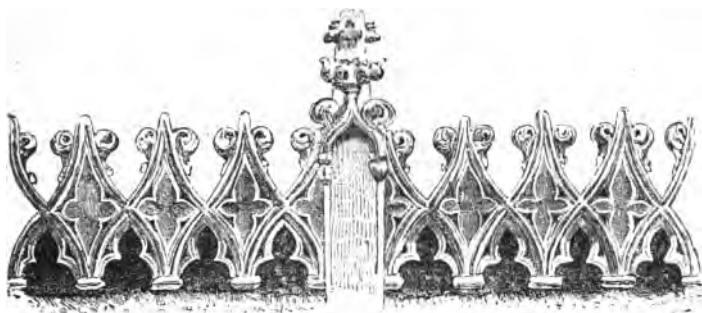
Senhor! Acompanhae taes resoluções com um acto de clemencia... Perdoae a Fernão de Magalhães, deixae-o voltar á côrte... Attendei a que desgostado pensa em partir para Castella a offerecer ao rei o seu plano de navegação, segundo o qual, partindo dos mares das Indias Orientaes, projecta dar uma volta á roda da terra e voltar pelos mares das Indias do Occidente...

D. LEONOR

Seria uma nova e grande gloria para vós, senhor!

D. MANUEL, tristemente

A gloria já não seduz El-Rei D. Manuel... A sua gloria está na India!... A ella é preciso attender, e para isso, procurae que D. Vasco da Gama volte á côrte...

DESCE UM PANNO TALÃO.

QUADRO SEGUNDO

Terraço em fórma de baluarte no paço da Ribeira, dando sobre o Tejo. Parte do baluarte, á esquerda, acha-se atapetada, elevando-se um throno com docel, e sobre elle duas cadeiras encimadas pelo escudo de D. Manuel. Aos lados do throno, no segundo degráu, uma cadeira, á direita, destinada ao Principe, e no degráu seguinte outras, dos dois lados, para as Infantas e Infantes. Á frente do throno, quasi a meia scena, um tamborete destinado ao embaixador da republica de Veneza. Sobre o terraço estende-se um toldo de damasco, suspenso em hastes que se elevam das ameias, das quaes pendem bandeiras, e no do centro o estandarte real.

Fidalgos, olhando attentos para o rio.

GIL VICENTE, dirigindo-se a um grupo de fidalgos

Eia! senhores chronistas! aparae as vossas mais ricas pennas, que hoje tendes assumpto brilhante, sobre que tomeis notas para quando mais tarde escreverdes a historia d'este glorioso reinado!

RUY DE PINA

Por minha fé! tendes rasão Gil Vicente! e sinto apenas que tão velho esteja e cansado, que não disponha de

forças e vida para escrever a chronica de El-Rei D. Manuel... Mas escrevel-a-hão por certo estes que me rodeiam. *(Indicando os que o cercam)* João de Barros, Garcia de Resende, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes, esperanças das letras patrias!

GARCIA DE RESENDE

É dever contar á posteridade o grande reinado de D. Manuel.

DAMIÃO DE GOES

Dos seus mais bellos dias é este de hoje, em que o embaixador da republica de Veneza virá saudar o actual senhor do commercio do Oriente, que era morgadio dos turcos.

JOÃO DE BARROS

Sim, depois que D. Vasco da Gama descobriu a India Oriental e que Affonso de Albuquerque fundou o imperio portuguez no Oriente, debalde o sultão do Egypto e a republica de Veneza têem pretendido que as ricas especiarias e as preciosidades da Asia sigam, como antigamente, o caminho do Levante.

RUY DE PINA

Calicut e Cambaya são nossas, como nossos são todos os reinos da India Oriental; n'elles temos fortalezas que protegem as nossas feitorias, e de lá partem, não já para a Alexandria, mas para esta formosa Lisboa, os ricos carregamentos...

(Chega Antonio Carneiro)

FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA

Por isso, n'este dia propicio, ahi vemos nas aguas do Tejo a esquadra com que a senhoria de Veneza manda um embaixador a El-Rei de Portugal, a pedir-lhe licença para as suas náus de commercio aqui virem carregar...

ANTONIO CARNEIRO

Folgo de vos ouvir, Fernão Lopes de Castanheda! A minha alma exulta vendo-vos assim apreciar a obra de El-Rei e de seus descobridores e capitães! Escrevei-o vós todos nas paginas da historia, para que a posteridade um dia julgue o nosso tempo com justiça, e não veja só nossos defeitos! Fazei que ella reconheça que em todo o reinado de D. Manuel não ha uma só das luctas civis que nos anteriores foram frequentes! Que no meio das guerras travadas entre as nações da Europa, El-Rei, sem n'ellas envolver Portugal, tem sabido fazel-o respeitar por todas, e as tem levado comsigo á peleja, quando se trata de combater o turco, ameaça constante da christandade e do nosso commercio e poder de alem-mar! Desenvolver esse commercio, e augmentar o poder de Portugal na Africa e na Asia, era o caminho que D. João o II lhe deixou traçado, e El-Rei, nosso senhor, tem seguido!...

RUY DE PINA

Com gloria e proveito para o reino.

ANTONIO CARNEIRO

A historia um dia deverá reconhecer que, se as riquezas do Oriente têem sido causa dos erros e desmandos dos homens do nosso tempo, com ellas tambem o reino se tem engrandecido por mil fórmas, nas artes e nas sciencias, com ellas se tem elevado grandiosos monumentos, que attestarão aos seculos futuros a immorredoura gloria do reinado em que foram descobertas as Indias do Oriente e do Occidente!... Vós, senhores! que haveis de escrever a historia, se fordes justos, bem vos comprehenderá a posteridade quando volvidos seculos o mundo recordar com admiração os feitos de Vasco da Gama, de Pedro Alvares Cabral, de

Affonso de Albuquerque, e de tantos outros heroes portuguezes! *(D. Vasco da Gama chega acompanhado por Pero de Alcaçova Carneiro. O seu apparecimento, por que Antonio Carneiro não dá, causa sensação, e todos o saúdam respeitosamente)* e o povo portuguez fôrem piedosa romaria ao maravilhoso mosteiro de Santa Maria de Bethelem! prestar homenagem á gloriosa descoberta da India!

D. VASCO DA GAMA

Sr. secretario! Vasco do Gama acaba de ouvir o honroso panegyrico que em parte lhe destinaes! *(Apertando-lhe a mão)* Do coração vos agradece, e julga dever dizer, pela sua parte, aos chronistas: *(Voltando-se para os homens de letras e indicando Antonio Carneiro)* Registae tambem, como é de justiça, entre os melhores servidores de El-Rei, nosso senhor, aquelle que bem podemos chamar o seu grande ministro!

(Signaes de approvação geral)

ANTONIO CARNEIRO

Oh! sr. conde da Vidigueira! grande honra fazeis a Antonio Carneiro, e maior satisfação só lhe póde causar ver-vos finalmente na côrte. *(Ouve-se musica distante)* Ouvis? senhores! São os bateis do Rei que se approximam... D. Manuel deseja que desçaes aos jardins a esperar o embaixador da senhoria de Veneza.

(Todos sáem, menos D. Vasco da Gama e Pero de Alcaçova Carneiro)

D. VASCO DA GAMA

Explicae-me agora, sr. secretario! o vosso empenho para que viesse á côrte n'esta occasião...

ANTONIO CARNEIRO

Já vol-o digo... *(A Pero de Alcaçova Carneiro)* Ide a El-Rei que vos espera *(Pero de Alcaçova Carneiro sáe; a D. Vasco da Gama)* Não calculaes, pois, qual seja a minha intenção? Congraçar-vos com El-Rei...

D. VASCO DA GAMA

Sabeis o que se tem passado... Ha annos, quiz tomar posse do senhorio da villa de Sines, de que El-Rei me dera «carta de promessa», e D. Manuel mandou-me saír d'ella... Aggravado me senti, afastei-me da côrte, e cheguei a pedir a El-Rei licença para saír do reino com minha familia... Recebi alternadamente desconsiderações e mercês; agradeci estas e reagi contra aquellas... Revoltou-me, porém, a fórma por que os favoritos da côrte levaram El-Rei a aggravar Affonso de Albuquerque... Entendi não recuar pela minha parte ante elles, e, como me não visse attendido, quiz saír do reino...

ANTONIO CARNEIRO

D. Manuel respondeu-vos marcando um praso para reflectirdes sobre tal resolução, e felizmente desististes...

D. VASCO DA GAMA

Só o fiz para não seguir o triste exemplo de Fernão de Magalhães, indo por despeito offerecer seus serviços a Carlos o V...

ANTONIO CARNEIRO

Não esperava outra cousa de vós... E por isso agora mandei meu filho procurar-vos a Evora, porque a patria de vós precisa.

D. VASCO DA GAMA

Aqui me tendes pois, mas comprehendeis que a minha situação é difficil... El-Rei, logo que desisti de saír do reino, magnanimamente «me castigou», dando-me ao mesmo tempo satisfação: fez com que o duque de Bragança me vendesse os seus dominios na Vidigueira, e elevou-me a conde... Agradeci-lhe a honra, mas não desconheci a reprehensão, e tenho-me conservado afastado... Como quereis que me apresente a El-Rei? Como serei recebido? Se vosso filho não tivesse invocado a causa santa da patria, não teria vindo...

ANTONIO CARNEIRO

El-Rei vos receberá de braços abertos! A vossa presença na côrte realisa os seus mais ardentes votos... Escutae-me e tudo comprehendereis...

D. VASCO DA GAMA

Fallae, sr. secretario!

ANTONIO CARNEIRO

Nobre conde da Vidigueira: a gloria de D. Manuel e o poderio d'estes reinos tocam o seu apogéu! Portugal acaba de conseguir novos successos na Africa. Jorge de Quadros lá anda com uma esquadra no Zaire, e depois irá á Abyssinia. No Oriente submettemos todos os potentados que se haviam rebellado depois da morte de Albuquerque; a rainha de Coulão, os reis de Pegú e Bantan pediram pazes... Todas as côrtes da Europa mandam a Lisboa embaixadores; o duque de Saboya pediu a Infanta D. Beatriz em casamento; a Infanta D. Izabel será esposa de Carlos o V, imperador da Allemanha e rei de Castella... Os castelhanos, descontentes do imperador, e contra elles rebellados, chegaram a offerecer aquella corôa a D. Manuel, mas El-Rei, dando uma nobre lição a seu futuro genro, que escutára Fernão de Magalhães, que o induzia a arrogar-se direitos á India, nem os quiz ouvir, aconselhando-lhes a submissão ao seu rei... Finalmente, a senhoria de Veneza, manda aqui um embaixador, para que El-Rei lhe conceda que os seus navios venham abastecer-se a Lisboa das fazendas e especiarias do Oriente, de que ella e o sultão do Egypto tinham outr'ora o monopolio... Não obstante, El-Rei, anda inquieto e apprehensivo, porque sabe quantas invejas desperta a sua grandeza nas demais nações, e como ambicionariam destruir a sua obra repartindo-a entre si... Demais, convenceu-se de que não viverá muito, e receia que D. João o III não tenha pulso

bastante firme para conjurar taes perigos... Todo o seu empenho é, pois, rodeal-o dos mais experimentados servidores, no reino e nos dominios de alem-mar. Comvosco, nobre conde almirante! quizera contar pelo que respeita á India.

D. VASCO DA GAMA

De mim póde El-Rei dispôr, como e quando entender.

(Chegam Pero de Alcaçova Carneiro e D. Manuel, do lado para o qual D. Vasco da Gama tem as costas voltadas)

ANTONIO CARNEIRO, com satisfação mostrando D. Manuel

Dizei-o vós mesmo a El-Rei!

(D. Vasco da Gama, surprezo e commovido, descobre-se e ajoelha, beijando a mão a D. Manuel)

D. MANUEL

Seja bem vindo á côrte, o conde da Vidigueira!

D. VASCO DA GAMA, ajoelhado

Senhor! disponde da minha vida hoje, como quando me mandastes na viagem da descoberta!

D. MANUEL

Ah! Socegaes-me o coração!

D. VASCO DA GAMA

Affonso de Albuquerque lá dorme o somno eterno em Goa; o descobridor, deve ir repousar ao lado do conquistador! Eu irei morrer á India, e ambos do tumulo guardaremos os dominios gloriosos do Oriente!

D. MANUEL

E eu poderei repousar tranquillo no meu tumulo dos Jeronymos...

ANTONIO CARNEIRO

Senhor! este dia é de jubilo; bani, pois, tristes pensamentos... Sempre inquieto pelo futuro do reino, porque pensaes que morrereis antes de nós, sendo mais moço?

D. MANUEL

Porque assim m'o diz o coração. Mas socegado estou agora... Vós cá ficareis para aconselhar D. João o III... Prouvera a Deus que D. Manuel tivesse um herdeiro em quem podesse descansar, como vós, Antonio Carneiro! podeis descansar em vosso filho...

PERO DE ALCAÇOVA CARNEIRO

Ah! senhor, quão bondoso sois...

D. MANUEL

Averiguei bem *(Dirigindo-se a Antonio Carneiro)* como o vosso embaixador junto do conde da Vidigueira, soube convencel-o a que o seguisse á côrte... Continuae a darlhe as vossas lições, para que um dia seja, ao lado de D. João o III, o digno successor de seu pae! *(Ouve-se musica proxima, começa a entrar a côrte. D. Manuel tomando D. Vasco da Gama pela mão apresenta-o a sua esposa a Rainha D. Leonor, que chega da direita, acompanhada pela Infanta D. Izabel e seguida pelo Principe D. João e pelos Infantes D. Affonso, cardeal, D. Luiz e D. Fernando)* Permitti, senhora! que vos apresente o conde da Vidigueira!

D. LEONOR

Sou feliz em ver emfim na côrte o descobridor da India.

D. VASCO DA GAMA, ajoelhando e beijando a mão á Rainha

Perdoae-me, senhora! se ha mais tempo não vim saudar a Vossa Alteza!...

D. LEONOR

Perdoado sereis! conde almirante! comtanto que não vos exileis de novo em Evora...

D. VASCO DA GAMA

Cumprirei vossas ordens, senhora!

D. MANUEL, ao conde de Tarouca

Conde mordomo mór! introduzi o embaixador da republica.

(O conde de Tarouca sáe pela esquerda. O Rei e a Rainha tomam logar no throno. Na cadeira á direita do Rei, mas collocada no segundo degráu, senta-se o Principe D. João; nas do degráu seguinte as Infantas e nas correspondentes a estas, á esquerda da Rainha, os Infantes, em primeiro logar o cardeal D. Affonso; depois a seguir, formando parede fóra do throno, o mordomo mór, D. Antonio de Noronha, escrivão de puridade, e o conselho do Rei: D. Diogo de Sousa, arcebispo de Braga, D. Diogo Ortiz, bispo de Vizeu, o conde de Villa Nova, D. Diogo Lobo, barão de Alvito, e D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso. A seguir D. Vasco da Gama)

O CONDE DE TAROUCA, entrando

Senhor! o embaixador da republica de Veneza!

(Alexandre de Pesaro, embaixador de Veneza, entra seguido pelo seu sequito. Os Reis e Infantes levantam-se. O embaixador approxima-se do throno saudando D. Manuel profundamente; os do seu sequito ficam a distancia. D. Manuel senta-se, bem como a Rainha e Infantes)

D. MANUEL, indicando o tamborente ao embaixador

Tomae assento, sr. embaixador!

ALEXANDRE DE PESARO, depois de se ter sentado

Grande Rei! A senhoria de Veneza me envia ante vós a saudar-vos, e a offerecer-vos o testemunho da amisade e respeito que vos presta, como ao maior Rei da christandade! Grata aos auxilios que por vezes as armadas de Vossa Alteza lhe têem prestado na guerra contra os infieis, desejaria a republica de Veneza estreitar mais as relações de amisade e commercio com Portugal. Por isso me encarregou tambem de pedir a Vossa Alteza a confirmação dos privilegios que já lhe tendes concedido, e a celebração de um contrato de commercio mediante o qual os navios venezianos possam vir a Lisboa abastecer-se das especiarias e fazendas do Oriente.

D. MANUEL

Sr. embaixador!... Grande honra me faz a senhoria de Veneza, mandando-me cumprimentar por tão

illustre capitão como vós sois, Alexandre de Pesaro! Espero que me dareis a satisfação de por algum tempo vos demorardes n'esta côrte. Ouvirei entretanto o meu conselho sobre as propostas que me apresentaes em nome da republica de Veneza, as quaes tomo na devida consideração.

ALEXANDRE DE PESARO

Senhor! Permitti que deponha em vossas reaes mãos os apontamentos que a senhoria de Veneza vos envia sobre os negocios que, na qualidade de seu embaixador, terei a tratar na vossa côrte, e que recolha aos meus galeões a expedir para Veneza a grata nova da audiencia com que Vossa Alteza me honrou.

D. MANUEL, **descendo do throno e entregando a mensagem a Antonio Carneiro**

Ide na guarda de Deus, sr. embaixador! e acceitae o convite que vos faço para o saráu com que esta noite festejarei a vossa chegada a Lisboa.

ALEXANDRE DE PESARO

Senhor! Não faltarei a receber tão insigne honra, que Vossa Alteza em sua bondade me quer conceder.

(O embaixador sáe, acompanhado pelo conde de Tarouca e pelo seu sequito)

D. MANUEL, **passado um momento depois do embaixador saír**

Ah! dia festivo deve ser para nós este, em que a senhoria de Veneza reconhece que o commercio do Oriente, outr'ora feito por Alexandria, é hoje apanagio de Portugal! São os fructos da vossa obra, D. Vasco da Gama!

D. VASCO DA GAMA

Não só minha, senhor! mas vossa tambem, e de todos os vossos servidores no Oriente, entre elles muitos nobres cavalleiros que estão presentes...

D. MANUEL

Sim, a todos é grato o Rei de Portugal, e porque em muito apreço tem o resultado de seus trabalhos, não concederá á senhoria de Veneza o que ella deseja! *(Signaes de approvação geral. Voltando-se para os do conselho)* Não achaes, senhores, do meu conselho! que assim devo fazer?

D. ANTONIO DE NORONHA

Senhor! Creio poder responder-vos pelo vosso conselho, que bem avisado andareis.

(Signaes de approvação dos do conselho)

D. MANUEL, a Antonio Carneiro

E vós, sr. secretario! qual é o vosso parecer?

ANTONIO CARNEIRO

Senhor! Não só deveis recusar o que a republica de Veneza vos pede, mas guardar, com mais cuidado do que nunca, a India! essa perola do Oriente, a mais valiosa da vossa côrte!

D. MANUEL

Sim, Antonio Carneiro! comprehendo o que quereis dizer, e ufano-me por agora demonstrar na presença da côrte como sigo o vosso conselho! *(Ao Principe)* Approximae-vos, Principe D. João, futuro Rei de Portugal! e ouvi-me.

O PRINCIPE D. JOÃO, approximando-se

Escuto-vos, senhor!

D. MANUEL

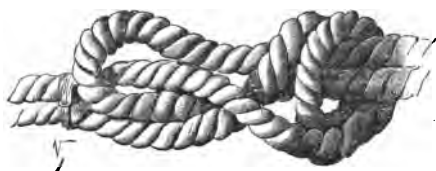
Se quando terminar o governo de D. Duarte de Menezes, eu não fôr já n'este mundo, vós mandareis á India, com os mais altos poderes de vice-rei! aquelle que bem saberá guardal-a e defendel-a contra a cubiça de

estranhos: *(Indicando Vasco da Gama)* D. Vasco da Gama! conde da Vidigueira! àlmirante do mar da India! e da India o glorioso descobridor!

O PRINCIPE D. JOÃO

Assim farei, senhor rei e pae!

(D. Vasco da Gama ajoelha, querendo beijar a mão a D. Manuel, que o ergue e abraça)

O PANNO DESCE LENTAMENTE.

Acabou de imprimir-se

Aos 31 dias do mez de março do anno

MDCCCXCVIII

NOS PRELOS DA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA